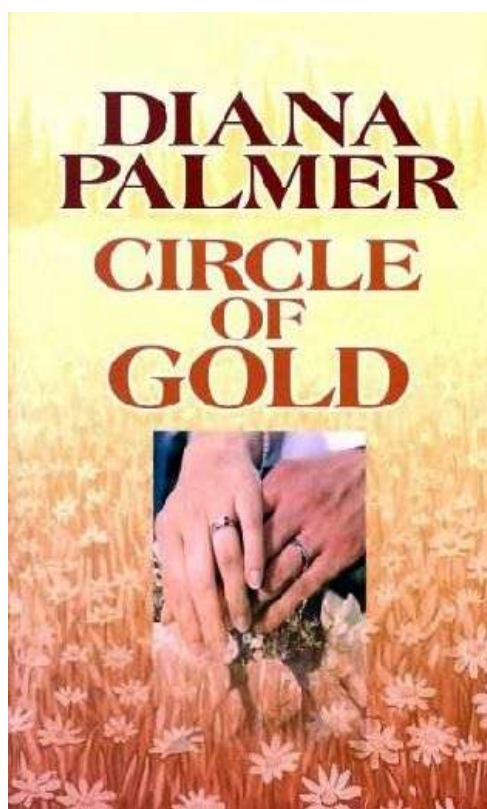




Círculo De Ouro

— Gil Callister e Kasie Mayfield —

(Circle Of Gold)
Diana Palmer
Irmãos Callister 1



Faíscas voaram no momento em que Kasie Mayfield chegou ao vasto rancho em Montana de Gil Callister para cuidar temporariamente de suas duas adoráveis filhas.

Contudo, nunca em seus sonhos mais selvagens a inocente jovem imaginou que seu formidável novo chefe a faria tirar os pés do chão com seu potente charme. Em pouco tempo ela estava tão profundamente apaixonada que fazia seu coração doer. Mas como ele se sentia? O enigmático rancheiro era muito difícil de interpretar. Entretanto ela não conseguia se imaginar passando seus dias ou noites com ninguém mais, além de Gil. Será que Kasie conseguiria convencer o contido viúvo que um círculo de ouro... pertencia ao dedo dela?

Disponibilização/Tradução/Revisão: Rosilene Xavier

Revisão Final/Formatação: Suelen Mattos

Tiamat-World





Comentário da Revisora Rosilene: *Gil é o típico machão texano, briguento, mandão, aproveitador e pobres virgens inocentes... kkkk. O livro não tem cenas picantes (mais parece um florzinha), ficam só nos beijos (morninhos) pois a mocinha foi criada pela tia que é freira...imagina só. É a típica mocinha DP, virgem, tímida, que aguenta todos os desaforos (dele e da rival) calada e ainda é capaz de se apaixonar pelo bobalhão. Ai, ai, e eu ainda gostei da história... KKKKKKKKK. Essa foi minha primeira revisão do inglês, perdoem qualquer deslize.*

Irmãos Callister:

- 1- Círculo De Ouro (*Circle of Gold* – 2000) Gil Callister & Kasie Mayfield
- 2- Diamante Bruto (*Diamond In The Rough* – 2009) John Callister & Cassandra “Sassy” Peale

Capítulo 1

Kasie Mayfield estava excitada. Seus olhos cinza estavam reluzentes de alegria enquanto se sentava na espaçosa sala de estar no Rancho Double C em Medicine Ridge, Montana. Havia uma vaga para secretária disponível no enorme Rancho Double C, e ela tinha as qualificações necessárias. Tinha somente vinte e dois anos, porém possuía um certificado da escola de secretariado e muita iniciativa. Além de tudo isso, a vaga era para secretária de John Callister, o segundo filho da conhecida família que dirigia não só um império editorial em Nova York, mas também um império de gado no Oeste.

Havia uma história bem interessante sobre o rancho em uma revista que Kasie estava lendo enquanto esperava sua vez de ser entrevistada. Os Callisters mais velhos viviam em Nova York, onde publicavam, entre outras, uma famosa revista de esportes. Quando não estavam na cidade, viviam na Jamaica em uma propriedade ancestral. O Callister que fundara o ramo americano da família fora um duque britânico. Comprou uma pequena revista obscura em Nova York em 1897 e a converteu num conglomerado editorial. Um de seus filhos tinha emigrado para Montana e fundado o rancho. Ele, eventualmente, passou para Douglas Callister, que criara os rapazes, Gilbert e John. Ninguém falava sobre o porquê do tio ter a custódia de ambos os rapazes e ter lhes deixado o rancho ao morrer. Presumivelmente se tratava de algum segredo sombrio de família. Ao que parecia, não havia muito contato entre os filhos e seus pais.

Gilbert, o mais velho com trinta e dois anos, ficara viúvo há três anos. Tinha duas filhas pequenas, Bess, com cinco anos, e Jenny, com quatro. John nunca se casara. Ele era um campeão de rodeio e fazia a maior parte das viagens que eram associadas às exposições dos bovinos pretos Angus, de raça pura, premiados do rancho. Gil era o poder do império. Ele era uma espécie de gênio do marketing, lidava com negócios de exportação e integrava a junta de duas corporações multinacionais. Mas principalmente cuidava do rancho, todos os trinta mil acres do mesmo.



Tinha uma fotografia dele na revista, mas não precisa dela para saber como ele era. Kasie tivera um vislumbre de Gil quando entrara na casa para esperar sua vez de ser entrevistada. Um vislumbre fora o suficiente. Chocou-a que um homem que nem ao menos a conhecia pudesse encará-la tão atentamente.

Uma mulher mais vaidosa poderia ter tomado aquilo como interesse masculino. Mas Kasie não tinha ego. Não, aquele homem loiro alto e magro não havia gostado dela e não fizera nenhum segredo disso. Seus lívidos olhos azuis sob aquela expressão pesada perfuraram sua pele. Ela não conseguiria o trabalho. Ele se asseguraria disso.

Olhou rapidamente para a mulher ao seu lado, uma gloriosa loira com grandes olhos castanhos e belas pernas cruzadas sob uma saia que ia até a coxa. Então olhou para seu próprio vestido azul sem mangas de comprimento até o tornozelo com uma blusa cinza simples que combinava com seus grandes olhos. Seu cabelo castanho estava preso numa longa trança que caía por suas costas. Usava apenas um batom em sua farta e delicada boca e nenhum ruge em suas bochechas. Tinha um rosto oval um tanto comum, um queixo pequeno e redondo e usava lentes de contato. Não era de qualquer modo bonita. Tinha uma bela figura, mas era tímida e não tirava o melhor de si. Era muito bom que tivesse boas habilidades em serviços de escritório, supunha, porque era altamente improvável que alguém quisesse se casar de verdade com ela. Pensou em seus pais e seu irmão e precisou lutar contra as lágrimas. Era tão cedo! Cedo demais, provavelmente. Mas o trabalho poderia distraí-la de pensar no que tinha acontecido...

— Srta. Mayfield!

Ela deu um saltou quando seu nome foi chamado num tom profundo e autoritário.

— Sim?

— Entre, por favor.

Colocou um sorriso no rosto enquanto apertava a pequena bolsa em suas mãos e entrou no escritório revestido, onde placas e fotos dos touros se alinhavam nas paredes, e os móveis de couro Borgonha rodeavam a grande mesa de mogno. Um homem estava sentado ali, com seus olhos claros penetrantes e atentos. Um homem loiro, com ombros largos e um rosto rígido e magro que parecia ser todo feito de rocha. Aquele não era John Callister.

Kasie parou em frente à mesa com o coração batendo disparado e não se incomodou em sentar. Gil Callister estava, obviamente, fazendo as entrevistas, e agora tinha certeza de que não conseguiria o trabalho. Conhecia John Callister da farmácia onde trabalhara brevemente como caixa, enquanto fazia cursos de secretariado. John tinha falado com ela, a provocara e até mesmo lhe contara sobre o trabalho de secretária. Ele teria lhe dado uma chance. Gil simplesmente a chutaria porta afora. Era óbvio que não gostava nem um pouco dela.

Gil jogou uma caneta sobre a mesa e apontou para a cadeira à sua frente.

— Sente-se.

Kasie sentiu-se vulnerável. A porta estava fechada. Ali estava ela, com um tigre faminto e não tinha para onde fugir. Mas sentou-se de qualquer maneira. Nunca deixaria que dissessem que não tinha coragem. Poderiam arremessá-la à arena e morreria como um verdadeiro romano... Ela se



sacudiu. Realmente deveria parar de ler Plínio¹ e Tácito². Esse era o novo milênio, não o primeiro século depois de Cristo!

— Por que você quer este emprego? — Gil perguntou áspera e diretamente.

Suas finas sobranceiras se ergueram. Não esperava por aquela pergunta.

— Porque John é uma gracinha? — ela se aventurou secamente.

A resposta pareceu surpreendê-lo.

— Ele é?

— Quando eu trabalhava na farmácia, John sempre foi amável comigo, — disse evasivamente.

— Ele me contou sobre o trabalho, porque sabia que eu estava terminando meu curso de secretariado na escola técnica profissionalizante. Obtive notas altas, também.

Gil franziu os lábios. Ainda não sorria. Desceu o olhar para o currículo que ela lhe entregara e o leu cuidadosamente, como se estivesse procurando por uma deficiência que pudesse usar para negar-lhe o emprego. Sua boca se transformou numa linha fina.

— Notas muito altas, — admitiu, com óbvia relutância. — Isto está correto? Você realmente consegue digitar 110 palavras por minuto?

Kasie concordou.

— Consigo digitar mais rápido do que tomar um ditado, na realidade.

Ele deixou o currículo de lado e se recostou.

— Namorados?

Ela ficou confusa. Seus dedos apertados em sua bolsa.

— Senhor?

— Quero saber se você tem algum envolvimento que poderia te fazer deixar o emprego num futuro próximo, — insistiu, e parecia estranhamente interessado na resposta.

Ela se remexeu inquieta.

— Só tive um namorado de verdade, embora ele fosse mais como um irmão. Ele se casou com minha melhor amiga há dois meses. Isso foi logo antes de me mudar para Billings, — ela acrescentou, mencionando a cidade vizinha, — para viver com minha tia. Então, não namoro muito.

Kasie estava tão desconfortável que quase se contorcia. Gil não sabia nada sobre seu passado, claro, ou não precisaria fazer tais perguntas. As mulheres modernas eram muito mais experientes que Kasie. Mas ela havia dito que John era uma gracinha. Enrubesceu-se. Oh, não! Por Deus, será que Gil achava que andava por aí seduzindo homens ou coisa assim? Será que era por isso que não a queria em sua casa? Sua expressão era mortificada.

Gil desviou os olhos.

— Você tem algumas referências de personalidades estranhas, — disse depois de um minuto, franzindo o cenho ao lê-las. — Um padre Católico, uma freira, um Texas Ranger e um milionário que veio do nada com suposta ligação ao crime organizado.

Kasie simplesmente sorriu, com acanhamento.

— Eu tenho amizades únicas.

— Você poderia colocá-las desse jeito, — disse, divertido. — O milionário é seu amante?

¹ **Plínio:** autor romano de história da natureza



Ela ficou vermelha e seu queixo caiu.

— Oh, inferno, não importa! — disse, aparentemente perturbado por ter feito esta pergunta e desconfortável com a reação que causou. — Isso não é da minha conta. Está bem, Kasie... — Ele hesitou. — Kasie. É abreviação de quê?

— Não sei, — ela falou sem pensar. — É meu nome verdadeiro.

Um de seus olhos se estreitou.

— O nome do milionário é K.C., — apontou. — E tem mais ou menos quarenta anos.

— Trinta e sete. Salvou a vida da minha mãe, enquanto estava grávida de mim, — disse finalmente. — Ele nem sempre foi um milionário.

— Sim, eu sei, era um soldado profissional, um mercenário. — Seus olhos se estreitaram ainda mais. — Quer me falar sobre isso?

— Na realidade não, — confidenciou.

Gil sacudiu a cabeça.

— Bem, no mínimo, será eficiente. Você também é bem menos uma distração do que o restante das outras. Não há nada que eu odeie mais que uma mulher que usa uma saia lá na calcinha para trabalhar e se queixa quando os homens a encaram se ela se curva. Temos códigos de vestimentas em nossas empresas e eles devem ser cumpridos – por ambos os sexos.

— Eu não tenho nenhuma saia que fique lá na minha... bem, não uso saias curtas, — ela soltou de uma vez.

— Já percebi, — ele disse, com um olhar deliberado para seu vestido longo.

Kasie remexeu em sua bolsa enquanto Gil voltava a ler o currículo uma última vez.

— Muito bem, Kasie, pode começar na segunda-feira às oito e meia. John lhe disse que o trabalho requer que more aqui?

— Não!

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Não no quarto dele, é claro, — acrescentou apenas para irritá-la, e depois pareceu satisfeito quando ela corou. — A senhorita Parsons, que é a responsável por cuidar das minhas filhas, vive aqui. Assim como a senhora Charters, que faz a comida e cuida da casa. Temos outra ajudante de meio-período que vem às vezes. Acomodações e refeições são fornecidas por nós, além de seu salário. — Ele mencionou uma cifra que fez Kasie querer se agarrar em algo. Era astronômica, em comparação ao que ganhava trabalhando na farmácia em meio-período. — Você será uma secretária particular, — acrescentou. — Isso significa que possa ser que tenha que viajar com a gente de vez em quando.

— Viajar? — Seu rosto se suavizou.

— Você gosta de viajar? — ele perguntou.

— Oh, sim. Amava quando eu era pequena.

Kasie se perguntou pelo olhar que Gil lhe deu, se ele supunha que os pais dela haviam sido ricos. Ele não poderia saber, claro, que ambos haviam falecido.

— Você quer o emprego? — perguntou.

— Sim, — ela disse.

² **Tácito** (55-120 d.C.), historiador romano



— Tudo bem. Vou dizer às outras que podem ir. — Gil ficou de pé, elegante e ágil, se movendo com uma graça que era inigualável no círculo de conhecidos de Kasie. Ele abriu a porta do escritório, agradeceu as outras jovens por terem vindo e disse-lhes que a vaga havia sido preenchida. Houve um barulho de passos, alguns murmúrios, e a porta da frente foi fechada.

— Venha, Kasie, — Gil disse. — Vou apresentá-la...

— Papai! — veio um choramingo do final do corredor. Uma garotinha com longos cabelos loiros desgrehados veio correndo e se jogou nos braços de Gil, soluçando.

Ele a pegou no colo, e todo o seu comportamento mudou.

— O que foi, bebê? —, perguntou no tom mais terno que Kasie já ouvira. — Qual é o problema?

— Eu e Jenny estávamos brincando com nossas bonecas no terraço e aquele cachorro malvado apareceu na varanda e tentou nos morder!

— Onde está Jenny? —, ele perguntou, imediatamente ameaçador.

Uma soluçante vozinha lhe respondeu enquanto a garotinha mais nova vinha andando com passos incertos pelo corredor esfregando os olhos com as mãozinhas sujas fechadas. Ela estendeu as mãos para Gil e ele a pegou, também, ignorando o vestido e as mãos sujas dela.

— Nada vai machucar meus bebês. O cachorro mordeu alguma de vocês? — Gil exigiu.

— Não, papai, — Bess disse.

— Cachorrinho mau! — Jenny choramingou. — Faça com que ele vá embora!

— Claro que farei — Gil disse asperamente, beijando as bochechinhas com tanta ternura que tocou o coração de Kasie.

A porta se abriu e John Callister apareceu no corredor, parecendo muito diferente do homem simpático que Kasie conhecera na farmácia. Seus olhos claros estavam brilhando em seu rosto magro, sombrio e seu semblante era homicida.

— Elas estão bem? — perguntou a Gil, parando para acariciar o cabelo das meninas. — Foi aquele vira-lata sarnento que Fred Sims insistiu em trazer com ele quando o contratamos. Fiquei entre ele e as meninas e tentou me morder também. Chamei Sims até a casa e lhe disse para se livrar dele e ele não quis, por isso está demitido.

— Aqui. — Gil entregou suas filhas ao seu irmão e começou a descer o corredor com passos rápidos e cadenciados.

John fitou-o enquanto se afastava.

— Talvez Sims chegue até o caminhão antes de Gil pegá-lo —, murmurou. — Mas não apostaria nisso. Os meus bebês estão bem? — ele perguntou, beijando suas bochechas um pouco úmidas enquanto as garotas se agarravam em cada ombro.

— Cachorrinho velho malvado, — Bess soluçou. — A nossa Missie nunca morde as pessoas!

— Missie é uma mine collie —, John explicou para uma silenciosa Kasie com um sorriso. — Ela vive dentro de casa. Nada como aquele cachorro vicioso que Sims mantém. Nós tivemos problemas com ele antes, mas Sims era tão bom com cavalos que toleramos isso. Não mais. Não podemos deixá-lo pôr as garotas em perigo.

— Se ele vem até a varanda e tenta mordê-las, não precisa ficar perto das crianças, — Kasie concordou.

As meninas olharam para ela com curiosidade.



— Quem é você? — Bess perguntou.

— Sou Kasie, — ela respondeu com um sorriso. — Quem é você?

— Sou Bess, — a criança respondeu. — Essa é Jenny. Ela tem apenas quatro anos, — acrescentou, indicando a criança menor, cujo cabelo era de comprimento médio e mais castanho claro do que loiro.

— Estou muito feliz em conhecer vocês duas —, Kasie disse, sorrindo calorosamente. — Vou ser a secretária do Sr. Callister, — ela acrescentou com um olhar de desculpas para John. — Sinto muito.

— Por que sente? — John perguntou divertidamente. — Eu só açoitado secretárias durante a lua cheia.

Os olhos de Kasie se enrugaram com alegria e ela sorriu.

— Gil não me deixa contratar as secretárias porque tenho um histórico ruim, — John confessou. — A última se revelou ser uma ladra de joias. Você, uh, não gosta de joias? — acrescentou deliberadamente.

Ela riu.

— Apenas bijuterias. E a menos que você as use, não devemos ter nenhum problema.

Houve uma comoção do lado de fora e John fez uma careta.

— Ele vai voltar sangrando, como de costume, — murmurou. — Eu apenas encaro as pessoas. Gil bate. — Ele deu um sorriso malicioso para Kasie. — Às vezes ele me bate, também.

As meninas riram.

— Oh, tio Johnny, — Bess provocou, — papai nunca bate em você! Ele nem mesmo bate em nós. Ele diz que criancinhas não devem *apanharem*.

— Apanhar, — Kasie corrigiu distraidamente.

— Apanhar, — Bess repetiu, e sorriu. — Você é legal.

— Você é também legal, preciosa, — Kasie disse, estendendo a mão para alisar o cabelo desgrehado no lugar. — Seus cabelos estão emaranhados.

— Você pode arrumar meu cabelo igual ao seu? — Bess perguntou, olhando a trança de Kasie. — E prendê-lo com uma fita cor de rosa?

A abertura da porta de trás encerrou a conversa. Gil voltou com sua camisa e jeans empoeirados e um corte no canto da boca. Quando chegou mais perto, enxugando o sangue, os nós dos dedos machucados e lacerados se tornaram visíveis.

— Chega deste probleminha, — disse com satisfação. Seus olhos ainda estavam brilhando com mau humor até que olhou para as meninas. A raiva foi drenada para fora de si e ele sorriu. — Pequenas sujinhas, — ele caçoou. — Vão buscar a Srta. Parsons para limpar vocês.

John as colocou no chão e Bess ergueu os olhos para seu pai acusatoriamente.

— A senhorita Parsons não gosta de criancinhas.

— Vão lá. Se ela lhes causar algum problema, venha me contar, — Gil disse a menina.

— Tudo bem, papai!

Bess pegou a mão de Jenny e, com um sorriso tímido para Kasie, arrastou a outra criança com ela até a escada em caracol.

— Elas já gostam de Kasie, — comentou John. — Bess disse...

— A senhorita Parsons cuida das meninas, — Gil disse abruptamente. — Mostre a Kasie como



mantemos os registros. Ela é boa com computador, além de suas habilidades para ditado. Deve ser capaz de passar todos os registros do rebanho para os disquetes pra você. Assim, poderemos nos livrar da confusão de papéis antes de acabarmos enterrados neles.

— Tudo bem, — John disse. Ele hesitou. — Sims saiu por bem?

— Claro, — Gil disse com facilidade. — Sem problemas. — Limpou o sangue de sua boca com um olhar malicioso para o irmão antes de se virar e subir a escada, atrás das crianças.

John apenas sacudiu a cabeça.

— Não tem importância. Venha, Kasie. Vamos começar.

Kasie se mudou para a casa naquele fim de semana. A maioria das coisas de seus pais, e as dela mesma, estava com Mama Luke, cerca de dezesseis quilômetros de distância em Billings, Montana, a quem ela tinha vindo por refúgio, depois de perder sua família. Tinha apenas as necessidades básicas de vestuário e artigos pessoais, mal enchia uma mala pequena. Quando entrou na casa do rancho com ela, Gil estava na varanda com um de seus homens. Ele lhe deu uma curiosa avaliação, dispensando o homem.

— Onde está o resto de suas coisas? — ele perguntou, seu olhar passando pelo pequeno carro branco usado que ela dirigia e que tinha estacionado ao lado da grande garagem. — Na caminhonete?

— Isso é tudo o que tenho, — ela disse.

Ele parecia atordoado.

— Certamente você tem mobília...?

— Minhas outras coisas estão na casa da minha tia. Mas não tenho muita coisa que seja minha.

Gil se afastou para deixá-la entrar, seu rosto curioso e seus olhos atentos nela. Ele não disse uma palavra, mas a observou ainda mais de perto a partir de então.

Na primeira semana de trabalho, Kasie perdeu um arquivo que Gil precisava pra uma reunião para qual estava voando no avião Piper da família. Era uma aeronave elegante, com dois motores e confortável. Ambos Gil e John sabiam pilotá-la e o faziam com frequência, transportando o gado que estavam exibindo de um estado para o outro com os empregados. Kasie desejou poder ir com o gado, agora. Gil foi eloquente sobre o arquivo desaparecido, sua profunda voz suave e cheia de impaciência.

— Se você simplesmente ficar em silêncio por um minuto, Sr. Callister, eu vou encontrá-lo! — ela exclamou, finalmente, levada a insubordinação.

Ele lhe lançou um olhar, mas calou a boca. Ela remexia os papéis em sua mesa com mãos nervosas e frias. Mas encontrou o arquivo. Estendeu-o, timidamente, fazendo uma careta ante o olhar nos olhos dele.

— Desculpe, — ela acrescentou, esperançosa.

Não adiantou nada. A expressão dele era sombria e meio-brava. Seus olhos brilhavam em direção a ela. Kasie pensou distraidamente que ele parecia muito agradável em um terno cinza sob medida. Combinava com seus cabelos louros e olhos claros e seu belo bronzeado. Também enfatizava a excelente boa forma de seu corpo alto e musculoso. Kasie pensou ociosamente que ele devia ter as mulheres praticamente o caçando quando ia aos jantares das reuniões. Gil era



impressionante só de se olhar, além daquela aura muito masculina que se apegava a ele como seu caro perfume.

— Onde está John? — ele perguntou.

— Ele tinha um encontro, — ela disse. — Estou tentando lidar com o formato do novo imposto. Seus olhos se estreitaram.

— Certamente te ensinaram compilação fiscal na sua escola?

Kasie fez uma careta.

— Bem, na verdade, não. É mais propriamente uma prática especializada.

— Compre o que precisar na livraria ou na loja de informática e peça que me enviem a conta, — ele disse sucintamente. — Se você não conseguir lidar com isso, me diga, também.

Ela não ousaria. Não teria um emprego, e tinha que se sustentar. Não podia esperar que Mama Luke o fizesse.

— Eu posso lidar com isso, senhor, — assegurou.

Gil estreitou os olhos enquanto olhava para ela.

— Só mais uma coisa, — acrescentou secamente. — Minhas filhas são responsabilidade da senhorita Parsons, não sua.

— Eu só li uma história pra elas, — ela começou, corando culposamente.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Eu estava me referindo à maneira como você trançou o cabelo de Bess, — disse. — Pensei que fosse um incidente isolado.

Kasie engoliu. Estava longe de ser isolado. As meninas estavam sempre em algum lugar por perto quando Kasie parava para almoçar ou nos seus intervalos. Ela compartilhava suas sobremesas com as crianças e frequentemente lia pra elas ou as levava em passeios para mostrar os vários tipos de flores e árvores ao redor da casa no rancho. Gil não sabia e ela tinha esperança que as meninas não tivessem dito nada. A senhorita Parsons era rude e intimidadora com as crianças, de quem obviamente não gostava. Era inevitável que elas se dirigissem a Kasie, que as adorava.

— Só uma história, — ela mentiu.

Ele ferveu.

— No caso de você não ter entendido a mensagem na primeira vez, Kasie, não estou no mercado à procura de uma esposa ou uma mãe para minhas filhas.

O insulto a deixou furiosa. Ela olhou para ele, esquecendo todos os seus antigos ensinamentos sobre dar a outra face e humildade.

— Eu vim trabalhar aqui porque preciso de um emprego, — disse friamente. — Tenho apenas vinte e dois anos, Sr. Callister, — ela acrescentou. — E não tenho nenhum interesse em um homem quase velho o suficiente para ser meu pai, com uma família já pronta na bagagem!

A reação dele foi inesperada. Ele não disparou de volta. Ficou muito quieto. Se virou e saiu da sala sem dizer mais nada. Um minuto depois, ela ouviu a porta da frente se fechar e, pouco depois, um motor ligar.

— Então tá! — acrescentou para si mesma.

Gil voltou de sua viagem ainda mais silencioso do que quando partiu. Havia tensão entre ele e



Kasie, porque ela não havia esquecido o comentário insultuoso que lhe fizera antes de partir. Como se fosse trabalhar lá apenas para que pudesse persegui-lo. Francamente! Mas havia outra complicação agora, também. Kasie estava uma pilha de nervos tentando esconder dele quanto tempo realmente passava com suas garotinhas. Não precisa se preocupar quando ele estava fora em suas frequentes viagens a negócios, mas elas repentinamente pararam. Gil começou a enviar Brad Dalton, seu gerente, para seminários e conferências. Ficava em casa com o pretexto de supervisionar melhorias significativas na propriedade.

Isso foi logo após o período de recolhimento do gado, quando o negócio de gado estava ocupando um pouco menos de seu tempo. Mas tinha novos alojamentos para os funcionários sendo construídos, bem como novos poços sendo escavados nas pastagens e novos equipamentos trazidos para marcação e vacinação de novos bezerros. Os caminhões estavam sendo revisados, juntamente com as máquinas agrícolas, como tratores e colheitadeiras que ceifavam os grãos da colheita. Os celeiros foram reparados, um novo silo erguido. Era uma época agitada.

Kasie se viu envolvida de forma inesperada com Gil, quando John saiu do estado para exhibir dois novos touros em uma competição de raça pura, e a secretária de Gil, Pauline Raines, convenientemente deslocou o polegar e não podia digitar.

— Eu preciso desses pra ontem, — ele disse, sem preâmbulo, colocando um grosso maço de papéis ao lado da mesa de Kasie. — Pauline não pode fazê-los. Ela errou a bolinha de tênis e bateu em seu dedão com a raquete.

Ela conseguiu não fazer um comentário depreciativo. Não gostava de Pauline mais do que as filhas de Gil gostavam. A mulher era preguiçosa e sedutora, e sempre se pendurava em Gil como uma gravata. O pouco trabalho que realmente fazia era de má qualidade, e era lamentavelmente lenta também. Trabalhava no escritório do rancho perto da frente da casa três dias por semana, e Kasie já haviam herdado uma boa parte do seu trabalho. Pauline passava o tempo na piscina, quando Gil não estava prestando atenção. Agora, Kasie pensou miseravelmente, ia acabar fazendo não apenas a papelada de John, incluindo os impostos incrivelmente complexos que ainda estava lutando para entender, mas a de Gil também.

— Não acho que ela conseguiria digitar com os dedos dos pés? — murmurou distraidamente.

Houve um som estranho, mas quando ela olhou para cima, o rosto duro de Gil estava impassível.

— Quanto tempo irá levar? — ele persistiu.

Kasie olhou para as páginas. Não eram dados, como pensara a princípio, mas cartas a vários produtores de gado. Todas elas tinham cabeçalhos diferentes, mas o mesmo corpo básico.

— Isso é tudo? — perguntou com fria polidez.

Gil franziu o cenho para ela.

— Há cinquenta deles. Terão que ser feitos individualmente...

— Não, não terão, — disse com suavidade. — Tudo o que tem a fazer, — abriu um novo arquivo, selecionou a opção que precisava e começou a digitar — é digitar o corpo da carta uma vez e então simplesmente digitar os endereços diferentes e combiná-los. Uma hora de trabalho.

Ele olhou como se tivesse sido golpeado.

— Me desculpe?



— Este processador de texto faz tudo isso pra você, — ela explicou. — É muito simples, na verdade.

Ele parecia irritado.

— Pensei que teria que digitar todos os cinquenta individualmente.

— Só se estiver usando uma máquina de escrever pré-histórica e sistema de carbono, — ressaltou.

Gil estava com muita raiva agora.

— Uma hora? — repetiu.

Ela concordou.

— Talvez menos. Vou começar agora mesmo, — acrescentou rapidamente, na esperança de apaziguá-lo. Só Deus sabia o que estava errado, mas reconhecia aquele brilho em seus olhos.

Ele a deixou e foi dar alguns telefonemas. Quando voltou, Kasie estava imprimindo as cartas, tendo acabado de terminar as etiquetas de endereçamento. Tinha uma máquina dobradeira que realizava o pequeno trabalho de dobrar as cartas. Então tudo o que tinha a fazer era colocar no envelope, lamber, selar e levá-los ao correio.

Gil colocou os selos pra ela. Ele a observava com curiosidade. Uma vez, quando ela olhou nos olhos dele, foi como um choque elétrico. Surpresa, deixou cair o seu olhar e corou. Realmente, pensou ela, ele tinha um estranho efeito sobre ela.

— Está gostando de seu trabalho até agora? — ele perguntou.

— Bastante, — ela disse. — Exceto pelos impostos.

— Vai se acostumar a fazê-los, — assegurou.

— Eu suponho que sim.

— Você consegue dar conta da carga de John e da minha também, ou quer que eu contrate alguém temporário para ajudá-la?

— Não há muito, — assinalou. — Se ficar sobrecarregada, eu digo.

Gil terminou de colar os selos nos envelopes e os colocou ordenadamente em um lado.

— Você é muito honesta. É incomum na maioria das pessoas. — Ele tocou um selo com motivo floral. — Minha mulher era assim. — sorriu. — Ela dizia que mentiras era um desperdício de tempo, uma vez que eram descobertas de qualquer jeito. — Seus olhos estavam distantes. — Estivemos na escola primária juntos. Sempre soubemos que iríamos nos casar um dia. — O sorriso se desvaneceu em miséria. — Ela era uma amazona maravilhosa. Montava em rodeio quando era mais jovem. Mas um cavalo domesticado fugiu com ela e um tronco que estava muito baixo acabou com sua vida. Jenny tinha apenas um ano de idade quando Darlene morreu. Bess tinha dois. Pensei que minha vida tinha acabado também.

Kasie não sabia o que dizer. Ela se chocou que um homem como Gil sequer discutisse algo tão pessoal com uma estranha. Claro, muita gente discutia coisas ainda mais pessoais com Kasie. Talvez possuísse aquele tipo de rosto que atraía confidências.

— As meninas se parecem com ela? —, perguntou ousadamente.

— Bess se parece. Ela era loira e de olhos azuis. Não era bonita, mas seu sorriso era. — Seus olhos se estreitaram dolorosamente. — Tiveram que me sedar para me fazer soltá-la. Eu não acreditava neles, mesmo quando me juraram que não havia meios na Terra que pudessem salvá-la...



— Seus dedos se fecharam no topo do envelope, afastou a mão imediatamente e se levantou. — Obrigado, Kasie, — disse de forma curta, se afastando, como se de alguma forma o envergonhasse ter falado sobre sua esposa.

— Sr. Callister, — Kasie disse suavemente, esperando até ele se virar para continuar. — Eu perdi... algumas pessoas há três meses. Compreendo a dor.

Ele hesitou.

— Como eles morreram?

Seu rosto de fechou.

— Foi um acidente... Estavam apenas na casa dos vinte anos. Pensei que tivesse anos a frente.

— A vida é imprevisível, — disse a ela. — Às vezes insuportável. Mas tudo passa. Até os tempos ruins.

— Sim, isso é o que todo mundo diz, — ela concordou.

Eles compartilharam uma longa, silenciosa e embaraçosa troca de amarguras antes que ele desse de ombros e se afastasse, deixando-a com seu trabalho.

Capítulo 2

Kasie estava quase arrancando os cabelos na tarde seguinte. O e-mail de John era bem direto, principalmente sobre as datas de exposições e cancelamentos, o transporte para os animais e correspondências pessoais. O de Gil era outra coisa.

Gil não só dirigia o rancho, mas lidava com a maioria das empresas de apoio que eram subsidiárias. Ele sabia os nomes de todos os gestores, muitas vezes conversava com autoridades estaduais e federais, inclusive senadores bem conhecido, sobre como a legislação afetava a produção de carne. Além disso, estava envolvido no estudo científico de gramíneas e novas fórmulas de pesticidas e fertilizantes que não afetavam a terra. Trabalhava com recursos e grupos de conservação, até mesmo um grupo de direitos dos animais; desde que não fazia o abate de gado e era um conservador extremamente radical, pelo menos um grupo estava feliz por ter seu nome em seu conselho de diretores. Ele era uma caixa de energia, trabalhando de madrugada, até bem após o anoitecer. O problema era que, cada tarefa que empreendia era acompanhada por uma tonelada de papéis. E a sua secretária, Pauline Raines, era o mais desorganizado ser humano que Kasie já conhecera.

John chegou tarde em casa na noite de sexta-feira, e ficou surpreso ao descobrir Kasie ainda trabalhando no escritório.

Fechou a cara enquanto jogava seu Stetson num rack.

— O que você está fazendo aqui? São quase dez horas! Gil sabe que você está trabalhando fazendo tantas horas extras assim?

Kasie ergueu o olhar da segunda página das dez que estava tentando digitar no computador. Nenhum dos papéis de Pauline havia alguma vez sido introduzido no computador. Ela organizou a papelada em seis arquivos com um suspiro.

— Penso nisso como estabilidade no emprego, — ela justificou.



John contornou a mesa e olhou de cima para o que ela estava fazendo.

— Meu Deus, Gil perdeu o juízo! — murmurou. — Nenhuma secretária conseguiria lidar com essa carga em uma semana! Ele está tentando te matar?

— Pauline machucou o dedo, — ela disse miseravelmente. — Tenho que fazer o trabalho dela também, com exceção de que ela nunca passou qualquer um dos registros para o computador. Isso tem que ser feito. Não vejo como o seu irmão alguma vez conseguiu encontrar qualquer coisa aqui dentro!

— Ele não encontra, — John disse secamente, seus olhos claros brilhando. — Pauline se assegurou disso. Ela é indispensável, pelo que ouvi.

Os olhos de Kasie se estreitaram.

— Não será por muito tempo, quando Gil receber este material digitado, — ela assegurou.

— Não conte isso a ela, a menos que pague seu seguro de vida primeiro. Pauline é uma garota que guarda ressentimentos, e está apaixonada por Gil.

— Eu notei.

— Não que ele se importe, — John acrescentou lentamente. — Ele nunca superou a perda da esposa. Não tenho certeza de que alguma vez vá se casar novamente.

— Ele me disse.

John olhou para ela.

— Como é que é?

— Gil me disse expressamente que não queria uma mãe para as meninas ou uma nova esposa, e que era para eu não alimentar esperanças. — Ela riu. — Meu Deus, ele deve ter mais de trinta e dois anos. Eu tenho apenas vinte e dois. Não quero um homem que eu tenha que empurrar numa cadeira de rodas algum dia!

— E eu não assalto berços, — veio uma voz áspera e com raiva da porta.

Os dois pularam quando ergueram o olhar para ver Gil vindo do celeiro. Ele ainda estava com roupa de trabalho, lama nas botas e uma camisa suada, com um velho chapéu Stetson preto caindo sobre um olho.

— Você está tentando fazer Kasie ir embora, por acaso? — John desafiou. — Bom Deus, homem, ela vai levar uma semana só para colocar uma fração das informações contidas nestas planilhas no computador!

Gil franziu a testa. Tirou o chapéu e passou a mão pelos cabelos loiros suados.

— Na verdade não dei uma olhada nelas, — confessou. — Estive muito ocupado com os novos touros.

— Bem, é melhor você olhar, — John disse secamente.

Gil moveu-se para a mesa, ciente do brilho hostil nos olhos de Kasie. Ele olhou por cima do ombro dela e praguejou nitidamente.

— De onde é que veio tudo isso? — perguntou.

— Pauline trouxe pra mim e disse que você queria isso convertido para o disquete, — ela respondeu categoricamente.

Os olhos de Gil começaram a brilhar.

— Eu nunca disse a ela para te passar tudo isso!



— Isso precisa ser feito, — ela confessou. — Não há nenhuma maneira de você poder fazer uma planilha precisa sem as comparações que poderia usar num programa de computador. Estou reelaborando este programa de planilhas de cálculo, — disse, indicando a tela, — e fiz um aplicativo que trabalhará com as proporções de ganho de peso do gado e a pesagem diária, bem como alimentação, saúde e assim por diante.

— Estou impressionado, — Gil disse honestamente.

— Isso é o que estou acostumada a fazer. Não impostos, — acrescentou timidamente.

— Não olhe pra mim, — John disse. — Odeio impostos. E também não vou aprender, — acrescentou beligerante. — Metade deste rancho é meu, e na minha metade, não fazemos trabalho fiscal. — Ele acenou com a cabeça brevemente e saiu.

— Volte aqui, seu covarde! — Gil murmurou. — Como diabos você supõe que eu lide com os impostos e todas as outras dores de cabeça de rotina que você não tem, porque está fora em algum lugar mostrando gado!

John apenas acenou com a mão e continuou andando.

— A Srta. Parsons conhece impostos de dentro para fora, — Kasie arriscou. — Ela me disse que costumava ser contadora.

Gil olhou para ela.

— A Srta. Parsons foi contratada para cuidar de minhas filhas. — Ele continuou olhando para Kasie, e não de uma maneira amigável. Era quase como se ele soubesse...

Ela corou.

— Elas não conseguiam fazer o barquinho de papel flutuar no laguinho de peixes, — ela murmurou, inquieta, sem olhar para ele. — Eu apenas ajudei.

— E caiu no lago.

Kasie fez uma careta.

— Eu tropecei. Qualquer um pode tropeçar! — acrescentou em tom desafiador, com os olhos cinza brilhando em direção a ele.

— Nos próprios pés? — Gil refletiu.

Na verdade tinha sido no gorila de pelúcia de Bess. A coisa era quase do tamanho dela e Kasie não tinha percebido que estava ali. As meninas riram e depois choraram, pensando que estaria com raiva delas. A Srta. Parsons brigara por horas quando Bess sujou seu lindo vestido amarelo. Mas Kasie não as repreendeu. Ela riu, e as meninas ficaram tão aliviadas, que ela poderia ter chorado. Elas realmente não gostavam da Srta. Parsons.

Gil colocou as duas mãos nos quadris magros e a estudou com relutante interesse.

— As meninas me contaram tudo, Kasie, — disse finalmente. Ele não acrescentou que as meninas adoravam essa tranquila e estudiosa jovem que nem mesmo flertava com John, muito menos com os cowboys que trabalhavam para a família. — Pensei que tinha deixado perfeitamente claro que não a queria rondando as meninas.

Kasie tirou as mãos do teclado e olhou para ele com os olhos feridos.

— Por quê?

A pergunta o surpreendeu. Gil fez uma careta, tentando pensar em uma resposta justa. Nada veio à mente, o que o deixou ainda mais furioso.



— Eu não tenho segundas intenções, — ela disse simplesmente. — Gosto muito das meninas, e elas gostam de mim. Não entendo por que você não quer que me relacione com elas. Eu não tenho um mau caráter. Nunca tive problemas na minha vida.

— Não achei que tivesse, — ele disse, irritado.

— Então por que não posso brincar com elas? — insistiu. — A Srta. Parsons vai transformá-las em pequenos robôs. Ela não as deixa brincar, porque se sujam, e não brinca com elas, porque isso não é digno. Elas são prisioneiras.

— A disciplina é uma parte necessária da infância, — ele disse secamente. — Você vai estragá-las com mimos.

— Pelo amor de Deus, alguém precisa! Você nunca está aqui, — acrescentou abruptamente.

— Pode parar bem aí, enquanto ainda tem um emprego, — Gil a interrompeu, e seus olhos faziam ameaças. — Ninguém me diz como criar minhas filhas. Especialmente não uma secretariazinha desmazelada da roça!

Desmazelada? Da roça? Seus olhos se arregalaram. Ela se levantou. Provavelmente já estava demitida, então ele simplesmente poderia receber uma resposta à altura.

— Eu posso ser desmazelada, — admitiu, — e posso ser da roça, mas sei muito sobre crianças pequenas! Não se pode trancá-las num armário, até que atinjam a maioridade. Elas precisam ser desafiadas, precisam torná-las curiosas com relação ao mundo seu ao redor. Precisam de carinho. A Srta. Parsons não dá carinho a elas, e a senhora Charters não tem tempo. E você não está sempre aqui na hora de dormir, mesmo que não esteja em uma viagem de negócios, — repetiu sem rodeios. — Semanas inteiras se passam quando você mal tem tempo de dizer boa-noite a elas. As meninas precisam que leiam livros pra elas, assim vão aprender a amar os livros. Precisam de supervisão construtiva. O que elas têm é arame farpado e silêncio.

Gil cerrou os punhos ao seu lado, e sua expressão escureceu. Kasie ergueu o queixo, o desafiando a fazer algo.

— Você é uma especialista em crianças, eu suponho? — Ele repreendeu.

— Eu cuidei de uma, — disse, seus olhos escurecendo. — Por vários meses.

— Por que saiu?

Gil estava assumindo que falava sobre um emprego. Ela não falava. A resposta à sua pergunta era um pesadelo. Não conseguiria suportar recordá-lo.

— Eu não era adequada para a tarefa, — disse empertigada. — Mas não corromperei suas garotinhas por falar com elas.

Gil ainda estava carrancudo. Não queria que Kasie ficasse próxima às garotas. Não a queria mais próxima à ele do que uma escrivania e um computador eram. Seus olhos involuntariamente voltaram à mesa atulhada do trabalho não feito de Pauline. Os arquivos deveriam ter sido convertidos para o computador meses atrás, quando contratara a mulher. Ele assumiu que tinha sido feito, porque Pauline estava sempre pronta com as informações de que precisava. De repente se sentiu desconfortável.

— Confira as informações de crescimento da Black Ribbon para mim, — disse de repente.

Ela hesitou, mas aparentemente ainda estava trabalhando pra ele. Sentou-se e puxou as informações no computador. Gil foi para sua mesa e retirou uma planilha da gaveta. Trouxe-a para



Kasie, que comparou com os valores que acabara de colocar no computador. Havia uma enorme diferença, a favor dele.

Ele disse uma palavra que fez o rosto de Kasie ficar vermelho. Aquilo o perturbou, mas não fez alusão ao fato.

— Tenho feito modificações para melhorar o que parecia ser uma deficiência na dieta. Agora parece que não era nem ao mesmo necessário. Quanto tempo vai levar para transcrever a informação sobre a procriação do rebanho?

— Bem, fiz cerca de um terço dela, — Kasie disse. — Mas John tem cartas e informações que precisam ser compiladas para aquela nova exibição...

— Você é minha até termos essa informação no computador. Eu vou acertar as coisas com John.

— E Pauline? —, perguntou, aflita.

— Pauline é problema meu, não seu, — disse a ela.

— Certo, chefe. Tudo o que disser.

Gil fez um gesto estranho com um ombro e lhe fez uma longa avaliação.

— Eu disse pra me avisar se tivesse muito trabalho. Por que não o fez?

— Pensei que poderia dar conta, — ela disse simplesmente. — Não iria reclamar, contanto que pudesse fazê-lo dentro de algumas semanas, e eu posso.

— Trabalhando em turnos de quatorze horas, — ele repreendeu.

— Bem, trabalho é trabalho, — ela disse. — Eu não me importo. Não é como se eu tivesse uma vida social ativa ou um romance sensacional para escrever nem nada. E me pagam o equivalente ao resgate de um duque, nessas circunstâncias.

Gil franziu a testa.

— Por que você não tem uma vida social?

— Porque cowboys fedem, — ela disparou de volta.

Ele começou a falar, caiu na gargalhada e caminhou até a porta.

— Pare com isso e vá para a cama. Vou providenciar alguma ajuda pra você pela manhã. Boa noite, Kasie.

— Boa noite, Sr. Callister.

Gil hesitou, se virou, a estudou, mas não falou nada. Ele a deixou colocando as coisas em ordem e subiu para trocar a roupa de trabalho e tomar banho.

Na manhã seguinte, quando Kasie entrou no escritório, Pauline estava lá e Gil também. Eles pararam de falar quando Kasie entrou, então supôs que estivessem falando sobre ela. Aparentemente, não fora de uma forma amigável. As feições delicadas de Pauline estavam traçadas com raiva e os olhos de Gil estavam estreitos e reluzentes.

— Já era hora de descer aqui! — Pauline disse friamente.

— São oito e vinte e cinco, — Kasie disse, surpresa. — Eu não deveria estar aqui até às oito e meia.

— Bem, vamos começar, então, — Pauline disse, baixando a vista para o computador.

— A fazer o quê, exatamente? — Kasie perguntou, desconcertada.



— Ensiná-la a colocar informações no computador, — Gil disse numa voz que não convidava a argumentos. — E enquanto ela está fazendo isso, você pode cuidar do trabalho do John.

Kasie fez uma careta. Sua aluna não estava ansiosa ou disposta. Essa seria uma manhã muito longa.

E foi, mesmo. Pauline tornou o trabalho duas vezes mais tedioso, fazia perguntas a cada duas vezes que teclava e resmungava — quando Gil estava fora do escritório — por ter que trabalhar com Kasie.

— Olha, isso não foi ideia minha, — Kasie a assegurou. — Eu poderia fazer isso sozinha, se o Sr. Callister simplesmente me permitisse.

Pauline não amoleceu uma polegada.

— Você está tentando obter a atenção dele, brincando com aquelas crianças, — acusou. — Você o deseja.

Kasie apenas olhou para ela.

— Eu amo crianças, — disse calmamente. — Mas não quero me casar.

— Quem falou em casamento? — Pauline repreendeu.

Kasie desviou os olhos.

— Eu precisava de um emprego e John precisava de uma secretária, — ela murmurou enquanto virava uma página da planilha.

— Engraçado. Você o chama de John, mas Gil é "Sr. Callister". Por quê?

A mulher mais jovem piscou.

— John é apenas alguns anos mais velho do que eu, — respondeu.

Pauline franziu a testa.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e dois.

Houve uma longa pausa.

— Bem! — disse finalmente. Apertou os lábios e entrou com um número no computador. — Você acha que Gil é velho, não acha?

— Sim. — Ela não achava, na verdade, mas parecia mais seguro que o afirmasse. Afinal, realmente tinha que trabalhar com essa barracuda perfumada no futuro imediato.

Pauline realmente sorriu. Mas só por um minuto.

— O que eu faço agora? —, perguntou, quando terminou de inserir o número.

Kasie mostrou-lhe, ligeiramente perturbada por aquele sorriso. Oh, bem, ela pensaria nisso mais tarde, talvez.

Pauline voltou para casa às cinco horas. A essa altura, tinha uma boa ideia de como usar o computador. A prática afiaria suas habilidades. Kasie se perguntou por que Gil, que tinha a maior parte do trabalho, só tinha uma secretária de meio-período.

Quando Gil entrou de volta, tarde da noite no sábado, vestido com roupas de noite com uma gravata preta e camisa branca enrugada, Kasie ainda estava no escritório finalizando as planilhas. Ela olhou para cima, surpresa como ele ficava lindo vestido assim. Mesmo que não fosse realmente bonito, Gil tinha uma autoridade natural e uma graça que o fazia se destacar. Sem mencionar um físico que muitos atores de Hollywood teriam cobiçado.



— Pensei ter lhe dito para desistir desse trabalho noturno, — ele disse secamente.

Ela lhe dispensou um olhar enquanto salvava as informações num disquete.

— Você não vai me deixar brincar com as meninas. Não tenho mais nada pra fazer.

— Assista televisão. Temos todos os filmes mais recentes em *pay-per-view*. Você pode assistir qualquer um que goste. Leia um livro. Faça tricô. Aprenda holandês. Mas, — acrescentou com ressentimento que não era natural, — fique fora do escritório depois do jantar.

— Isso é uma ordem? —, Kasie perguntou.

— Com toda maldita certeza que é!

Ele estava absolutamente eriçado, ela pensou, franzindo a testa enquanto procurava por seus olhos azuis claros. Fechou os arquivos e encerrou o programa, desconfortável porque Gil estava olhando furiosamente para ela.

Levantou-se, elegante e profissional em seu terninho bege, com seu cabelo castanho bem trançado e pendurado pelas costas.

Mas quando deu a volta na mesa para ir para a porta, Gil bloqueou seu caminho. Kasie não estava acostumada a ter homens tão perto e recuou um passo, o que só piorou as coisas. Ele era tão alto que desejou estar usando salto alto. O topo de sua cabeça mal se aproximava do nariz dele.

Os olhos claros dele brilharam ainda mais.

— A velhice não é contagiosa, — ele disse com puro veneno em sua profunda voz.

— Senhor?

— E não me chame de senhor!

Kasie engoliu. Gil estava procurando briga. Ela não podia suportar a ideia de uma. Sua infância foi em meio a um violento campo de batalha, e barulhos e vozes altos ainda a incomodava.

— Tudo bem, — ela concordou imediatamente.

Ele enfiou as mãos com força nos bolsos e a encarou ainda mais.

— Eu tenho trinta e dois anos. Dez anos não é uma geração e não sou um candidato para o Seguro Social.

— Tudo bem, — ela repetiu desconfortavelmente.

— Pelo amor de Deus, pare de concordar comigo! — disse.

Kasie começou a dizer "Tudo bem" novamente, e mordeu a língua. Estava tão rígida como de costume, à espera de mais explosões, com a respiração presa na garganta.

Gil tirou as mãos dos bolsos e as cerrou a seu lado enquanto descia o olhar para ela com as emoções mais conflitantes que já sentira. Kasie não era bonita, mas havia uma ternura nela que ele desejava. Não tivera ternura em sua vida desde a morte prematura de Darlene. Esta jovem mulher o deixava faminto por coisas que não poderia tomar posse. E isso o irritava.

Kasie estava oscilando entre correr para a porta ou o dar um passo atrás outra vez.

— Quer que eu vá embora? — ela deixou escapar.

Gil apertou os dentes.

— Sim.

Ela engoliu.

— Tudo bem. Vou embora pela manhã. — Kasie o contornou em direção a porta, tentando não levar para o lado pessoal. Às vezes as pessoas simplesmente não gostam de outras pessoas.



— Não!

Sua voz a paralisou com a mão na maçaneta.

Houve uma longa pausa. Kasie se virou, surpresa pela indecisão dele. Pelo que já sabia sobre Gil Callister, ele não era um homem que tinha problemas em tomar decisões. Mas parecia dividido em relação à Kasie.

Ela foi em direção a ele, notando a expressão estranha em seu rosto quando parou à distância de um braço e cruzou as mãos na cintura.

— Eu sei que você não gosta de mim, — disse suavemente. — Tudo bem. Vou realmente tentar ficar longe das garotas. Uma vez que Pauline aprenda a entrar com os dados nos arquivos do computador, você nem ao menos terá que me ver.

Gil parecia perturbado agora. Verdadeiramente perturbado. Ele suspirou, como se estivesse carregando o peso do mundo sobre seus ombros. Naquele momento, parecia precisar de conforto.

— Bess adoraria se você levasse Jenny e ela ao cinema para assistir um desses desenhos de animação, — ela disse inesperadamente. — Há uma matinê aos domingos no Cinema Oaks Twin.

Ele ainda não falou.

Kasie procurou pelos olhos frios dele.

— Lamento que eu tenha passado tempo com elas pelas suas costas. Não é o que você pensa. Quero dizer, não estou tentando abrir caminho para entrar na sua família, mesmo que Pauline *pense* assim. As meninas... me fazem lembrar... da minha pequena sobrinha. — Sua voz quase quebrou, mas controlou rapidamente.

— E ela mora longe? — Gil perguntou abruptamente.

Seus olhos se escureceram.

— Muito... longe... agora, — conseguiu dizer. Ela forçou um sorriso. — Sinto falta dela.

Kasie teve de virar e se afastar então, ou perderia o controle de suas selvagens emoções.

— Você pode ficar por enquanto, — ele disse finalmente, com relutância. — Vai dar certo.

— Isso é o que minha tia sempre diz, — murmurou quando abriu a porta.

— Eu não sabia que você tinha família. Seus pais estão mortos, não?

— Eles morreram anos atrás, quando eu era pequena. Minha tia ficou responsável por nós até começarmos a escola.

— Nós?

Ela não podia contar, não podia, não podia.

— Eu ti... tenho um irmão gêmeo, — corrigiu rapidamente. Levantou a cabeça, orando pra ter força. — Boa noite, Sr. Callister.

Ela ouviu o silêncio de sua desaprovação, mas estava muito angustiada pra se importar. Subiu a escada, sem hesitação, direto para seu quarto. Trancou a porta e deitou no colchão, chorando em silêncio para que ninguém ouvisse.

Houve uma violenta tempestade naquela noite. Os relâmpagos iluminavam todo o céu. Kasie ouviu o arranque de motores e vozes de homens gritando. Os animais deviam estar inquietos. Ela lera que o gado não gostava de relâmpago.

Kasie se levantou para olhar do lado de fora da janela, e depois ouviu a batida urgente na sua



porta.

Foi atender, ainda em sua delicada e grossa camisola branca de algodão que ocultava as linhas suaves do seu corpo. Seu cabelo estava solto em suas costas, desgrenhado, mal estava acordada.

Abriu a porta e olhou para baixo. Lá estavam Bess e Jenny, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Bess estava agarrando um pequeno ursinho de pelúcia, e Jenny seu cobertor.

— Oh, meus bebês, qual o problema? —, perguntou baixinho, caindo de joelhos para estreitá-las e acariciá-las.

— O céu está fazendo um barulho horrível, Kasie, e estamos com medo, — Bess disse.

Kasie jogou a cautela pro alto. Já estava em tantos problemas, certamente um pouco mais não faria diferença.

— Querem subir na cama comigo? —, perguntou baixinho.

— Podemos? — Bess perguntou.

— Claro. Subam.

Elas subiram na cama com ela e entraram debaixo das cobertas, Jenny de um lado e Bess do outro.

— Quero uma história, — Jenny murmurou.

— Eu também, — Bess exigiu.

— Tudo bem. Aquela sobre os três ursos?

— Não, Kasie, essa é assustadora, — Bess disse. — Que tal o rato e o leão?

— Não têm medo de leões? —, perguntou às meninas.

— Gostamos dos leões, — Bess lhe disse satisfeita, aconchegando pra mais perto. — Papai nos levou ao jardim zoológico e vimos leões, tigres e ursos polares!

— O leão, então.

E ela começou a contar sonolenta, sobre o rato que tirou o espinho da pata do leão e fez um amigo para a vida toda. No momento em que terminou, ambas estavam dormindo. Kasie beijou seus lindos rostinhos adormecidos e as abraçou juntinho dela por causa dos relâmpagos e trovões.

Kasie se perguntou, logo antes de adormecer, em que problema estaria metida se o pai delas chegasse em casa e as encontrasse juntas, depois de ter prometido não brincar mais com as meninas. Se apenas, pensou, um espinho entrasse no pé de Gilbert Callister e pudesse retirá-lo e fazer amizade com ele...

Eram quase duas da manhã quando Gil e John voltaram dos cercados para os animais. Houvera um estouro, e duzentas cabeças de gado romperam suas cercas e se derramaram pelo pasto que ficava de frente a uma estrada. Os irmãos e todos os ajudantes no local estiveram ocupados durante três horas de trabalho na violenta tempestade tentando reunir o gado, levá-los de volta para o pasto certo e consertar a cerca. Ajudou o fato do relâmpago finalmente ter parado, e como resultado veio uma chuva constante e agradável. Mas todo mundo estava molhado quando terminaram, e ansiosos por uma cama quente e seca.

Gil tirou a roupa molhada e tomou uma ducha, envolvendo um robe de seda longo cor Borgonha em volta de seu corpo alto antes de ir verificar as meninas. Abriu a porta do grande quarto que elas compartilhavam e seu coração diminuiu uma batida quando percebeu que haviam desaparecido.



Onde diabos estava a Srta. Parsons e onde estavam suas filhas?

Ele foi para o quarto dela e quase bateu na porta, quando se deu conta, de repente, onde era mais provável as meninas estarem.

Com seus lábios fazendo uma linha fina, percorreu o longo do corredor com os pés descalços para o quarto de Kasie. Sem bater, abriu a porta e entrou. Como era de se esperar, enroladas o mais próximo que podiam chegar dela, estavam Bess e Jenny.

Ele começou a acordá-las e insistir para que voltassem para a cama, quando viu o modo como elas se pareciam.

Passara um longo tempo desde que tinha visto seus rostos tão contentes. Sem uma mãe — apesar da governanta e da Srta. Parsons — estavam tristes o tempo todo. Mas quando estavam perto de Kasie, elas mudavam. Sorriam. Davam gargalhadas. Brincavam. Gil não conseguia se lembrar da última vez em que as tinha visto tão felizes. Seria justo negar-lhes a companhia de Kasie só porque ele não gostava dela? Por outro lado, seria prudente deixá-las tão apegadas a ela quando Kasie poderia ir embora ou ele poderia demiti-la?

A questão o preocupou. Enquanto ponderava a situação, Kasie se mexeu e o lençol caiu pra longe da sua forma adormecida. Ele se aproximou da cama, na penumbra das luzes de segurança do lado de fora, e abruptamente percebeu que ela estava usando o tipo de camisola que uma viúva provavelmente usaria. Era estritamente utilitária, reta e branca, sem babados ou rendas, nem mesmo um bordado na frente. Gil fez uma careta. Kasie tinha vinte e dois anos. Será que era normal para uma mulher da idade dela ser tão reprimida ao ponto de se cobrir da cabeça aos pés, mesmo durante o sono?

Ela se mexeu novamente, inquieta, e uma única palavra rompeu de seus lábios quando o pesadelo voltou.

— Kantor, — ela sussurrou. — Kantor!

Capítulo 3

Sem pensar, Gil se abaixou e balançou o ombro de Kasie.

— Acorde, Kasie! — disse com firmeza.

Seus olhos se abriram numa urgência por ar. Havia terror neles por alguns segundos até que acordou e percebeu que seu chefe estava de pé sobre ela. Kasie piscou afastando a sonolência e se ergueu, se apoiando num cotovelo. Seu lindo e espesso cabelo castanho se enrolou ao redor de seus ombros, abaixo da gola alta da camisola, quando olhou para ele.

— Você estava tendo um pesadelo, — Gil disse bruscamente. — Quem é Kantor?

Ela hesitou por alguns segundos.

— Meu irmão, — disse finalmente. — Meu gêmeo. — Kasie percebeu que ele estava vestindo um longo robe e, aparentemente, nada debaixo dele. Um espesso cabelo louro escuro era visível no profundo “V” do decote. Desviou os olhos quase em pânico. A embaraçava que ele a visse em sua camisola, quase tanto como vê-lo num robe.

— Por que tem pesadelos com ele? — perguntou suavemente.



— Nós tivemos uma discussão, — ela disse. Empurrou seus cabelos para trás. — Eu não quero falar sobre isso.

Os olhos de Gil se estreitaram. Aparentemente, era um assunto doloroso. Ele deixou passar. Seus olhos foram para as meninas e não sem apreensão.

— Por que elas estão aqui com você?

— A tempestade as despertou. Tiveram medo e vieram a mim, — disse defensivamente. — Eu não fui buscá-las.

Ele as estudou em silêncio. Sua expressão era rígida, grave, ferida.

— Tenho certeza que elas foram procurá-lo primeiro, — Kasie começou defensivamente.

Seus olhos brilhavam para dentro dos dela.

— Já tivemos essa conversa antes. Supõe-se que a Srta. Parsons seja a governanta delas, — enfatizou.

— A Srta. Parsons provavelmente está roncando a esta hora, — disse bruscamente. — Ela dorme como os mortos. Bess teve febre na semana passada, e ela nem sequer se levantou quando eu acordei e lhe contei sobre isso. Disse que uma febre nunca fez mal a alguém!

— Isso foi quando ela contraiu um estreptococo e eu a levei ao médico, — se lembrou. — A Srta. Parsons disse que Bess estava doente. Presumi que tivesse passado a noite acordada com ela.

— Vá sonhando.

Gil fixou os olhos nela.

— Vou desculpá-la desta vez, — disse, ignorando a referência que ele não gostava da Srta. Parsons e seu tratamento em relação à Bess. Teria algo a dizer à mulher sobre isso. — Da próxima vez, venha e me procure se não conseguir acordar a Srta. Parsons.

Ela apenas olhou para trás, em silêncio.

— Você me ouviu, Kasie? — ele perguntou baixinho.

— Tudo bem. — Ela olhou de um lado seu para o outro. — Você quer acordá-las e levá-las de volta para as próprias camas?

Gil parecia furioso.

— Se fizer isso, todos nós seremos acordados o resto da noite. Tivemos gado que fugiram, e nos encharcamos tentando levá-los de volta para dentro. Estou esgotado. Quero ir dormir.

— Ninguém aqui o está impedindo, — ela murmurou.

Seus olhos claros se estreitaram.

— Eu deveria tê-la deixado ir quando ofereceu sua demissão, — disse sarcasticamente.

— Ainda há tempo, — salientou, ficando cada vez mais irritada a cada minuto.

Gil amaldiçoou baixinho, a encarou novamente e saiu.

Na manhã seguinte, Kasie acordou com pequenas mãos a sacudindo e sons de risadas.

— Acorde, Kasie, acorde! Papai nos levará ao cinema hoje!

Ela bocejou e se enroscou.

— Não a mim, — murmurou sonolenta. — Vão tomar café da manhã, bebês. A Sra. Charters irá alimentá-las.

— Você tem que vir também! — Bess disse.



— Eu quero dormir, — Kasie murmurou.

— Papai, ela não vai levantar! — Bess lamentou.

— Oh, sim, ela vai.

Kasie mal teve tempo de registrar a voz profunda antes que os lençóis fossem arrancados e ela ser retirada completamente pra fora da cama por um par de braços muito fortes.

Chocada, olhou diretamente nos olhos azul claro e sentiu como se tivesse sido eletrocutada.

— Eu vou acordá-la, — Gil disse as meninas. — Vão para baixo e comam o seu café da manhã.

— Tudo bem, papai!

As meninas os deixaram alegremente, rindo, enquanto iam para a escada.

— Você parece uma freira nessa camisola, — Gil observou enquanto estudava seu leve peso, consciente de sua súbita imobilidade. O rosto de Kasie estava muito próximo. Gil procurou por ele tranquilamente.

— E você tem sardas, Kasie, atravessando bem a ponte de seu nariz.

— Ponha... ponha-me no chão, — disse, nervosa com a proximidade. Não gostava da sensação que causava sentir o seu peito contra seus seios nus.

— Por quê? — perguntou. Ele olhou dentro de seus olhos. — Você não pesa quase nada. — Seus olhos se estreitaram enquanto estudava o rosto completamente. — Você tem olhos grandes, — murmurou. — Com pequenas manchas azuis neles. Seu rosto parece mais redondo do que oval, especialmente com o seu cabelo solto. Sua boca é, — ele procurou por uma palavra, mais emocionado do que queria com sua vulnerabilidade — cheia e macia. Meio adormecida, não parece ser uma lutadora. Mas você é, não é?

As mãos de Kasie estavam descansando levemente em volta do pescoço de Gil e ela o olhou, desconcertada, enquanto se perguntava o que John ou a Srta. Parsons diria se entrassem inesperadamente e os encontrasse nessa posição.

— Você deveria me colocar no chão, — disse com voz rouca.

— Você não gosta de ser carregada? — Gil murmurou distraidamente.

Kasie estremeceu enquanto se lembrava da última vez em que fora carregada, por um assistente no hospital...

Ela o empurrou.

— Por favor.

Gil a colocou de volta no chão, curioso com a estranha palidez em sua face.

— Você é misteriosa, Kasie.

— Na verdade não. Só estou com sono. — Ela cruzou os braços sobre os seios e corou. — Poderia sair, por favor, e deixar eu me vestir?

Ele a observou com curiosidade.

— Por que você não sai com ninguém? E não me venha com nenhuma bobagem sobre cowboy fedido.

Kasie estava relutante em lhe contar qualquer coisa sobre si mesma. Ela era uma pessoa reservada. Sua tia, Mama Luke, sempre dizia que as pessoas não deveriam aborrecer as outras com seus problemas pessoais. Ela não aborrecia.

— Eu não quero me casar, jamais.



Gil realmente fez uma careta então.

— Por quê?

Pensou em seus pais e, em seguida, em Kantor, e seus olhos fecharam ante a dor.

— O amor dói demais.

Ele não disse nada. Por um instante, sentiu a dor que parecia atormentar os delicados traços dela, e compreendia isso, bem até demais.

— Você amou alguém que morreu, — recordou.

Kasie balançou a cabeça e seus olhos encontraram os dele.

— Assim como você.

Por um instante, seu rosto ficou completamente duro e sombrio. Estava vulnerável, mortal ferido.

— Sim.

— Isso não passa, como costumam dizer, não é? —, ela perguntou baixinho.

— Não por um longo tempo.

Gil deu um passo pra mais perto, e desta vez Kasie não recuou. Seus olhos subiram para os dele. Ele deslizou sua mão grande e magra nas grossas ondas de seu cabelo castanho e se deleitou com sua sedosidade.

— Por que não usa seu cabelo solto, assim?

— É pecaminoso, — ela sussurrou.

— O quê?

— Quando você se veste e usa seu cabelo de uma forma que se dispõe a tentar os homens, tentando seduzi-los, isso é pecaminoso, — repetiu.

Seus lábios caíram abertos. Gil não sabia como responder a isso. Nunca tinha visto uma mulher, especialmente uma mulher moderna, dizer uma coisa dessas pra ele.

— Você acha que o sexo é um pecado? — ele perguntou.

— Fora do casamento, é, — respondeu simplesmente.

— Você não muda junto com os tempos, muda? — Gil perguntou numa expulsão de ar.

— Não, — respondeu.

Ele começou a sorrir e não conseguiu parar.

— Ai meu Deus!

— As meninas estarão esperando. Vai realmente levá-las ao cinema? —, perguntou.

— Sim. — Gil estreitou um olho. — Preciso te levar a um, também. Algo excitante, específico para adultos.

Kasie corou.

— Saia daqui e pare de tentar me corromper.

— Você é antiquada.

— Pare ou vou pedir a Mama Luke pra vir até aqui dar um sermão em você.

Ele franziu a testa.

— Mama Luke?

— Minha tia.

— Que nome estranho.



Ela deu de ombros.

— Nossa família toda tem nomes estranhos.

— Eu reparei.

Kasie fez uma careta.

— Eu trabalho pra você. Minha vida particular é da minha conta.

— Você não tem uma vida particular, — disse, e sorriu com ternura.

— Sou uma grande leitora. Amo Plutarco³, Tácito e Arriano⁴.

— Bom Deus!

— Não há nada errado com história antiga. As coisas eram tão ruins naquela época como são agora. Todos os escritores antigos diziam que a geração mais jovem estava se dirigindo para o purgatório e que o mundo estava corrompido.

— Arriano não.

— Arriano escrevia sobre Alexandre, o Grande, — Kasie o lembrou. — O mundo de Alexandre estava razoavelmente numa boa forma, aparentemente.

— Arriano escrevia sobre Alexandre no passado distante, não no seu próprio presente. — Os olhos de Gil se tornaram suaves, com afeição, enquanto olhava pra ela. — Por que eu não gosto de você? Não há uma pessoa no meu círculo de conhecidos que sequer saiba quem foi Arriano, muito menos sobre o que ele escreveu.

— Eu não gosto muito de você também, — ela atirou de volta. — Mas acho que posso suportar, se você puder.

— Vou ter que, — refletiu. — Se te deixar ir embora, as meninas vão me empurrar escada abaixo e chamá-la de volta para apoiá-las no meu funeral.

Ela estremeceu abruptamente e envolveu seus braços em volta de si. *Funeral. Funeral...*

— Kasie!

Seus olhos sombrios se ergueram. Ela mal respirava.

— Não... faça piadas com coisas desse tipo.

— Kasie, não disse isso nesse sentido, — ele começou.

Ela forçou um sorriso.

— Claro que não. Tenho que me vestir.

Gil ergueu uma sobrancelha.

— Você poderia muito bem vir como está. Não vejo uma camisola assim desde que fiquei com minha avó quando criança. — Ele balançou a cabeça. — Você mandaria uma loja de lingerie retroceder décadas se esse estilo pegasse.

— É uma camisola perfeitamente funcional.

— Funcional. Sim. É definitivamente funcional. E quase tão sedutora como uma carta corrente⁵, — acrescentou.

— Boa!

³ **Plutarco**, biógrafo e ensaísta grego

⁴ **Arriano**, foi um historiador de Roma.

⁵ **Carta Corrente** (no original "chain mail"): carta ou e-mail recebido por alguém e enviado para várias pessoas e assim sucessivamente até se tornar bastante difundido; normalmente seu texto incita a difusão a outras pessoas.



Gil caiu na gargalhada.

— Tudo bem, estou saindo. — Ele saiu, lançando um olhar divertido, antes de fechar a porta.

Kasie vestiu jeans e uma camiseta escura. Arrumou seus longos cabelos numa trança e calçou tênis. Sentiu uma pontada de culpa, porque havia perdido muitos sermões de domingo nos meses que se passaram. Mas não conseguia conciliar sua dor. Precisava de mais tempo.

A família inteira estava na mesa quando se juntou a eles para o desjejum. John lhe deu um sorriso caloroso.

— Ouvi dizer que teve visitantes na noite passada, — disse a Kasie, com um olhar malicioso para as duas meninas, que estavam devorando cereal.

— Sim, tive, — Kasie respondeu com um olhar preocupado que rodeou ambos, Gil e a Srta. Parsons.

— Você deveria ter me chamado, Srta. Mayfield, — a Srta. Penny Parsons disse secamente e olhou Kasie com frios olhos escuros. — *Eu* cuido das crianças.

Kasie poderia ter argumentado aquele ponto, mas não ousaria.

— Sim, Srta. Parsons, — disse modestamente.

Gil terminou seus ovos mexidos e levou a xícara de café aos lábios. Ele vestia calças largas e uma límpida camisa esporte amarela que enfatizava seus braços musculosos. Estava elegante mesmo no estilo casual, Kasie pensou, e lembrou de repente da sensação daqueles braços fortes ao seu redor. Ela corou.

Gil percebeu seu súbito rubor e capturou seu olhar. Kasie parecia não conseguir desviar o olhar, e ele nem sequer tentou. Por um espaço de segundos, foram fundidos em algum tipo de vínculo, prisioneiros de uma sensual conexão que fez Kasie apartar os lábios abruptamente. O olhar de Gil caiu para eles e se demorou com uma fome inesperada.

Kasie deixou cair o garfo sobre o prato e saltou com o barulho.

— Desculpe! — disse com a voz rouca quando se atrapalhou com o garfo.

— Não dormiu muito na noite passada, não é? — John perguntou com um sorriso. — Nem nenhum de nós. Lá pela meia-noite pensei seriamente em desistir de criar gado e me tornar um vendedor de aspirador de porta em porta.

— Eu me senti da mesma forma, — confessou Gil. — Vamos ter que colocar uma pequena cabine do lado de fora nos cercados dos animais e manter um homem lá em noites de tempestade.

— Desde que eu não esteja na sua lista de candidatos, — John disse a seu irmão.

— Vou manter isso em mente. Bess, não brinque com a comida, por favor, — acrescentou à menina, que tinha acabado com seu cereal e agora estava espalhando ovos ao redor da borda do prato.

— Eu não gosto de ovos, papai, — ela murmurou. — Tenho que comê-los?

— Claro que tem, mocinha! — a Srta. Parsons disse secamente. — Até o último pedacinho. — Bess parecia torturada.

— Srta. Parsons, poderia pedir a Senhora Charters pra ir me ver antes de planejar o menu do jantar, por favor? — Gil pediu.

A Srta. Parsons se levantou.

— Vou pedir. Coma os ovos, Bess.



Ela saiu. Gil deu a sua filha mais velha um sinal, colocando o dedo indicador na boca. Levantou o prato de Bess, raspou os ovos para o seu, e acabou com eles antes da Srta. Parsons voltar.

— Muito bom, — ela disse, acenando com aprovação para o prato de Bess. — Eu lhe disse que ia se acostumar com um café da manhã balanceado. Temos de manter nosso corpo saudável. Vamos, agora, meninas. Vamos tirar uma boa soneca até que seu pai esteja pronto pra ir ao cinema.

Bess fez uma careta, mas não protestou. Levantou-se com Jenny e foi guiada para fora pela governanta.

— Molenga, — John criticou o homem mais velho, cutucando o ar com o garfo. — Você deveria ter feito que ela mesma comesse.

— Quando você começar a comer fígado e cebolas voluntariamente, farei Bess comer ovos, — Gil prometeu. — Quer vir conosco ao cinema? — Ele nomeou o filme que iriam assistir.

— Não, — John disse agradavelmente. — Estou indo a Billings ver um homem a respeito de alguns acres de terra a mais. — Ele olhou para Kasie especulativamente. — Quer vir comigo, Kasie?

A pergunta a surpreendeu. Enquanto estava tentando pensar numa maneira educada de dizer que não, Gil respondeu por ela.

— Kasie irá com a gente ao cinema, — respondeu, e seus olhos claros a desafiaram a discutir. — As meninas terão acessos de raiva se a deixarmos para trás. Além disso, ela gosta de desenhos animados. Não gosta, Kasie?

— Simplesmente sou louca por eles, Sr. Callister, — concordou com um sorriso apertado, com raiva porque ele praticamente a forçara concordar em ir.

— *Sr. Callister* era o nosso pai, — Gil disse com firmeza. — Não o use conosco.

Ela fez uma careta.

— Eu trabalho pra você. Não me parece certo.

John olhou para ela.

— Você está brincando!

— Não, ela não está, — Gil lhe garantiu. — Quando tiver um minuto livre, peça a ela para lhe contar por que trança o cabelo. É muito engraçado.

Kasie fixou os olhos em Gil.

— Pare com isso!

Ele limpou a boca com um guardanapo de linho branco e ficou de pé.

— Tenho alguns telefonemas a fazer antes de irmos. Vamos sair à uma hora, Kasie.

— Chamadas telefônicas no domingo? —, Kasie perguntou a John, quando o irmão dele os deixou sozinhos.

— É *ontem* em algumas partes do mundo e *amanhã* em algumas outras partes, — lembrou a ela. — Você sabe como ele é com os negócios.

— Sim, — concordou.

— O que me espanta, — refletiu, olhando pra ela, — é o quanto ele resmunga com você. Gil ama as mulheres, em geral. Está sempre fazendo pequenas coisas para tornar o trabalho mais fácil para a Senhora Charters. Deixa Pauline trabalhar apenas três dias úteis na semana, quando precisa de uma secretária em tempo integral muito mais do que eu. Mas Gil é severo com você.

— Ele não gosta de mim, — Kasie disse calmamente. — Não consegue evitar.



— Você não gosta dele, também.

Kasie sorriu timidamente.

— Não consigo evitar, também. — Ela assimilou algo que ele falara anteriormente. — Como Pauline consegue chegar ao fim do mês trabalhando apenas meio período? —, perguntou curiosa.

— Ela é independentemente rica, — John lhe disse. — Não precisa de um emprego, de jeito nenhum, mas pegou Gil num momento de fraqueza. Ele não tem muitos deles, acredite em mim. Acho que ela o atraía, a princípio. Agora as coisas esfriaram e ele está preso a ela. Pauline é tenaz.

— Por que ela precisaria trabalhar? — se perguntou em voz alta.

— Porque Gil precisava de uma secretária, é claro. Pauline não tem nenhuma formação profissional, e não tenho dúvidas de que os arquivos estão numa confusão infernal.

— Ele não poderia arrumar outra pessoa?

— Ele tentou. Pauline chorou todinha pra cima dele e Gil desistiu.

— Ele não parece um homem que sequer notaria lágrimas, — Kasie disse distraidamente.

— As aparências enganam. Você viu como ele ficou quando o cão ameaçou as garotas, — a lembrou. — Ele não é imune às lágrimas.

— Eu precisaria ser convincente, — Kasie disse e sorriu maliciosamente.

John recostou-se de volta na cadeira com seu copo de café na mão e a estudou.

— Você é boa com crianças, — disse. — Deve ter passado muito tempo em companhia delas.

Ela baixou os olhos para o prato vazio.

— Sim. Não tenho formação para isso nem nada, mas *sei* algumas coisas.

— Isso se vê. Nunca vi Bess responder a nenhuma de suas várias governantas. Ela gostou de você a primeira vista.

— Quantas governantas ela teve? —, perguntou curiosa.

— Quatro. Este ano, — emendou.

Kesie arqueou as sobrancelhas.

— Por que tantas assim?

— Você tem medo de aranhas, cobras ou sapos? — ele perguntou.

Ela balançou negativamente a cabeça.

— Por quê?

— Bem, as outras tinham. Ficavam visivelmente nervosas ao abrir gavetas ou puxar lençóis, — se lembrou com uma risada. — Bess gosta de cobras. Ela as compartilhava com as governantas.

— Ai, meu Deus! —, Kasie disse.

— Entendeu o que eu quis dizer. É por isso que a Srta. Parsons foi contratada. Ela é a melhor coisa próxima a um instrutor militar da marinha, como deve ter notado.

Seu rosto se iluminou.

— Então é por isso que ele a contratou. Eu realmente estava curiosa.

John suspirou.

— Queria que Gil a tivesse contratado para fazer o trabalho fiscal na folha de pagamento em vez disso. Ela o faz naturalmente e uma vez que é contadora aposentada, essa experiência a tornaria uma preciosidade. Contratamos uma firma de contadores pra fazer o trabalho anualmente, mas nosso encarregado da escrituração contábil que fazia a folha de pagamento se casou e mudou pra



Los Angeles, pouco antes de você ser contratada.

— E a Srta. Parsons foi contratada para cuidar das meninas. Ela realmente não gosta de crianças, — acrescentou.

— Eu sei. Mas Gil se recusa a acreditar. Ele tem sido negligente em relação ao trabalho no rancho há algum tempo. Ficou na estrada mais e mais, evitando as memórias depois que Darlene morreu. Me senti mal por ele, mas as coisas estavam decaindo por aqui. Tenho que viajar para exhibir os touros, — acrescentou, — porque quanto mais competições ganharmos, maior os preços que podemos cobrar para a remuneração da criação de cavalo ou dos touros jovens. O rancho não pode funcionar sem que alguém o supervisione. — John franziu os lábios enquanto a estudava. — Suponho que você lhe disse alguma coisa sobre negligenciar as meninas. Também penso assim, — refletiu, quando ela se remexeu desconfortavelmente. — Eu lhe disse, também, mas Gil não me escutou. Aparentemente, ele escuta você.

— Ele já tentou me demitir uma vez, — ressaltou.

— Você ainda está aqui, — John respondeu.

— Sim. Mas não consigo evitar me perguntar por quanto tempo mais, — murmurou, expressando o seu único medo real. — Eu poderia voltar a morar com minha tia, mas não é justo com ela. Tenho que trabalhar e me sustentar. Este foi o único emprego em tempo integral para o qual era qualificada. Os trabalhos estão escassos entre as massas, indiferentemente dos relatórios que surgem sobre o quão grande está a economia.

— Como é que você veio parar em Medicine Ridge, em primeiro lugar? — ele perguntou.

— Eu morava com minha tia em Billings, quando vi o anúncio para este emprego no jornal local. Já tinha andado por toda Billings esperançosa por um trabalho em tempo integral e não consegui encontrar nenhum. Este parecia ser feito sob medida pra mim.

— Estou feliz por ter conseguido, — John disse. — Tinha um monte de candidatas, mas descartamos a maioria delas em menos de cinco minutos cada. Você era a única mulher lá fora que sabia ao menos digitar.

— Está brincando!

— Não. Acharam que eu queria beleza, em vez de cérebros. Não queria. — Ele sorriu. — Não que você seja má aos olhos, Kasie. Mas não estava organizando um desfile.

— Fiquei surpresa por seu irmão me contratar, — confessou. — Ele pareceu não gostar de mim à primeira vista. Mas quando descobriu o quão rápido conseguia digitar, foi muito menos antagônico.

John não iria mencionar o que Gil havia lhe dito depois que contratou Kasie. Que tinha sido contra o melhor julgamento de Gil, e que tinha analisado detalhadamente sua aparência e sua maneira atrevida em busca de defeitos. Era interessante que Gil fosse antagônico com ela. Muito interessante.

— Você é um gênio do computador, — John disse. — Uma verdadeira preciosidade. Não percebi o que poderia se fazer com um programa de planilha até você modificar o nosso. Você é talentosa.

— Eu adoro computadores, — disse com um sorriso. — Pauline vai apreciá-los também quando aprender só um pouco mais. Uma vez que descobrir a Internet, será ainda mais eficiente. Há todos os tipos de sites na Internet dedicados à indústria pecuária. Seria ótimo para comparações — até mesmo



para compra e venda de touros. Vocês poderiam ter seu próprio site na Internet.

John soltou um baixo assobio.

— Engraçado, ainda não tinha pensado nisso. Kasie, isso poderia revolucionar a forma como fazemos negócios, pra não mencionar reduzir a quantidade de viagens que temos de fazer todo ano.

— É o que acho também, — Kasie disse, sorrindo pra ele.

— Mencione isso a Gil quando forem ao cinema, — ele persuadiu. — Vamos ver o que ele acha.

— Ele poderia gostar melhor da ideia se viesse de você, — disse.

— Acho que ele vai gostar, ponto. Eu já gosto. Sabe criar um site na Internet?

Kasie fez uma careta.

— Não, eu não sei. Mas conheço uma mulher que sabe, — acrescentou. — Ela trabalha fora de Billings. A conheci quando frequentávamos a escola de secretariado. Ela é realmente boa, e não cobra um braço e uma perna. Posso entrar em contato com ela, se quiser.

— Vá em frente. Fazemos um monte de comunicação via e-mail, mas nenhum de nós sequer pensou em colocar o gado no nosso próprio site. É uma ideia maravilhosa!

— Você está parecendo com a Bess, — Gil disse da entrada da porta. — O que é maravilhoso?

— Estamos indo para a Internet, — John disse.

Seu irmão mais velho franziu a testa.

— Para a Internet?

— Kasie pode te contar o que propôs. Isso poderia abrir novas portas pra nós em marketing. É internacional.

Gil foi rápido. Compreendeu quase de imediato.

— Você quer dizer, ter um site na Internet e o utilizar para comprar e vender gado, — ele disse.

— Vai te economizar tanto tempo quanto enviar e-mail de lá pra cá entre compradores e vendedores em potencial já o faz, — Kasie acrescentou.

— Boa ideia. — Gil estudou-a com um sorriso curioso. — Cheia de surpresas, não é, Srta. Mayfield?

— Ela é talentosa, — John disse, sorrindo para seu irmão. — Eu te disse. Agora talvez possa parar de falar em demiti-la, hmm?

Gil apertou os lábios e se recusou a morder a isca.

— É quase uma hora. Se vamos ao cinema, vamos embora. Kasie, vá buscar as meninas.

Ela quase prestou uma continência, mas ele parecia vagamente irritado. Parecia que nada que sugerisse jamais o agradasse. Kasie se perguntava por que simplesmente não ia embora e o deixava por conta própria. O pensamento era doloroso. Ela subiu para pegar as meninas, mais confusa do que nunca.

Capítulo 4

As meninas vibravam como pássaros por todo o caminho até a cidade no Jaguar preto de Gil. Kasie sentou na frente e ouvia pacientemente, sorrindo, enquanto elas lhe contavam tudo sobre o filme que iriam ver. Elas tinham visto o trailer na televisão quando assistiram seus desenhos na



manhã de sábado.

Era um dia quente e bonito, e as árvores e os ramos floresciam profusamente. Deveria ter sido perfeito, mas Kasie estava inquieta. Talvez não devesse ter mencionado nada sobre sites, mas parecia uma maneira eficiente de John e Gil entrarem no comércio baseado na Internet.

— Você está pensativa, — observou Gil. — Por quê?

— Estava me perguntando se deveria ter sugerido alguma coisa sobre o negócio da Internet, — disse.

— Por que não? É uma boa ideia, — ele disse, surpreendendo-a. — John me contou sobre a designer de sites na Internet. Amanhã, quero que entre em contato com ela e inicie o processo.

— Ela vai precisar que você lhe diga o que quer colocar no site.

— Ok.

Kasie olhou para o banco de trás, onde as meninas estavam compartilhando um livro e entusiasmadas sobre as seções *pop-up*.

— Eu trouxe pra casa ontem para elas, — comentou Gil, — e me esqueci de lhes dar. Elas amam livros.

— Esse é o primeiro passo para começarem a amar a leitura, — Kasie disse, sorrindo para as cabecinhas inclinadas sobre os livros. — Ler para elas de noite ajuda a continuar.

— A sua mãe lia pra você? — ele perguntou, curioso.

— Provavelmente lia, — Kasie pensou, sorrindo tristemente. — Mas Kantor e eu éramos muito jovens quando ela e o nosso pai... morreram. Mama Luke lia pra nós, quando éramos mais velhos.

— Aposto que gostava de ficção científica, — ele murmurou.

— Como você sabia? —, ela perguntou.

— Você adora computadores, — Gil disse com uma insinuação de um sorriso.

— Acho que eles se encaixam em ficção científica, — teve que admitir. Kasie olhou-o curiosamente. — Que tipo de livros você gostava de ler?

— Histórias de piratas, histórias de cowboy. Coisas assim. Agora, é livro sobre genética e teoria da administração, — acrescentou com ironia. — Quase nunca tenho tempo de ler apenas por diversão.

— Seus pais ajudam vocês com o rancho?

Gil pareceu virar gelo.

— Não falamos sobre os nossos pais, — disse com firmeza.

Aquilo soou estranho. Mas Kasie já estava em maus lençóis com ele, por isso não insistiu no assunto.

— É muito amável de sua parte levar as meninas ao cinema.

Gil reduziu a velocidade para se virar, sua expressão tensa.

— Eu não passo tempo suficiente com elas, — disse. — Você estava certa sobre isso. Não é falta de amor. É falta de delegação. Ficaria espantada em saber como é difícil encontrar bons gerentes que queiram viver em um rancho de gado.

— Talvez você não anuncie numa escala larga o suficiente, — ela sugeriu delicadamente.

— Como?

Kasie se lançou para frente.



— Há todos os tipos de revistas comerciais que suportam anúncios com caixas de correio ocultas, — disse. — As respostas podem ser enviadas para o jornal e ninguém precisa saber quem você é.

— Como é que sabe sobre as revistas comerciais? — ele perguntou.

Ela sorriu timidamente.

— Eu as leio. Bem, eu deveria saber algo sobre gado, já que trabalho para um rancho, não deveria?

Gil balançou a cabeça.

— Você realmente é cheia de surpresas, Kasie.

— Kasie, o que é esta palavra grande? — Bess perguntou, empurrando o livro para ela. Kasie o pegou e pronunciou a palavra foneticamente, treinando a menina em sua pronúncia. Ela pegou o livro de volta e começou a ensinar a palavra a Jenny.

— Você é paciente, — observou Gil. — Notei que a Srta. Parsons não gosta de perder tempo em ensinar as palavras a elas.

— A Srta. Parsons gosta de números.

— Sim. Ela gosta. — Gil parou no estacionamento do cinema, que estava cheio de pais e filhos. Colocou todos para fora e trancou a porta, fazendo caretas enquanto caminhavam passando por várias minivans.

— Elas são úteis para crianças pequenas, — Kasie disse maliciosamente. — As mães as amam, pelo que me disseram.

— Eu amo minhas filhas, mas não estou dirigindo uma maldita minivan! — ele murmurou.

Ela sorriu por sua expressão. As meninas correram para entrar na fila, e iniciaram uma conversa com uma criança que conheciam, cuja entediada mãe se animou quando viu Gil se aproximando.

— Oi, Gil! — ela chamou alegremente. — Vamos ver o filme do dinossauro! É por isso que você está aqui?

— É isso aí, — ele respondeu, puxando as notas de sua carteira. Deu uma pra cada garotinha, e elas compraram seus próprios ingressos. Gil comprou o dele e o de Kasie enquanto iam pra o guichê. — Oi, Amie, — ele falou para a menina com Bess e Jenny, e sorriu. Ela sorriu de volta. Era tão escura quanto suas filhas eram claras, com olhos e cabelos negros como os de sua mãe.

— Vamos sentar com Amie, papai! — Bess disse excitada, acenando com seu ingresso para Jenny.

— Acho que isso me deixa com você e...? — a outra mulher parou deliberadamente.

— Esta é Kasie, — Gil disse, e a pegou inesperadamente pelo braço, com um sorriso imperturbável para a mãe de Amie. — Você é bem-vinda para se juntar a nós, é claro, Connie.

A outra mulher suspirou.

— Não, acho que vou sentar com as meninas. Prazer em vê-lo, — acrescentou, e avançou com as meninas, parecendo entediada outra vez.

Gil deslizou sua mão para a de Kasie. Ela reagiu nervosamente ao toque inesperado, mas agarrou os dedos quentes e fortes contra os dela própria. Ele a puxou junto à fila já se formando ao lado das cordas de veludo que os bilheteiros preparavam para deixar as pessoas ao longo das várias salas.



— Engraçado, — ele disse, e parecia como se estivesse sussurrando palavras doces em seu ouvido. — Eu sou o prato principal, caso não tenha notado.

Kasie olhou em volta e viu um número de mulheres com crianças pequenas e nenhum homem acompanhando, e duas delas deram a Gil um deliberado olhar melancólico e sorriram.

— Mães solteiras? — ela sussurrou de volta, tendo que ficar na ponta dos pés.

Ele a pegou pela cintura e segurou-a contra seu quadril.

— Não. Captou a imagem?

Sua respiração ficou ofegante.

— Oh, Deus! — ela disse pesadamente.

Gil baixou o olhar para os olhos arregalados dela.

— Você é tão criança, às vezes, — ele disse suavemente. — Não vê a feiúra, não é? Atravessa a vida procurando por arco-íris em vez de chuva.

— Hábito, — ela murmurou, fascinada pelas luzes azul claro nos olhos dele.

— É um hábito bastante agradável, — ele respondeu. O olhar durou apenas alguns segundos longos demais para ser educado, e Kasie sentiu seu coração começar a saltar. Mas então, a fila se moveu e o distraiu. Gil se aproximou da responsável por pegar os ingressos, mantendo as meninas à frente cuidadosamente à vista enquanto seu braço arrastava Kasie para junto dele.

Ela gostava da proteção daquele braço musculoso. Gil não parecia um fisiculturista, todos os seus movimentos eram ágeis e graciosos. Mas ele fazia trabalho físico desde o amanhecer até o anoitecer na maioria dos dias. Ela o vira derrubar bezerros que tinham de ser medicados. Vira derrubar touros, também. Ele era forte. Involuntariamente, relaxou contra ele. Foi delicioso, a sensação de segurança que lhe dava estar perto dele, da cálida força dele.

O movimento suave o pegou desprevenido e enviou um choque de sensação através dele que não sentia há muito tempo. Gil olhou para ela com curiosidade, os olhos turbulentos que Kasie não viu. Estava sorrindo e acenando para as meninas, que entravam no cinema com a menina e sua mãe.

— Elas gostam de você, — Gil disse.

— Eu gosto delas.

Ele entregou seu bilhete para a moça de uniforme, que sorriu quando devolveu os canhotos e apontou o caminho para a sala onde ia ser exibido o desenho animado.

Gil pegou Kasie pela mão e a puxou preguiçosamente junto a ele no meio da multidão de crianças e pais, até que chegaram à sala. Mas, em vez de descer para frente, levou Kasie para um assento duplo isolado lá na fileira de trás e se sentou ao lado dela. Seu braço foi sobre a parte traseira da cadeira quando o cinema escureceu e os trailers começaram a ser exibidos.

Kasie foi eletrificada pela mudança no relacionamento deles. Sentiu os dedos magros dele em seu ombro, trazendo-a pra mais perto, e a bochecha dele descansou contra sua têmpora. Nunca nem ao menos tinha ido ao cinema com um homem. Teve um encontro duplo às escuras, uma vez, e o garoto sentara no seu próprio lado do assento e parecia nervoso, até chegarem em casa novamente. Isso estava a mundos de distância daquela experiência.

— Confortável? — Gil perguntou em seu ouvido, e sua voz era como veludo.

— Sim, — ela disse vacilante.

O peito dele subia e descia e Gil se encontrou dando mais atenção à sensação dos cabelos



macios de Kasie contra a sua pele do que ao filme. Ela cheirava a rosas de primavera. Seu cabelo era macio e tinha seu próprio aroma suave de ervas. Vinte e dois. Ela tinha vinte e dois anos. Ele tinha trinta e dois, e Kasie já dissera que era velho demais pra ela.

Gil fechou a cara enquanto pensava sobre essa diferença. Kasie precisava de alguém tão jovem como ela era, com esse mesmo espírito vulnerável, gentil e generoso. Ele tinha duas garotinhas e um negócio de alta pressão que lhe deixava pouco tempo livre. Ainda estava de luto, de certa forma, por Darlene, a quem amava desde a escola primária. Mas havia algo em Kasie que o deixava faminto. Não era desejo, embora estivesse consciente das sensações inebriantes quando ela estava perto dele. Não, era o tipo de fome que um homem sentia quando ficava do lado de fora na neve com um casaco molhado e jeans encharcado, olhando através da janela para uma lareira quente e brilhante. Ele realmente não conseguia explicar os sentimentos. Eles o deixavam inquieto.

Gil notou que Kasie ainda estava um pouco tensa. Ele tocou num cacho em seu ouvido.

— Ei, — ele sussurrou.

Ela virou a cabeça e ergueu o olhar para ele na semi-escuridão.

— Não vou dar em cima de você, — sussurrou em seu ouvido. — Tudo bem?

Ela relaxou.

— Tudo bem.

O evidente alívio em sua voz o fez se sentir culpado e ofendido. Ele moveu o braço da cadeira e se obrigou a assistir o filme. Tinha que lembrar que Kasie trabalhava pra ele. Não era justo usá-la para afastar as outras mulheres. Mas... será que era isso mesmo?

O filme do dinossauro era realmente bem feito, Kasie pensou quando se envolveu no enredo e na maravilha das criaturas que pareciam realmente vivas lá na tela. Era um tipo agridoce de desenho, contudo, e ficou pesarosa pelas meninas. Porque quando tudo acabou, Bess e Jenny vieram a eles chorando pelos dinossauros que haviam morrido no filme.

— Oh, querida, foi só um filme, — Kasie disse, e se inclinou para pegar Bess, abraçando-a. — Apenas um filme. Tudo bem?

— Mas foi tão triste, Kasie, — chorou a menina. — Por que as coisas têm que morrer?

— Não sei, querida, — ela disse suavemente, e seus olhos se fecharam por um instante numa onda de dor recordada. Perdera tantas pessoas que amava.

Gil pegou Jenny em seus braços, e eles saíram do teatro carregando as crianças. Atrás deles, outras mães estavam tentando explicar sobre a extinção.

— Calma, calma, bebê, — ele balbuciou a Jenny e beijou-lhe os olhos molhados. — Foi apenas um faz-de-conta. Dinossauros não falam de verdade, você sabe, e tinham o cérebro do tamanho de ervilhas. — Gil a ergueu e ela sorriu. — Ei, lembra do que te falei sobre as galinhas, sobre como andam direto até uma cascavel e a deixa atacá-las? Bem, dinossauros nem sequer têm cérebros tão grandes assim.

— Não tem? — Bess perguntou do seguro abraço de Kasie.

— Não tem, — Gil disse. — Se um meteoro os tivesse atingido, estariam parados bem no seu caminho, esperando por ele. E não discutiriam também.

Kasie riu enquanto olhava para Gil, encantada pela maneira com que lidara com a difícil situação. Ele era, ela pensou, um pai maravilhoso.



— Podemos tomar sorvete no caminho pra casa? — Bess perguntou em seguida, enxugando as lágrimas.

— Pode apostar. Vamos parar na casa do iogurte.

— Obrigada, papai! — Bess gritou.

— Você é o melhor papai, — Jenny murmurou contra sua garganta.

— Realmente, você é, sabia?, — Kasie concordou enquanto prendiam as meninas no banco de trás.

Seus olhos se encontraram através das crianças.

— Sou um papai veterano, — ele disse secamente.

— É isso o que é? — Kasie riu.

— Você fica melhor com a prática, ou assim me disseram. Gosta de iogurte congelado? Eu os compro, em vez de sorvete. É algo mais saudável

— Também gosto, — Kasie disse enquanto entrava no banco da frente ao lado dele.

— Vamos pegar alguns e levar pra casa para a Sra. Charters e a Srta. Parsons, — ele acrescentou, — assim não seremos culpados por estragar o apetite delas para o jantar.

— Agora, esta é uma ideia muito boa, — Kasie tinha de admitir.

Ele ligou o motor e saiu cuidadosamente do estacionamento lotado.

A loja de iogurte ficava a poucos quilômetros de casa. Eles pararam e pediram a delícia em copos para viagem, pois Gil estava esperando um telefonema de um comprador de fora do estado.

— Não gosto de trabalhar aos domingos, — comentou quando iam para casa. — Mas às vezes é inevitável.

— Você em algum momento leva as meninas à igreja?

Ele hesitou.

— Bem... não.

Kasie o observava com aqueles grandes, suaves olhos cinzentos, em que não havia condenação ou censura. Era quase como se soubesse que sua fé sofrera desde a morte de sua esposa. Não, por mais tempo que isso. Ela sofrera desde a infância, quando seus pais tinham...

— Eu mesma não tenho ido há vários meses, — Kasie disse tranquilamente. Torceu a bolsa lentamente em suas mãos. — Se eu... começar de novo, poderia levá-las comigo, se não se importar.

— Não me importo, — respondeu.

Os olhos dela se suavizaram e Kasie sorriu para ele.

Gil desgrudou seu olhar daquela calorosa afeição e o forçou de volta à estrada. Apertou as mãos no volante. Ela realmente estava conseguindo atraí-lo. Quisesse saber algum modo de escapar de problemas. Ele a achava muito atraente, e Kasie continuava a fazer sua falta de receptividade conhecida. Não queria fazer algo estúpido e enviá-la à procura de um outro emprego.

— Eu me diverti hoje, — ele disse depois de um minuto. — Mas lembre-se que a Srta. Parsons é a responsável pelas meninas, — acrescentou, com um olhar severo. — Você tem o suficiente pra fazer mantendo a papelada do John em dia. Entendeu?

— Sim, entendi. Vou tentar arduamente parar de interferir, — prometeu.

— Bom. Pauline estará fora da cidade na próxima semana, mas vai estar em casa a tempo para a festa na piscina que vamos dar no próximo sábado. Ela estará no escritório na manhã da segunda-



feira seguinte. Pode lhe dar outra aula de computação.

Kasie fez uma careta.

— Ela não gosta de mim.

— Eu sei. Não deixe que isso te aborreça. Ela é eficiente.

Ela não era, mas aparentemente conseguia esconder isso de Gil. Kasie se perguntou como ele conseguia não notar o trabalho que Pauline não fazia.

— John tinha uma secretária antes de mim? —, perguntou inesperadamente.

— Tinha, e era uma ótima secretária também. Mas saiu com um aviso prévio de apenas uma semana.

— Ela disse por quê? — Perguntou com aparente indiferença.

— Alguma coisa sobre se matar de trabalhar. John não engoliu. Ela não tinha tanto assim o que fazer.

Ela tinha, se estivesse fazendo o trabalho de John e tivesse o de Gil empurrado pra ela também. Os olhos de Kasie se estreitaram. Bem, ela não ia se dar bem dessa vez. Se Pauline comesse a esperar que Kasie fizesse seu trabalho no lugar dela, ia ter uma surpresa.

— Engraçado, — Gil murmurou quando virou em direção à estrada do rancho feita de xisto preto que levava à Double C. — Pauline disse que não sabia usar o computador, mas sempre tinha os registros do meu rebanho impresso. Mesmo que não estivessem atualizados corretamente.

Kasie não disse uma palavra. Certamente ele descobriria por si mesmo um dia. Olhou para as meninas, que ainda estavam comendo iogurte congelado nos copinhos. Elas eram tão bonitas e doces. Seu coração doía só de olhar pra elas. Sandy tinha exatamente a idade de Bess...

Ela mordeu seu lábio com força. Não devia chorar. Lágrimas não ajudariam em nada. Tinha que olhar pra frente, não para trás.

Gil parou em frente à casa e ajudou Kasie a tirar as meninas.

— Obrigada pelo filme, — Kasie lhe disse, sentindo-se tímida agora.

— O prazer foi meu, — ele disse descuidadamente. — Vamos lá, meninas, vamos procurar a Srta. Parsons. Papai vai brincar de fazendeiro por um tempo.

— Não podemos brincar também? — Bess perguntou, agarrando sua mão.

— Claro, — ele disse. — Tão logo consigam comparar taxas do peso de nascimento e o peso de aleitamento projetado pelo computador.

Bess fez uma careta.

— Oh, papai!

— Farei de você uma rancheira um dia, mocinha, — ele disse com um sorriso.

— O pai de Billy disse que com certeza estava feliz porque teve um filho, em vez de meninas. Papai, já desejou que eu e Jenny fôssemos meninos? —, perguntou.

Ele parou, caiu sobre um joelho e abraçou a filha.

— Papai ama menininhas, — ele disse suavemente. — E não trocaria você e Jenny nem por todos os meninos do mundo. Diga a Billy que eu disse isso.

Bess riu.

— Eu vou! — Ela beijou sua bochecha com um grande estalo. — Eu te amo, papai!

— Eu te amo também, mocinha.



Jenny, ciumenta, tinha que conseguir um abraço também, e elas acabaram cada uma agarrada a uma mão forte, enquanto entravam na casa.

Kasie os observou, se sentindo mais perdida e sozinha do que estivera em meses. Desejava ansiosamente fazer parte de uma família outra vez. Observar Gil com as meninas apenas enfatizava o que havia perdido.

Foi em direção à varanda e subiu os degraus devagar, alisando a mão sobre a sedosa madeira do corrimão enquanto tentava mais uma vez lidar com sua perda.

Kasie estava enrolada em sua poltrona assistindo um filme antigo na TV, quando houve uma batida suave na porta um pouco antes de ser aberta. Bess e Jenny entraram sorrateiramente vestindo suas camisolas, roupões de banho e chinelos, espiando cautelosamente o corredor antes que fechassem a porta.

— Olá, — Kasie disse com um sorriso, abrindo os braços enquanto elas subiam na cadeira grande com ela e as abraçou pra mais perto. — Vocês estão com um cheirinho bom.

— Tomamos banho, — Bess disse. — A Srta. Parsons disse que estávamos cobertas de calda de chocolate. — Ela riu. — Sujamos ela.

— Suas bebês malvadas, — repreendeu suavemente e beijou as bochechinhas.

— Poderia nos contar uma história? — perguntaram.

— Claro. O que você gostariam de ouvir?

— Aquela com os ursos.

— Ok. — Kasie começou a história, falando em todas as diferentes entonações, enquanto as meninas se aconchegavam e ouviam com atenção.

Só para ver se estavam realmente ouvindo, Kasie acrescentou:

— E então o lobo soprou e bufou...

— Não, Kasie! — Bess interrompeu. — Essa é a história do porco!

— É? — exclamou. — Tudo bem, então. Bem, os ursos chegaram em casa...

— Soprando e bufando? — veio uma profunda e divertida indagação da porta. As meninas olharam para ele, parecendo culpadas e preocupadas. — A Srta. Parsons está procurando por vocês duas, fugitivas! — ele disse. — Se eu fosse vocês, entraria na minha cama bem rápido. Ela está furiosa.

— Meu Deus! Temos que ir, Kasie! — Bess disse, e ela e Jenny se remexeram de pé e passaram correndo pelo pai corredor abaixo, desejando boa noite enquanto partiam.

Gil estudou Kasie da porta. Ela estava usando sua própria camisola branca, com um robe de algodão combinando dessa vez, e seus longos cabelos caíam em ondas ao redor de seus ombros. Ela parecia muito jovem.

— Você não estava lendo um livro. O que fez, memorizou a história? — ele perguntou, curioso.

— Acho que sim, — confidenciou, sorrindo. — Já contei tantas vezes, que acho que eu a tenho memorizado muito bem.

— Pra quem você contou? — ele perguntou de forma sensata.

O sorriso nunca falhou, mas ela se retraiu por trás dele.

— Para a garotinha que ficava com a gente algumas vezes, — respondeu.



— Entendo.

— Elas entraram e pediram uma história, — explicou. — Odiaria mandá-las embora...

— Eu não disse uma palavra.

— Disse, — ela o lembrou preocupada. — Eu sei que a senhorita Parsons cuida delas. Não estou tentando interferir.

— Sei disso. Mas é que torna as coisas difíceis pra ela quando as meninas vêm até você, em vez de a ela, — ele disse com firmeza.

Kasie fez uma careta.

— Não posso ferir os sentimentos delas.

— Vou falar com elas. — Ele levantou a mão quando Kasie começou a protestar. — Falarei com elas com jeito, — acrescentou. — Não vou fazer um estardalhaço disso.

Kasie hesitou.

— Tudo bem.

— Você tem suas próprias obrigações, — Gil continuou. — Não é justo deixá-la assumir duas tarefas, não importa como se sinta sobre isso. Não pago a Srta. Parsons para se sentar e ler manuais de imposto.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você está brincando?! —, Kasie disse, sentando-se reta. — Ela lê manuais de imposto? Pra quê? Você perguntou a ela?

— Perguntei. Ela diz que os lê por prazer, — Gil disse. — Aparentemente não queria se aposentar do negócio de contabilidade, mas foi confrontada com uma posição administrativa ou aposentadoria, — acrescentou com um sorriso divertido.

— Oh, Deus!

Ele se afastou da porta.

— Não fique acordada até tarde. John precisa começar cedo. Vai ficar afastado por uma semana mostrando Ebony King na estrada.

— Ele é o novo touro jovem, — Kasie recordou. — Ele come milho da minha mão, — acrescentou com um sorriso. — Nunca pensei em touros como seres gentis.

— Eles são uma responsabilidade real, no mínimo, — ressaltou. — Um touro daquele tamanho poderia atropelar um homem com muita pouca dificuldade.

— Acho que poderia. — Ela se levantou, com as mãos nos bolsos do robe de algodão. — Eu sinto muito sobre as meninas virem aqui.

— Oh, diabos, eu não me importo! — disse numa áspera respiração. — Mas não é prudente deixá-las ficarem muito apegadas a você, Kasie. Você sabe disso, e sabe por quê.

— Elas acham que você vai se casar com Pauline, — Kasie deixou escapar, e em seguida corou por ter sido tão pessoal com ele.

— Não tenho pensado muito em me casar de novo, — ele respondeu tranquilamente. Seus olhos passaram sobre ela com uma repentina e intensa avaliação. — Mas talvez devesse. Elas estão chegando à idade em que vão precisar de uma mãozinha de uma mulher em suas vidas. Eu as amo, mas não posso ver as coisas do ponto de vista feminino.

— Você tem se saído maravilhosamente com elas até agora, — Kasie disse. — Elas são



educadas, generosas e amorosas.

— A mãe delas também era assim, — Gil observou e por alguns segundos, seu rosto ficou delineado pela dor antes que o colocasse sob controle. — Ela as amava.

— Você disse que Bess era parecida com ela, — ela o lembrou.

— Sim, — disse imediatamente. — Ela tinha cabelos loiros longos e ondulados, exatamente da mesma cor. Jenny se parece mais comigo. Mas Bess é mais como eu.

Kasie sorriu.

— Eu reparei. Ela tem uma cabeça muito dura quando não quer fazer alguma coisa.

Gil deu de ombros.

— Ser teimoso nem sempre é uma coisa ruim. Persistência é a chave para a maioria dos sucessos na vida.

— Sim. — Ela examinou o rosto rígido dele, vendo os anos de trabalho e preocupação. Era um bom rosto, forte, mas não era bonito.

Gil estava olhando pra ela, também, e algo despertou dentro dele, uma necessidade que tinha que trabalhar para suprimir. Ele se dirigiu para fora da porta.

— Durma bem, Kasie, — disse secamente.

— Você também.

Gil fechou a porta atrás de si, sem olhar pra ela novamente. Kasie voltou para o seu filme, mas com muito menos entusiasmo.

Capítulo 5

A semana passou lentamente, e as meninas, para angústia de Kasie, tornaram-se sua sombra. Estava doente de preocupação tentando impedir que Gil notasse, especialmente após as implacáveis observações que fizera sobre suas responsabilidades no trabalho. Não ajudava o fato de continuar a se lembrar da sensação do braço dele ao seu redor na sala de cinema, o aperto quente de sua grande e esguia mão. Kasie estava com medo até de olhá-lo, porque tinha medo que sua atração por ele pudesse ser visível.

Sábado chegou e a casa estava cheia de estranhos. Kasie achou difícil se misturar com pessoas da alta sociedade, assim ficou com a Srta. Parsons e as meninas. A Srta. Parsons aproveitou a oportunidade para se esgueirar pra dentro da casa enquanto Kasie observava as meninas. Tudo correu bem no início, pois Gil estava muito ocupado com os convidados para perceber que a Srta. Parsons estava ausente. Mas não por muito tempo. Kasie tinha dado as meninas uma bola de praia para brincar, o que foi o seu grande erro da manhã.

Não teria sido tão mal se simplesmente tivesse deixado a bola de praia das crianças voar para dentro da piscina, em primeiro lugar. O problema era que, se não a parasse, Pauline levaria uma bolada na boca, o que não melhoraria a situação já ruim entre ela e Kasie. Bess e Jenny não gostavam da secretária de Gil Callister. Nem Kasie gostava, mas amava as meninas e não queria que elas entrassem em apuros. Então cedeu a um impulso, e tentou corajosamente desviar a bola de seu alvo inesperado.



Como era de se esperar, Kasie exagerou, passando do alvo, perdeu o pé e causou a maior sensação quando caiu, totalmente vestida, dentro da piscina. E, claro, ela não sabia nadar...

Gil ergueu os olhos do prospecto que estivera lendo quando ouviu o barulho. Ele conectou a queda de Kasie, a bola de praia e suas duas filhinhas loiras dando risadinhas ao mesmo tempo. Sacudiu a cabeça e fez uma careta. Pôs de lado o prospecto e mergulhou para salvar Kasie, de bermuda, camisa havaiana e tudo.

Os falecidos pais de Kasie haviam vivido o suficiente para ver a ironia do segundo nome que lhe deram. Seu nome do meio era Grace⁶, mas ela não era graciosa. Era toda pernas e braços compridos. Não era bonita, mas tinha um corpo adorável, e o leve vestido branco que usava ficou transparente na água. Era facilmente notável que estava vestindo apenas a mais fina das calcinhas e um sutiã que mal cobria seus ousados seios. Simplesmente perfeito, ela pensou miseravelmente, para se usar na frente dos parceiros de negócios dos Callisters que estavam ali para uma festa na piscina do grande rancho. A felina loira Pauline Raines estava se acabando de rir das braçadas desesperadas de Kasie na água. *Espera pra ver, senhorita*, Kasie declarou raivosamente. *Da próxima vez vou dar a Bess uma bola de futebol pra jogar na sua cabeça e não vou entrar na frente...!*

Sua cabeça afundou quando seus braços se deram por vencidos. Ela tomou um fôlego enorme quando braços poderosos a cercaram e a retiraram da água profunda. Tinha que ser Gil a resgatá-la, pensou miseravelmente. John nem sequer estava olhando para a direção deles. Ele teria mergulhado atrás dela num minuto, ela sabia, se ele tivesse visto a sua queda. Mas enquanto John era bom e gentil, ele não era Gil, que estava começando a ter um efeito assustador sobre o coração de Kasie. Ela olhou para Pauline enquanto crepitava. Kasie queria ser bonita como Pauline. Ela parecia a própria imagem de uma secretária eficiente. Kasie possuía grande velocidade de digitação, habilidades em ditado e perícia organizacional, mas tinha apenas uma aparência normal. Além disso, era um desastre social, e acabara de provar isso a Gil e todos os convidados.

Gil fora inesperadamente amável com ela no cinema, quando a levava com as meninas para ver o filme. Ainda vibrava, lembrando a mão dele segurando a dela. Isso, no entanto, era muito pior. Seus seios estavam quase nus na blusa fina, e sentia a rígida parede muscular do peito dele com admiração e prazer e um pouco de medo, porque nunca sentira tais inebriantes sensações em seu corpo antes. Kasie se perguntou se ele a demitiria por fazer uma cena em sua festa na piscina, para a qual muitos criadores de gados ricos e proeminentes e suas esposas haviam sido convidados.

Para dar crédito a ele, Kasie não tinha exatamente inspirado confiança no trabalho nas últimas semanas. Duas semanas antes, tropeçou nos degraus da frente e pousou em uma roseira bem aos pés de um criador de gado do Texas, que quase ficara roxo tentando não rir. Depois, ocorrera aquele incidente com o sorvete na semana passada, que ainda a envergonhava. Bess ameaçara Kasie com uma grande pasta pegajosa de sorvete de chocolate. Enquanto Kasie estava recuando, rindo incontroladamente, Gil entrara em casa com chaparreiras, botas e camisa sujas, com seu chapéu sobre um olho azul e sua boca uma linha fina, com sangue escorrendo de um corte na testa. Bess tinha jogado o sorvete em Kasie, que se esquivou, bem a tempo dele atingir direto na testa de Gil. Enquanto ele esfrega limpando, Kasie agarrou a colher de Bess e esperou a explosão quando seu

⁶ **Grace:** Graça (se traduzido literalmente do inglês)



chefe limpou o sorvete e olhou para ela. Aqueles olhos azuis poderiam cortar diamantes. Eles realmente brilhavam. Mas Gil não disse uma palavra. Apenas olhou para ela, antes que se virasse e continuasse pelo corredor até a escadaria que levava ao seu quarto.

Agora, aqui estava ela meio-afogada em um acidente na piscina, tendo feito um espetáculo de si mesma mais uma vez.

— Me pergunto se conseguiria arrumar um trabalho em Hollywood? — ela balbuciou enquanto se agarrava a estimada vida. — Deve haver um mercado para falta de jeito em estado terminal em algum lugar!

Gil levantou uma sobrancelha e lhe deu um lento e expressivo sorriso, antes de puxá-la pra mais perto, contra o peito e virou em direção aos degraus de concreto na extremidade. Ele saiu da piscina, pingando água, e se encaminhou em direção a casa.

— Não se mexa, Kasie, — disse em sua têmpora, e sua voz soou estranha.

— Desculpe, — ela tossiu. — Pode me colocar no chão, agora. Estou bem. Eu consigo andar.

— Se eu colocá-la no chão, você se tornará o entretenimento, — disse enigmaticamente em seu ouvido. Olhou por cima do ombro. — John, cuide das meninas até eu voltar! — gritou.

— Oh, eu vou olhá-las, Gil! — Pauline interrompeu preguiçosamente. — Venham cá, meninas! — chamou, sem sequer olhar na direção delas.

— *John* irá olhá-las, — Gil disse enfaticamente e não se moveu até que seu magro e esbelto irmão levantou de repente e foi em direção a suas sobrinhas, sorrindo.

Gil subiu a escada com Kasie aconchegada junto ao peito.

— Por que você não sabe nadar? — ele perguntou.

Sua voz profunda e lenta a fez se sentir engraçada. Assim como o próximo, quase íntimo contato com ele. Ela mordiscou o lábio inferior, se sentindo encharcada, desgrehada e envergonhada.

— Tenho medo da água.

— Por quê? — ele persistiu.

Kasie não iria lhe responder. Não faria bem algum, e não queria se lembrar. Provavelmente ele nunca vira alguém se afogar.

— Desculpe, eu atrapalhei a festa na piscina, — ela murmurou.

Gil a balançou suavemente enquanto passavam o patamar da escada e fizeram uma pausa na porta do quarto dela.

— Pare de se desculpar a cada duas palavras, — disse abruptamente enquanto a colocava no chão. Ele a segurou lá com duas mãos grandes e finas na parte superior de seus braços e estudou-a atentamente, à tênue luz das arandelas⁷ na parede.

A sensação daquela força quente contra ela a deixou tonta. Nunca estivera tão perto dele antes. Gil era dez anos mais velho que Kasie, e tinha uma autoridade e maturidade que deve ter sido evidente mesmo quando tivera a idade dela.

Kasie já havia tentado pensar nele como o pai de Bess e Jenny, mas após sua proximidade no cinema era quase impossível pensar nele como nada mais que um homem maduro e sexy.

⁷ **Arandela:** Braço para bico de gás, vela ou lâmpada elétrica, preso à parede.



— Parece que não consigo fazê-la entender que as meninas são responsabilidade da Srta. Parsons, não sua! — Ele viu o leve rubor dela e franziu a testa. — Falando na Srta. Parsons, onde diabos ela está?

Kasie limpou a garganta e jogou para trás uma mecha encharcada de seu cabelo escuro.

— Ela está no escritório.

— Fazendo o quê?

Kasie se mexeu, mas Gil não soltou seus braços. Aquele olhar fixo azul, feroz e sem piscar a privou de uma réplica elegante.

— Tudo bem, — disse pesadamente. — Ela está fazendo o imposto retido na fonte, no leitor de impostos do John. — Gil não falou. Kasie olhou para cima e fez uma careta. — Bem, eu não sou especialista em lei fiscal, e ela é.

— Então vocês trocaram de funções sem permissão, é isso?

Ela hesitou.

— Sim. Me desculpe. Mas é só por hoje! Você já sabe que ela não... bem, ela não gosta muito de crianças, na verdade, e eu odeio impostos...

— Sei.

— Não deveria ter dado a bola de praia a elas. Pensei que iriam para a parte rasa da piscina com ela. E então Bess a jogou...

— Bem no novo penteado caro de Pauline, — Gil terminou por ela. Ele franziu os lábios sensuais e procurou seu rosto. — Você não irá delatá-las, é claro. Você levou a culpa pelo sorvete também. E quando tropeçou em um dos brinquedos de Jenny nos degraus da frente e entrou na roseira, culpou a sua falta de jeito.

— Você sabia? —, ela perguntou, surpresa.

— Sou pai há cinco anos, — disse ele pensativo. — Conheço todo o tipo de coisas. — Seus olhos azuis claros deslizaram para baixo muito lentamente pelo vestido molhado de Kasie e se estreitaram ante o que estava à mostra. Ela tinha o corpo delicioso. Cada linha e curva estavam à mostra, já que o vestido fino estava colado ao seu corpo. Seus seios eram perfeitamente formados e os mamilos eram escuros. A sensação de tê-la contra o peito, mesmo através de blusa molhada dela e da camisa de algodão dele, quase lhe tirou o fôlego. Era errado que estivesse notando estas coisas nela. Estava começando a reagir a elas, também. Tinha que sair dali. Ela era tão jovem...

Gil amaldiçoou baixinho.

— É melhor trocar de roupa, — disse secamente. Ele deu meia-volta e se dirigiu para a escada.

— Sobre a Srta. Parsons...! — ela o chamou, numa última tentativa de evitar represálias.

— Você também pode considerar as meninas seu trabalho de agora em diante, — disse, irritado. — Posso ver que é uma batalha perdida mantê-la longe delas. Vou ceder a Srta. Parsons a John. Ele não irá apreciar tanto a vista, mas ficará fora da cadeia devido ao fato de não conseguirmos compreender que formulários de imposto poderiam tornar o negócio mais agradável, — ele disse, sem interrupção. — Quando tiver algum tempo livre, pode continuar dando aulas de informática a Pauline. Isso inclui segunda-feira de amanhã. A Sra. Charters pode olhar as meninas enquanto você trabalha com Pauline.

— Mas eu não sou uma governanta treinada. Sou secretária! — ela insistiu.



— Ótimo. Pode deixar Bess ditar cartas pra você e suas bonecas.

— Mas...!

Era tarde demais. Ele em momento algum discutiu. Apenas continuou andando. Kasie jogou as mãos pro alto e voltou para o seu quarto. Foi em direção ao banheiro tirar suas roupas quando se olhou no espelho. Toda a roupa estava transparente. Lembrou o intenso olhar de Gil e corou todo o corpo até os dedos dos pés. Não era de admirar que ele a estivesse olhando. Cada parte sua estava exposta! Ela se perguntava como alguma vez seria capaz de olhar nos olhos dele novamente.

Kasie trocou de roupa e voltou para a festa na piscina, abatida e miserável. Era difícil acreditar que nem ao menos tivera uma ligeira atração por John assim que foi trabalhar para os Callisters. Ele era bonito e muito sexy, mas ela simplesmente não se sentia assim em relação a ele. Felizmente, ele nunca se sentira daquele jeito em relação a ela também. John tinha alguma mulher secreta em seu passado, e agora não levava ninguém a sério. Kasie tinha ouvido isso da Sra. Charters, que era um verdadeiro depósito de informações sobre o assunto. John não parecia, para Kasie, um homem com um coração partido. Mas talvez estivesse camuflando.

Kasie nunca se apaixonara de verdade. Sentira atração por celebridades e estrelas de cinema, e pelos garotos da escola — e um verão tivera um caso de verdade com um menino que morava perto da casa de Mama Luke, sua tia, em Billings. Mas aqueles foram todos muito inocentes, limitados a beijos e carícias leves e sem muito desejo.

Tudo isso tinha mudado quando Gil Callister segurou sua mão no cinema. E quando Gil a carregara escada acima esta manhã, estava em chamas com o prazer. Ainda estava trêmula, com novas sensações que não entendia. Gil era o seu chefe, e ele não gostava dela. Kasie passara mais tempo com as meninas do que os adultos, porque John não gostava de fazer o trabalho escrito e estava sempre se esquivando do ditado. Ele podia habitualmente ser encontrado com os homens lá fora no rancho, ajudando com qualquer tarefa rotineira que estivesse acontecendo no momento. Gil fazia isso também, claro, mas não porque não gostava da papelada. Gil raramente ficava sem fazer nada.

A Sra. Charters disse que era porque ele amava sua esposa e nunca tinha se conformado com sua inesperada morte no singular acidente durante um passeio a cavalo. Ela tinha apenas vinte e seis anos de idade.

Isso acontecera há apenas três anos atrás. Desde então, Gil havia contratado uma sucessão de enfermeiras, a princípio, e, em seguida, governantas maternais para cuidar das meninas. A velha Sra. Harris havia se aposentado e em seguida Gil contratara a Srta. Parsons, em desespero, por causa de uma inundação virtual de jovens mulheres casadoiras, que estava de olho em Gil ou John. Kasie se lembrou de Gil dizendo que não tinha interesse em casamento, nunca mais. Naquela época, não poderia ter imaginado se sentir atraída por um viúvo com duas filhas que tinha a personalidade de uma cobra cascavel.

Nas suas primeiras poucas semanas no emprego, ele observara Kasie. Não queria suas filhas perto de Kasie, e deixou isso claro. Impressionante o quanto aquilo tinha machucado. Elas eram garotinhas tão adoráveis!

Pelo menos, Kasie pensou, agora poderia passar um tempo com elas sem ter que se esgueirar para fazê-lo. Gil poderia não gostar dela, mas não podia negar que suas filhas gostavam.



Provavelmente sentiu que não tinha escolha.

Kasie sentiria falta do trabalho de secretária, e se questionou como Gil iria se virar com Pauline, que absolutamente detestava tarefas burocráticas. A mulher só fazia aquilo para ficar perto de Gil, mas ele não parecia perceber isso. Ou se percebia, não se importava.

Ela tentou visualizar Gil casado com Pauline e isso a feriu. Pauline era superficial e egoísta. Ela realmente não gostava das meninas, e provavelmente encontraria alguma maneira de tirá-las de perto dela quando ela e Gil estivessem casados, se o fizessem. Kasie odiava a simples ideia de tal casamento, mas não era ninguém no mundo e Gil Callister era um milionário. Não conseguiria nem mesmo provocá-lo ou flertar com ele, porque poderia pensar que estava atrás dele por sua riqueza. Isso a deixava constrangida, então ficava desconfortável perto dele e, além disso, com a língua presa.

Isso o deixava ainda mais irritado. Domingo à tarde houve outra tempestade e Gil e os homens tiveram que sair e trabalhar com o gado. Ele veio apenas depois do anoitecer, encharcado, afrouxando a camisa no caminho para o escritório. Seu cabelo estava colado ao seu couro cabeludo e as esporas tilintavam quando andava, sua chaparreira de couro fazendo barulhos de tapas a cada passo largo de suas longas e poderosas pernas vestidas num jeans. Suas botas estavam encharcadas também, e cheias de lama.

— A Sra. Charters vai ficar atrás de você, — Kasie observou enquanto erguia os olhos das notas terrivelmente rabiscadas que John deixara, a qual a Srta. Parsons havia lhe pedido para ajudar a decifrar. A Srta. Parsons já tinha ido para a cama, antecipando um início muito cedo no trabalho na manhã seguinte.

— Esta é a minha maldita casa! — disparou contra ela, irritado, correndo uma mão pelo cabelo encharcado para tirá-lo de sua testa. — Posso gotejar onde eu quiser!

— Sim, tem razão, — Kasie respondeu. — Mas a lama vermelha não vai sair dos tapetes persas.

Ele lhe deu um olhar duro, mas se sentou numa cadeira e retirou as botas sujas de lama, arremessando-as em direção ao largo forno de tijolo da lareira, onde não iriam sujar nada delicado. As meias brancas estavam encharcadas também, mas não as tirou. Sentou atrás de sua mesa, pegou o telefone e fez uma ligação.

— Onde estão as meninas? — perguntou, enquanto esperava a chamada ser atendida.

— Assistindo o novo filme *Pokemon* no quarto delas, — Kasie disse. — A Srta. Parsons não consegue entender a letra do John, por isso estou decifrando pra ela, assim ela pode começar cedo amanhã de manhã com a folha de pagamento e os impostos estimados por trimestre, que vencem em junho. Se estiver tudo bem, — acrescentou educadamente.

Gil apenas olhou para ela.

— Alô, Lonnie? — ele disse de repente no receptor do telefone que estava segurando. — Pode me dar o nome daquele mecânico que trabalhou no caminhão do Harris, no mês passado? Sim, aquele que não precisa de um maldito computador para lhe dizer o que há de errado com o motor. Tem o número dele? Só um minuto. — Pescou uma caneta na gaveta, apanhou um envelope e escreveu um número nele. — Claro. Obrigado. — Ele desligou e ligou novamente.

Enquanto falava com o mecânico, Kasie terminou de transcrever a escrita terrível de John, de forma legível, para a Srta. Parsons.

Gil desligou e ficou de pé, recuperando suas botas.



— Se tiver alguns minutos livres, preciso de você para tomar alguns ditados pra mim, — ele disse a Kasie.

— Ficarei feliz em fazê-lo.

Ele lhe deu uma estreita avaliação.

— Pedi a um homem que viesse olhar meu caminhão de transporte de gado, — acrescentou. — Se ele chegar aqui enquanto estiver no chuveiro, leve-o para a sala e não o deixe sair. Ele consegue ouvir um motor e dizer o que há de errado com ele.

— Mas é domingo, — começou.

— Eu preciso do caminhão para transportar o gado amanhã. Tenho certeza que ele foi à igreja esta manhã, por isso está tudo certo, — garantiu secamente. — Além disso...

O toque do telefone o interrompeu. Gil ergueu o receptor.

— Callister, — ele disse.

Houve uma pausa, durante a qual seu rosto se tornou mais fechado do que Kasie já tinha visto.

— Sim, — respondeu a uma pergunta. — Vou conversar com John, quando ele voltar, mas posso te dizer qual será a resposta. — Ele sorriu friamente. — Tenho certeza que se usar sua imaginação, conseguirá descobri-la também sem muita dificuldade. Não, eu não. Não dou a mínima. Faça o que quiser com eles. — Houve uma pausa mais longa e Kasie pensou que nunca vira tal frieza nos olhos de um homem. — Eu não preciso de nada, obrigado. Sim. Faça isso.

Gil desligou.

— Meus pais, — disse severamente. — Com um convite para ir e levar as meninas a sua propriedade em Long Island, na próxima semana.

— Você vai?

Ele pareceu brevemente sarcástico.

— Eles estão dando uma festa para algumas pessoas que estão interessadas em ver como um verdadeiro criador de gado se parece, — disse surpreendentemente. — Estão tentando vendê-los num contrato de publicidade para sua revista de esportes e acham que John e eu poderíamos ser úteis. — Gil soava amargo e hostil. — Eles tentam isso ocasionalmente, mas John e eu não vamos. Podem ganhar dinheiro por conta própria. Vou estar lá em cima, se o mecânico vier. Diga-lhe que o caminhão está no celeiro com um dos meus homens. Ele pode ir direito lá pra fora.

— Ok.

Gil saiu e Kasie ficou olhando para ele. A conversa com os pais não fora agradável para ele. Parecia odiá-los intensamente. Sabia que eles nunca eram mencionados perto das meninas e John nunca falava deles, também. Ela se perguntava o que teriam feito para deixar seus filhos tão hostis. Então, se lembrou do que Gil havia dito, sobre serem usado por seus pais apenas para ganhar dinheiro, e tudo começou a fazer sentido. Talvez eles realmente não quisessem ter filhos mesmo. Era uma pena que seus filhos não fossem nada mais que incentivos de vendas para eles.

O mecânico veio enquanto Gil estava lá em cima. Kasie foi com ele para a extensa varanda e lhe mostrou onde ficava o celeiro, de modo que pudesse dirigir até lá e estacionar sua caminhonete. A chuva havia parado, de qualquer forma, assim ele não teria que se preocupar em se molhar. Havia um som agradável de pingos caindo do beiral da casa, e o delicioso cheiro de flores molhadas na escuridão.



Kasie sentou no balanço da varanda e o colocou em movimento. Estava uma noite perfeita, agora que a tempestade tinha diminuído. Podia ouvir os grilos, ou talvez sapos, chilreando por toda a parte nos arbustos floridos que cercavam a varanda. Lembrou, por algum motivo, da África. Lembrava-se vagamente de se sentar num balanço da varanda com sua mãe e Kantor, quando seu pai estava fora, trabalhando. Havia os deliciosos cheiros da cozinha da casa, e os cheiros picantes fluando pelo vento, vindos do porto, bem como o som familiar dos trabalhadores Africanos cantando e cantarolando enquanto trabalhavam pelo povoado. Foi há um longo tempo atrás, quando ainda tinha uma família. Agora, com exceção de Mama Luke, estava completamente sozinha. Era uma sensação fria e vazia.

A porta de tela se abriu de repente, e Gil saiu para a varanda. Seu cabelo loiro ainda estava úmido, levemente rebelde nas pontas e tendendo a cachear. Estava vestindo uma camisa xadrez Western azul com jeans claro e belas botas. Parecia exatamente do jeito que um trabalhador cowboy deveria parecer quando estava limpo, ela pensou, tentando imaginá-lo um século antes.

— O mecânico está aqui? — ele perguntou abruptamente quando avistou Kasie no balanço.

— Sim, eu o enviei ao celeiro.

Gil desceu os degraus graciosamente e seguiu ativamente em direção ao celeiro. Partira a mais ou menos cinco minutos e quando saiu do celeiro, o mecânico também saiu. Eles apertaram as mãos e o mecânico foi embora.

— Um fusível, — murmurou, sacudindo a cabeça, enquanto subia os degraus e se deixava cair no balanço ao lado de Kasie. — Um maldito fusível, e todo o painel pifou. Imagine só.

— Às vezes são as pequenas coisas que dão os maiores problemas, — ela murmurou, tímida com ele.

Gil colocou um braço por trás dela e pôs o balanço em movimento.

— Gosto de como você cheira, Kasie, — disse preguiçosamente. — Você sempre me lembra rosas.

— Eu sou alérgica a perfume, — ela confidenciou. — Os florais são os únicos que posso usar sem espirrar até estourar minha cabeça.

— Onde estão meus bebês? — ele perguntou.

— A Sra. Charters está assando biscoitos com elas na cozinha, — disse, sorrindo. — Elas gostam de cozinhar. Eu também. Todas nós temos aprendido muito com a Sra. Charters.

Gil olhou para Kasie na escuridão. Uma mão esguia foi em direção a trança na parte de trás da cabeça dela, e ele a puxou suavemente.

— Você é misteriosa, — ele murmurou. — Não sei realmente nada sobre você.

— Não há muito a contar, — ela disse. — Sou simplesmente comum.

Ele se mexeu, e Kasie sentiu sua coxa poderosa contra sua perna. Seu corpo veio à vida com fugazes pequenos golpes de prazer. Ela podia sentir a respiração se prendendo em sua garganta enquanto respirava. Gil estava muito perto.

Kasie começou a se mover, mas já era tarde demais. O braço dele a enroscou em seu corpo, e a pressão quente e dura de sua boca empurrou sua cabeça contra o balanço enquanto ele se alimentava avidamente em seus lábios.

Parte dela queria resistir, mas uma parte mais forte estava completamente impotente. Ela



estendeu as mãos e colocou os braços em volta de seu pescoço e abriu os lábios para ele. Kasie o sentiu enrijecer, hesitar, prender o fôlego. Em seguida, a boca tornou-se áspera e exigente, e ele a arrastou por suas pernas, abraçando-a pra mais perto enquanto a beijava até que sua boca ficou inchada e sensível.

Gil mordiscou o lábio superior de Kasie, lutando para respirar normalmente.

— Não me deixe fazer isso, — alertou.

— Você é maior do que eu, — ela murmurou ofegante.

— Isso não é desculpa.

Os dedos dela se arrastaram sobre a rígida boca dele e desceram até seu peito, onde repousaram. Ela fixou os olhos na larga curva de sua boca com uma espécie de assombro pelo fato de um homem como aquele, bonito, charmoso e rico, olhar duas vezes para alguém tão sem graça como Kasie. Talvez ele precisasse de óculos.

Gil tocou seu rosto oval, traçando suas linhas suaves numa escuridão quente e úmida, que parecia repentinamente um lugar exótico, distante. Kasie sentiu como se chegasse em casa. Por impulso, deixou sua cabeça deslizar pelo braço dele até que descansou na curva de seu cotovelo. Ela observou a expressão dele endurecer, ouviu sua respiração mudar. Os dedos magros de Gil se moveram pelo seu queixo e desceram ao seu pescoço até que estivessem no botão de cima de seu vestido *Chemisier*⁸. Eles hesitaram ali.

Ela se deitou, olhando pra ele pacientemente, curiosamente, inflamada com desejos desconhecidos e prazer.

— Kasie, — ele sussurrou, e seus dedos longos começaram a mover sensualmente o botão de cima de sua casa. Quando ele se libertou, Gil ouviu o suave ofego dela, sentiu o tremor de seu corpo, e soube que este era um território novo pra ela.

Sua mão começou a deslizar suavemente para dentro da abertura que havia feito. Ele observava Kasie, deitada tão docemente em seus braços, dando-lhe livre acesso com sua inocência, e ele tremeu de desejo.

Mas ao mesmo tempo em que sentia o suave calor da pele de sua clavícula, jovens vozes sorridentes vieram flutuando pela varanda enquanto a porta da frente se abria.

Gil colocou Kasie de novo no seu próprio assento abruptamente e se levantou.

— Papai está em casa! — Bess gritou, e ela e Jenny correram para ele, que as ergueu e beijou de todo coração.

— Eu vou, uh, ir agora mesmo pegar o meu bloco de anotações para que você possa ditar a carta que mencionou, — Kasie disse enquanto se levantava também.

— Não vai não, — Gil disse, sua voz ainda um pouco rouca. — Vá pra cama, Kasie. Isso pode esperar. Pela manhã, pode instruir Pauline no computador, assim ela vai poder assumir a responsabilidade de introduzir os registros do gado. John não entrará até tarde esta noite, e ele parte amanhã cedo para a exposição de gado em San Antonio. Não há nada no escritório que não possa esperar.

Ela estava ao mesmo tempo aliviada e desapontada. Estava ficando mais difícil negar a Gil

⁸ **Chemisier:** Do francês chemise, que significa camisa. Modelo de vestido abotoado na frente, imitando a camisa



qualquer coisa que quisesse. Não poderia ter imaginado que fosse uma pessoa tão libertina apenas algumas semanas atrás. Não sabia o que fazer.

— Ok, vou dar a noite por encerrada e ir pra cama, — ela disse, tentando disfarçar seu nervosismo. — Boa noite, bebês, — disse a Bess e Jenny com um sorriso. — Durmam bem.

— Você vai nos contar uma história, Kasie? — Bess começou.

— Eu vou contar uma história esta noite. Kasie precisa descansar. Tudo bem? — Gil perguntou as meninas.

— Tudo bem, papai, — murmurou Jenny, pousando a cabeça sonolenta em seu ombro.

Todos eles subiram as escadas juntos. Kasie não encontrava muito os olhos dele enquanto descia o corredor para o seu próprio quarto. Ela não dormiu muito, também.

Capítulo 6

Pauline Raines estava meia hora atrasada na manhã seguinte. Gil já havia saído para checar uns gados que estavam sendo embarcados. John tinha saído antes da luz do dia para voar até San Antonio, onde o reboque de gado estava levando seu touro campeão, Ebony King, para a exposição de gado. Enquanto as meninas tiravam uma soneca, Kasie ajudava a Srta. Parsons com a correspondência de John e atendia o telefone. Agora que passara o período de recolhimento do gado, as coisas não estavam tão agitadas, mas os relatórios de vendas estavam entrando à medida que os gados selecionados eram enviados, e nem todos sequer estavam no computador ainda. Como também não estava a maior parte do novo rebanho de bezerros.

A Srta. Parsons tinha ido ao correio quando Pauline chegou vestindo um elegante terno preto com um lenço azul. Ela olhou de relance para Kasie enquanto jogava sua bolsa na cadeira.

— Aqui estou —, disse irritada. — Não costumo entrar antes das dez, mas Gil disse que eu tinha que chegar cedo, para trabalhar no estúpido computador. Não vejo por que preciso aprender.

— Porque você tem que colocar todas as informações que estamos recebendo sobre os novos bezerros e reposição de novilhas, — Kasie explicou pacientemente. — É o que chamamos de “*fazer backup*”.

— Você pode fazer isso, — Pauline disse com altivez. — Você é a secretária do John.

— Não mais, — ela respondeu calmamente. — Vou cuidar das meninas, enquanto a Srta. Parsons toma o meu lugar no escritório de John. Ela vai lidar com todo o trabalho tributário.

Aquela informação não agradou Pauline.

— Você é secretária, — ressaltou.

— Foi o que eu disse ao Sr. Callister, mas isso não o fez mudar de ideia, — Kasie respondeu laconicamente.

— Então agora vou ter que fazer todo o seu trabalho enquanto a Srta. Parsons faz os impostos? Eu não vou! Com certeza você vai ter bastante tempo livre para colocar esses registros no computador! Duas meninas não exigem muita atenção. Basta colocá-las na frente da televisão!



Kasie quase mordeu a língua para não dar uma resposta malcriada.

— Não vai ser difícil usar o computador. Vai lhe poupar horas de trabalho escrito.

Pauline lhe deu uma encarada.

— Debbie sempre colocava essas coisas no computador.

— Debbie saiu porque não conseguia fazer dois trabalhos ao mesmo tempo, — Kasie disse, e confirmou suas suspeitas quando viu o desconforto de Pauline. — Você realmente vai aproveitar o tempo que o computador te economizar, uma vez que entender como ele funciona.

— Não preciso deste emprego, ninguém te contou? — A mulher mais velha perguntou. — Eu sou rica. Faço isso só pra ficar perto de Gil. Nos dá mais tempo juntos, enquanto vemos o quanto somos compatíveis. O que me lembra, não pense que está num emprego estável tomando conta dessas crianças, — acrescentou com altivez. — Gil e eu iremos procurar um colégio interno muito em breve.

— Colégio interno? — Kasie exclamou, horrorizada.

— Eu já verifiquei vários, — Pauline disse. — Não é bom que garotinhas se tornem muito apegadas aos seus pais. Isso interfere na vida social de Gil.

— Não tinha reparado.

Pauline franziu a testa.

— O que quer dizer com *não tinha reparado*?

— Bem, o Sr. Callister é quase uma geração mais velho do que eu, — disse deliberadamente.

— Oh. — Pauline sorriu secretamente. — Entendo.

— Ele é um homem muito gentil, — Kasie enfatizou, — mas não penso nele dessa maneira, — acrescentou, mentindo entre os dentes.

Pauline pela primeira vez parecia sem fala.

— Aqui, vamos começar, — Kasie disse enquanto ligava o computador, tentando evitar problemas. Esperava que o comentário a mantivesse longe de problemas com Pauline, que obviamente considerava Gil Callister sua propriedade pessoal. Kasie já tinha problemas suficientes, sem acrescentar uma secretária ciumenta a eles. Mesmo que secretamente achasse que Gil era o homem mais sexy que já conhecera.

Pauline parecia determinada a fazer cada segundo de trabalho tão árduo quanto humanamente possível para Kasie. Ela insistiu em três pausas para o café antes do meio dia, e a premente natureza de informação chegando por fax manteve Kasie trabalhando muito tempo depois de Pauline dar o dia por encerrado às três da tarde e ir pra casa. Se a Sra. Charters não tivesse ajudado deixando Bess e Jenny fazer bolinhos, Kasie não teria sido capaz de fazer tanto quanto fizera.

Ela tinha acabado de terminar as novas entradas no computador quando Gil entrou, empoeirado, suado e meio mal-humorado. Ele não disse uma palavra. Foi ao armário de bebidas, se serviu de uísque com água e bebeu metade dele antes de ao menos olhar para Kasie.

Levou um minuto para perceber que ele estava abertamente encarando-a.

— Há algo errado? — perguntou inquieta.

— Pauline me ligou no celular há alguns minutos atrás. Disse que você está tornando impossível para ela fazer seu trabalho, — ele respondeu finalmente.

Seu coração deu um salto. Então era assim que a outra mulher iria marcar pontos — contando



mentiras.

— Estive mostrando a ela como digitar estes dados, e isso foi tudo o que fiz, — Kasie lhe disse calmamente. — Ela detesta computadores.

— Estranho que Pauline trabalhasse tão bem com ele até agora, — disse, desconfiado.

— *Debbie* trabalhava bem com ele, — Kasie respondeu sem rodeios, ruborizando um pouco ante a tensão irada dele. — Ela estava aparentemente tendo que colocar seu próprio trabalho, assim como o de Pauline, no computador.

Gil tomou outro gole da bebida. Ele não parecia convencido.

— Não é o que Pauline diz, — ele disse a ela. — E eu quero saber por que de repente você quer minhas filhas num colégio interno, depois de passar semanas nas minhas costas e contra minhas instruções para conquistar a simpatia delas, pra que assim ficassem ligadas a você. — Ele acrescentou com raiva: — Eu falei sério quando disse que não tinha planos de me casar. Portanto, se isso a faz mudar de ideia sobre querer cuidar delas, é só falar e lhe darei uma referência e duas semanas de indenização por demissão!

Ele realmente parecia feroz. A cabeça de Kasie estava girando com as acusações.

— Perdão?

Gil terminou a bebida e colocou o copo com firmeza no balcão abaixo do armário de bebidas. Seus olhos claros estavam brilhando.

— John e eu passamos seis dos piores anos de nossas vidas num colégio interno, — ele acrescentou inesperadamente. — Não vou colocar meus bebês em nenhum internato.

Kasie sentiu como se estivesse sendo atacada por mãos invisíveis. Ela se levantou, sua mente cambaleante devido às acusações. Pauline estivera ocupada!

— Eu não disse nada sobre colégio interno, — ela se defendeu. — Pauline disse...

Gil levantou a mão.

— Conheço Pauline, — ele disse. — Eu a conheço durante a maior parte da minha vida. Ela não diz mentiras.

Rapaz, ele levaria um choque um pouco mais adiante no caminho, ela pensou, mas não disse mais nada. Já estava com problemas demais, e nenhum deles foi criado por ela mesma.

Kasie não disse uma palavra. Apenas olhou para ele com os grandes e cinzentos olhos feridos.

Gil se aproximou, sua mente relembrando os comentários de Pauline sobre Kasie. Não queria acreditar que Kasie fosse tão duas caras que bajularia as meninas para cair nas boas graças de Gil e, em seguida, quisesse vê-las enviadas a um colégio interno.

Mas o que ele realmente sabia sobre Kasie, afinal? Ela não tinha família exceto uma tia em Billings, ou assim ela dissera, e exceto pelas informações em seu requerimento que mencionava a escola de secretariado, nada sobre sua educação anterior era evidente. Ela era misteriosa. Ele não gostava de mistérios.

Gil parou bem em frente a ela, seu rosto rígido e ameaçador enquanto baixava o olhar a ela.

— Onde você nasceu? — perguntou abruptamente.

A pergunta a surpreendeu. Ela ficou nervosa.

— Eu, bom, eu nasci na... na África.

Ele não esperava essa resposta, e isso ficou evidente.



— África?

— Sim. Em Serra Leoa, — acrescentou.

Ele franziu a testa.

— O que seus pais faziam na África?

— Trabalhavam lá.

— Entendo. — Ele não entendia, mas Kasie parecia odiar falar sobre isso. O mistério apenas se aprofundava.

— Talvez você esteja certo, — ela disse, abatida pela inesperada raiva dele e pelo ataque de Pauline, que a fez parecer uma caça fortunas. — Talvez eu não seja a melhor pessoa para cuidar das meninas. Se quiser, eu abro mão do meu aviso prévio...!

Gil a segurou por ambos os ombros com um aperto firme e a expressão em seu rosto a fez querer se afastar.

— E só pra constar, dez anos não é uma geração! — ele disse entre os dentes, enquanto olhava para ela. Seu olhar caiu para sua boca macia e generosa, e foi como ser atingido por um relâmpago. Ele não se conteve. A lembrança do corpo dela em seus braços no balanço da varanda levou embora o último fragmento de sua força de vontade. Ele se inclinou rapidamente e tomou aquela linda suavidade sob seus lábios rígidos numa febre de desejo, explorando insistentemente sua boca apertada com a língua.

Kasie, que nunca fora beijada de nenhuma forma íntima, nem mesmo por Gil, congelou como gelo ante a intimidade hábil e invasiva de sua boca. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Suas mãos contra o peito dele se fecharam e seus olhos se fecharam firmemente enquanto ficava tensa contra o aperto dele.

Lentamente, Gil pareceu compreender que ela estava chocada com a insistência. Levantou a boca exigente e olhou para ela. Esse era um território familiar para ele. Mas não era para ela, e isso era evidente. Depois da maneira que Kasie respondera a ele na noite anterior, Gil ficou surpreso que ela travasse com um beijo profundo. Mas, então, se lembrou de suas camisolas castas e sua estranha atitude em relação a usar seu lindo cabelo solto. Ela não estava lutando contra ele. Ela parecia... estranha.

Suas mãos magras se afrouxaram, acariciando a parte superior de seus braços, por baixo das mangas curtas de seu vestido.

— Eu sinto muito. Está tudo bem, — Gil respirou enquanto se inclinava novamente. — Não serei rude com você. Está tudo bem, Kasie...

Os lábios dele mal roçavam os dela, carinhosos agora em vez de exigentes. Alguns segundos de ternura trouxeram um suspiro de seus lábios. Gil sorriu contra a boca macia dela enquanto a persuadia a se abrir. Mordiscou o farto lábio superior, provando a aveludada parte inferior com sua língua, desfrutando de suas reações a ele. Sentiu o jovem corpo dela começar a relaxar no dele. Kasie trabalhava pra ele. Era uma empregada. Ele tinha acabado de infernizá-la por tentar fazer uma armadilha para levá-lo ao casamento. Então, por que ele estava fazendo isto...? Kasie fez um suave som baixinho e suas mãos se agarraram aos rígidos músculos da parte de cima dos braços dele. As sobrancelhas de Gil começaram a se unir enquanto a sensação pulsava através dele ante a tímida resposta dela. Que importava o *porquê* dele estar fazendo aquilo, perguntou a si mesmo, e jogou a



cautela pro ar.

Os braços de Gil foram ao redor dela, acariciando-a suavemente contra sua musciosa extensão, enquanto sua boca dragava uma resposta sob sua tenra pressão. Ele sentiu o ofego de Kasie, sentiu-a tremer, então sentiu os braços dela deslizando em volta de sua cintura enquanto ela cedia à explosão da calorosa sensação que o ávido beijo dele provocava nela.

Era como voar, Gil pensou vertiginosamente. Ele a ergueu contra si, se alimentando na suavidade de sua boca, o maravilhoso apego de seus braços em torno dele. Fazia anos desde que um beijo fora assim tão doce, assim tão satisfatório. Desde Darlene não estivera tão faminto pela boca de uma mulher. Darlene. Darlene. Kasie era tão parecida com ela...

Apenas a necessidade de respirar o obrigou a colocá-la no chão e levantar a cabeça. Seus olhos turbulentos encontraram os olhos ofuscados dela e ele teve que lutar para recuperar o fôlego.

— Por que você fez isso? —, ela perguntou, trêmula.

Gil estava franzindo a testa. Tocou-lhe a boca com um esguio dedo indicador.

— Não sei, — ele disse honestamente. — Você quer que eu me desculpe? — acrescentou tranquilamente.

— Você está arrependido? — ela retorquiu.

— Eu não estou, — ele disse, cada palavra deliberada enquanto olhava nos olhos dela.

Aquela rouca declaração a fazer vibrar completamente com sensações deliciosas, mas ele ainda parecia formidável. Seus dedos magros agarraram seus ombros e suavemente a afastou. Ela parecia tão devastada quanto ele se sentia.

Os olhos dela procuraram os dele silenciosamente. Kasie estava tremendo por dentro devido ao delicioso esmagamento da boca dele, tão inesperado.

— O que você quis dizer com dez anos não ser uma geração? —, ela perguntou repentinamente.

— Você fala repetidamente sobre minha idade, — ele murmurou friamente, mas ainda estava olhando para sua boca macia e inchada. — Não deveria contar a Pauline coisas que não quer que eu saiba. Ela não consegue guardar um segredo.

— Eu não contaria a ela meu nome do meio, — Kasie murmurou. — Ela me odeia, não percebeu?

— Não, eu não percebi.

— Nunca teria sido ideia minha enviar as meninas para um colégio interno, — ela insistiu. — Eu as amo.

As sobrancelhas de Gil se ergueram. Kasie não parecia estar mentindo. Mas Pauline fora tão convincente. E Kasie era misteriosa. Queria saber por que ela era tão reservada em relação ao seu passado. Queria saber tudo sobre ela. Sua boca era doce, suave e inocente, e teve que lutar para não se inclinar e tomá-la novamente. Ela estava nervosa com ele agora, como não estivera antes. Isso significava que a atração era mútua. Aquilo o fez se sentir nas alturas.

— Pauline quer ir à Nassau por alguns dias com as meninas. Quero que venha com a gente, — ele disse abruptamente.

Kasie o olhou de boca aberta.

— Ela não vai querer que eu vá junto, — disse com convicção.



— Ela vai, quando tiver que começar a tomar conta de Bess e Jenny. A ideia dela de observá-las é deixá-las fazer o que quiserem. Isso poderia ser desastroso, ainda mais perto de uma piscina.

Kasie fez uma careta. Seria uma viagem horrível.

— Teríamos que voar, — disse, odiando o simples pensamento de entrar num avião. Havia perdido todos que amava no ar, e Gil não sabia.

— As meninas gostam de você, — ele insistiu gentilmente.

— Eu realmente preferia não ir, — disse, aflita.

— Então vou fazer disso uma ordem, — ele disse abruptamente. — Você virá. Tem um passaporte atualizado?

— Sim, — Kasie disse, sem pensar.

Ele ficou surpreso.

— Eu ia dizer que se não tiver um, uma certidão de nascimento ou mesmo título de eleitor seria suficiente. — Ele a olhou, desconfiado. — Por que mantém um passaporte?

— No caso de eu ser sequestrada por terroristas, — disse, com ironia, tentando pôr de lado o medo da viagem vindoura.

Gil revirou os olhos, a soltou e caminhou até a porta.

— Iremos sexta-feira, — disse. — Não leve muito com você, — acrescentou. — Vamos num voo comercial e eu não gosto do setor de bagagens.

— Tudo bem.

— E pare de me deixar beijá-la, — acrescentou com leve arrogância. — Já deixei claro que não há futuro nisso. Não vou casar de novo, nem mesmo para proporcionar as meninas uma companheira de recreação adulta.

— Eu sei disso, — Kasie disse, ferida pelas palavras. — Mas não sou eu a pessoa que fica agarrando, — apontou.

Gil lhe deu um olhar estranho, antes de partir.

Ela poderia ter lhe dito que não tinha muito que levar a qualquer lugar, e quase deixou escapar por que tinha medo de aviões. Mas Gil já estava do lado de fora da porta. Ela tocou a boca. Tinha gosto de uísque escocês em seus lábios e ficou muito surpresa por não ter notado enquanto ele a estava beijando. Por que a beijara outra vez?, ela se perguntava aturdida. A outra pergunta era por que ela o beijara de volta? Sua cabeça estava cambaleante com a mudança repentina no relacionamento deles desde a noite anterior. Beijar parecia ser viciante. Talvez devesse cortar suas perdas e sair imediatamente. Mas aquele pensamento era muito desagradável, de fato. Decidiu que encarar o problema era muito melhor do que correr dele. Tinha que vencer o medo e tentar colocar o passado pra trás de uma vez por todas. Sim, iria para Nassau com Gil e as meninas — e Pauline. Isso poderia muito bem colocar as coisas em perspectiva, se visse Pauline e Gil como uma família, enquanto ainda havia tempo de impedir que seu rebelde coração se apaixonasse.

A poltrona de Kasie era separada da de Gil, Pauline e das meninas por dez fileiras. Gil não pareceu satisfeito e tentou alterar as designações dos assentos, mas não foi possível. Kasie estava bastante aliviada. Se sentia desconfortável com Gil desde que ele a beijara tão apaixonadamente.

Pauline estava furiosa por Kasie ter sido incluída na viagem. Ela estava fazendo tudo em seu



poder para colocar Kasie para fora da vida de Gil, mas nada estava acontecendo do jeito que planejava. Visionara apenas eles quatro nas requintadas ilhas, onde poderia convencer Gil de que deveriam se casar. Ele concordou com a sua sugestão da viagem mais facilmente do que esperava, e então disse que Kasie teria que ir junto para cuidar das meninas. Ele nem sequer mencionou o colégio interno, como se não acreditasse que Kasie o tivesse sugerido. Pauline estava perdendo terreno com ele a cada dia. Poderia ter empurrado Kasie alegremente para fora da janela do terminal. Bem, iria se livrar da *Senhorita Certinha* bem ali, não importa o que custasse. De um jeito ou de outro, iria tirar Kasie da casa de Gil!

Eles embarcaram no avião, e Kasie sorriu com falsa bravata enquanto passava pelas meninas com um aceno e encontrava seu lugar na janela. Havia apenas um assento ao lado dela. Estava observando as pessoas enquanto lutava com seu próprio medo. Segundos depois, um homem alto, loiro vestindo calça cáqui sentou na poltrona ao lado dela e lhe deu um sorriso apreciativo.

— E eu pensava que este seria um voo chato, — ele riu enquanto enfiava sua única bagagem de mão debaixo do assento em frente a ele e apertava o cinto de segurança. — Sou Zeke Mulligan, — se apresentou com um sorriso. — Escrevo artigos de viagem *freelance* para revistas.

— Sou Kasie Mayfield, — respondeu, oferecendo-lhe a mão pequena com um fraco sorriso. — Sou governanta de duas doces garotinhas.

— Onde estão as doces garotinhas? — perguntou com um largo sorriso.

— Dez fileiras a partir daqui, — apontou. — Com seu pai e a secretária venenosa dele.

— Ai, atingida pelo monstro do ciúme, hmm? — ele perguntou. — Será que ela te vê como rival?

— Isso seria algo pra se registrar, — Kasie riu. — Ela é loira e bonita.

— E você é o que, de cabelo castanho e repulsivo? — Ele repreendeu. — A aparência não é tudo, caro aventureiro.

— Aventureira, — ela corrigiu. Olhou para o lado de fora da janela e observou o movimento dos carrinhos motorizados longe do avião. Ele iria decolar em breve. Efetivamente, ouviu a rotação dos motores e viu os comissários de bordo assumirem suas posições para demonstrar como utilizar os coletes salva-vidas, exatamente quando o avião começava a taxiar para fora do seu espaço de confluência. — Oh, Deus! — ela gemeu, apertando as mãos nos braços da poltrona.

— Medo de voar? — Zeke perguntou suavemente.

— Perdi minha família num acidente de avião, — disse, num áspero sussurro. — Esta é a primeira vez que voo, desde que os perdi. Não sei se consigo...!

Kasie começou a puxar o cinto de segurança. Ele pegou a mão dela e a acalmou.

— Me escuta, — disse com gentileza, — o transporte aéreo é o tipo mais seguro. Eu tenho perambulado por aí em aviões durante dez anos, dei a volta ao mundo três vezes. Está tudo bem, — enfatizou, sua voz baixa, profunda e reconfortante. Suas mãos se contraíram ao redor das dela. — Apenas se segure em mim. Vou ficar com você na decolagem e no pouso. Uma vez que superar o medo, ficará bem.

— Você tem certeza? —, Kasie perguntou com um riso abafado.

— Eu saí de um acidente de avião uma vez, — disse calmamente. — Uma semana depois, tive que pegar um avião para Paris. Sim, — acrescentou. — Tenho certeza. Se eu consegui fazer, sei que



você consegue.

Os lábios dela se separaram quando soltou a respiração que esteve prendendo. Zeke era encantador. Era muito encantador. Ele a fazia se sentir completamente segura. Agarrou-se à mão dele quando o avião taxiou para a pista e o piloto anunciou que em seguida estariam prontos para decolar.

— Aqui vamos nós, — seu companheiro de assento disse em seu ouvido. — Pense em *Star Trek*⁹, quando a nave entra na velocidade da luz, — ele acrescentou numa risada. — Pense nisso como ser arremessada nas estrelas. É excitante. É magnífico!

Ela apertou mais forte quando o avião taxiou na pista, acelerou os motores e começou a ganhar velocidade.

— Podemos até cantar o hino da Força Aérea enquanto decolamos, — Zeke disse. — Passei quatro anos lá, por isso posso te orientar se não conseguir se lembrar das palavras. Vamos, Kasie. Cante!

Kasie começou a cantarolar as palavras da conhecida canção.

Os passageiros ao seu redor notaram o terror de Kasie e a atitude protetora de seu companheiro e, de repente, todos começaram a cantar o hino da Força Aérea. Isso distraiu Kasie com barulhentas risadas enquanto o grande avião se lançava no céu azul, deixando sua apreensão e seus medos para trás.

— Estou muito agradecida, — Kasie disse a ele quando estavam confortavelmente estabilizados e os comissários de bordo preparavam o carrinho de refrescos para passar pelo corredor. — Não pode imaginar como eu estava apavorada ao entrar neste avião.

— Sim, posso. Estou feliz que eu estivesse aqui. Onde você vai ficar em Nassau? —, acrescentou.

Ela riu.

— Sinto muito. Eu não sei! Não tinha percebido isso, até agora. Meu chefe terá todos os detalhes na mão, e um motorista para nos encontrar quando aterrissarmos. Eu não perguntei.

— Nova Providência é uma ilha pequena, — ele disse. — Vamos nos ver outra vez. Estou no Crystal Palace, na Praia do Cabo. Pode ligar pra mim se tiver alguns minutos livres e sairemos pra almoçar.

— Você viaja pro exterior para escrever seus artigos? —, Kasie perguntou.

Ele acenou com a cabeça.

— Por todo o mundo. É um trabalho fantástico, e realmente sou pago pra fazer isso. — Zeke se inclinou para perto de seu ouvido. — E uma vez, trabalhei para a CIA.

— Não! — Kasie exclamou, impressionada.

— Só por um ano, enquanto estava na América do Sul, — assegurou. — Poderia ter continuado trabalhando, mas eu era casado na época e ela não queria que me arriscasse, especialmente enquanto esperava nosso filho.

— Ela não viaja com você? —, Kasie perguntou curiosa.

— Ela morreu, de uma febre tropical particularmente virulenta, — disse, com um sorriso triste.

⁹ **Star Trek**: “Jornada Nas Estrelas”, série de TV America, posteriormente transformada em filme.



— Meu filho tem seis anos, e eu o deixo com os meus pais quando tenho que partir durante o ano letivo dele. Durante o verão, ele viaja comigo. Ele ama viajar também.

Zeke retirou a carteira e lhe mostrou várias fotografias de uma criança que era a sua imagem exata.

— Seu nome é Daniel, mas eu o chamo de Dano.

— Ele é realmente uma gracinha.

— Obrigado.

A aeromoça estava a duas filas de distância, com refeições leves e bebidas. Kasie se acomodou para almoçar sem mais reservas. Havia se safado de uma situação difícil, por sorte. Ela se perguntava o que Gil acharia se a visse com esse belo jovem. Nada, provavelmente, pensou amargamente, não quando estava tão concentrado em Pauline. Bem, não deixaria que isso estragasse sua viagem.

Nassau era inesperada. Kasie se apaixonou por ela à primeira vista. Tinha visto postais das Bahamas, e sempre assumiu que as vívidas cores turquesa e safira das águas eram exageradas. Mas não eram. Essas cores vivas, surreais eram exatamente como se parecia a água, e a orla das praias tão branca como açúcar. Olhou pela janela do carro alugado com o fôlego preso em seu peito. Fora para o exterior com seus pais quando criança, mas para lugares distantes e primitivos. Lembrava-se do terror daqueles lugares muito melhor do que rememorava o cenário, mesmo em uma idade tão jovem. Mesmo agora, era difícil pensar em como tinha perdido os pais que tanto amava e Kantor. Era difícil pensar em Kantor...

— Pare de pressionar o nariz contra o vidro, Kasie. Você parece ter a idade de Jenny! — Pauline repreendeu de seu assento ao lado de Gil.

— É engraçado, — Bess disse com uma risadinha, sem entender que as palavras tinham a intenção de ferir.

— Eu nunca vi nada tão bonito, — Kasie murmurou um pouco tímida. — Isso realmente se parece com o paraíso.

Pauline bocejou. Gil a ignorou e observou Kasie um pouco irritado enquanto ela e as meninas olhavam com entusiasmo para a praia.

— Quando podemos ir nadar no oceano, papai? — Bess perguntou animadamente.

— Temos que nos registrar primeiro no hotel, meu bem, — Gil disse a ela. — E mesmo assim, a praia é perigosa. Kasie não sabe nadar.

— Oh, nós podemos levá-las conosco, — Pauline disse preguiçosamente. — Vou ficar de olho nelas.

Ocorreu a Gil que ele nunca confiava em Pauline com suas filhas. Ela não era maliciosa, simplesmente não prestava atenção no que elas estavam fazendo. Estaria envolvida em colocar protetor solar e se deitar ao sol, não observando as crianças que poderiam se tornar imprudentes. Bess era especialmente boa em se meter em confusão.

— Isso é trabalho de Kasie, — Gil disse, e colocou um longo braço ao redor de Pauline só para ver a reação que obteria de Kasie. Era uma constante fonte de raiva o fato dele não conseguir manter suas mãos longe de Kasie quando estava perto dela, e ele ainda não confiava nela.

Kasie desviou os olhos. Estranho, o quanto doía ver Pauline se aconchegar perto dele, como se



fosse parte dele. Lembrando-se da forma esfomeada e magistral que ele a beijara no escritório, Kasie corou. Ela sabia coisas sobre Gil Callister que não devia saber. Ele a deixava ávida de desejo. Mas estava mostrando a ela que não se sentia da mesma maneira. Era dolorosamente óbvio como era seu relacionamento com Pauline. Mesmo que já tivesse adivinhado, doía ter este fato apontado pra ela assim.

Soube então que teria que renunciar seu trabalho quando voltassem para os Estados Unidos. Se Gil se casasse com Pauline, não havia como conseguir viver sob o mesmo teto com eles.

Gil viu a reação que Kasie era jovem demais para esconder, e isso o tocou. Ela sentia algo. Estava com ciúmes. Ele poderia ter dado “vivas” em voz alta. Não lhe ocorreu naquele momento por que estava tão feliz por Kasie se sentir atraída por ele.

— Quem era o homem com quem estava falando no avião, Kasie? — Gil perguntou inesperadamente.

— O nome dele era Zeke, — ela respondeu com um sorriso. — Ele ocupava o assento ao lado do meu.

— Eu reparei nele. Ele tem um rosto bonito, — Pauline disse. — O que ele faz?

— Ele é um escritor *freelance* para diversas revistas de viagem, — Kasie disse a ela. — Ele está aqui escrevendo um artigo sobre um novo complexo hoteleiro.

Gil não pareceu contente.

— Aparentemente você fez amigos rapidamente.

— Bem, sim, — confessou. — Eu estava um pouco nervosa em voar. Ele conversou comigo enquanto levantávamos voo. — Ela sorriu. — Vocês não nos ouviram cantando o hino da Força Aérea?

— Então era isso, — Pauline zombou. — Meu Deus, pensei que o avião estivesse cheio de bêbados.

— Por que você tem medo de voar? — Gil persistiu.

Kasie desviou os olhos para as meninas.

— Minha família morreu num acidente de avião, — ela disse, sem mencionar sob quais circunstâncias.

Gil mudou de posição, desconfortável, e olhou para suas filhas, que estavam atentas aos emocionantes pequenos vislumbres de pessoas surfando nas brancas praias enquanto passavam por elas.

— Eu estou bem agora, — ela disse, — o voo não foi tão ruim.

— Não com um homem bonito a segurar sua mão, — Pauline provocou deliberadamente.

— Ele era bonito, — Kasie concordou, mas sem entusiasmo, e sem perceber que os olhos de Gil estavam começando a brilhar de raiva. Ele se inclinou para trás, fixando os olhos furiosos em Kasie.

Ela se perguntou o que tinha feito para provocar sua ira. Isso a deixou inquieta. Pauline obviamente não gostou daquilo, e a mulher estava dando a Kasie um olhar que prometia retribuição num futuro próximo. Kasie tinha a sensação de que Srta. Raines seria uma inimiga muito má, e no fundo de seu estômago, sentiu um frio como o gelo.



Capítulo 7

Levou uma hora para chegar ao hotel de luxo. As meninas brincavam tranquilamente no saguão de piso em mármore com um livro de atividades que Kasie trouxera pra elas, enquanto Pauline reclamava em voz alta e sem parar sobre a inconveniência de ter que esperar um quarto ser preparado. No momento em que o recepcionista acenou para que eles viessem ao balcão, Gil estava completamente mal-humorado. Ele não sorria desde que saiu do avião, de fato. Quando lhes deram as chaves de uma suíte de dois quartos e um quarto para uma pessoa só adjacente, a expressão de Pauline se aliviou.

— Oh, é tão gentil da sua parte, querido, deixar a srta. Mayfield ter um quarto próprio.

Gil lhe dirigiu um olhar que combinava exasperação com impaciência.

— As meninas não podem ficar sozinhas à noite num hotel estranho, — ele disse secamente. — Kasie vai ficar no quarto com elas e outro quarto da suíte é meu. Você fica com o individual.

— Por que não posso simplesmente dividir com você, querido? — Pauline ronronou, desfrutando do súbito rubor no rosto de Kasie.

Gil ficou furioso. Ele olhou para ela de sua altura superior.

— Talvez você tenha se esquecido que eu não mudo os tempos, — ele disse calmamente.

Pauline riu um pouco nervosa.

— Está brincando! Que mal há em dois... amigos dividirem um quarto?

— Eu não estou brincando, — Gil disse categoricamente. Entregou a Pauline sua chave e acenou para Kasie e as meninas seguirem-no.

Pauline entrou no elevador batendo o pé, fumegando. Lançou um olhar feroz a Kasie antes de cruzar os braços sobre o peito e se recostar na parede. O rapaz do hotel responsável por carregar as malas sinalizou que ele aguardaria o próximo elevador para levar as bagagens para cima, porque outras seis pessoas saltaram para dentro do elevador logo atrás de Pauline.

Gil e Pauline lideraram o caminho corredor abaixo, com Kasie e as meninas os seguindo de perto.

— Pelo menos, poderíamos sair esta noite, — Pauline disse a Gil, — já que Kasie veio junto para cuidar das meninas. Vamos, querido, por favor? Eles têm o mais belo cassino em toda Ilha Paraíso, e espetáculos de cabaré também.

— Tudo bem, — Gil disse. — Me deixe acomodar as meninas e Kasie primeiro, e averiguar o serviço de quarto. Você vai querer jantar aqui em cima, não vai? — perguntou a Kasie rigidamente.

— Claro, — ela disse, não querendo tornar as coisas piores do que já estavam, se é que era possível.

— Bom. Kasie pode levar as meninas à praia, enquanto verifico com o porteiro sobre as reservas, — acrescentou ele, olhando para o rosto de Pauline. — Vou buscá-lo no seu quarto às cinco e meia.

— Mas isso só me dá uma hora pra me vestir, — ela gemeu.

— Você ficaria linda mesmo numa fronha, e sabe disso, — repreendeu. — Vá em frente.

— Ok. — Pauline saiu para seu quarto, sem uma palavra às meninas ou Kasie.

Gil abriu a porta, observando que o carregador estava vindo pelo corredor em direção a eles



com a bagagem num carrinho. Fez um sinal para que Kasie e as meninas entrassem.

— Os quartos possuem duas camas de casal, — ele disse a Kasie com rigidez. — E há uma varanda do lado de fora da sala de estar, se quiser se sentar lá fora e observar o surf depois que as meninas pegarem no sono, — acrescentou, indicando as portas francesas que levavam para uma pequena varanda com duas cadeiras acolchoadas.

— Nós ficaremos bem, — Kasie disse.

— Não as deixe ficar acordadas depois das oito, não importa o que digam, — Gil disse. — E não fique até muito tarde, também.

— Não ficarei.

Ele hesitou na porta de seu quarto e olhou para Kasie por um longo momento, até o coração dela acelerar.

— Você não me contou que perdeu sua família num acidente aéreo. Por quê?

— O assunto não surgiu, — ela disse rispidamente.

— Se tivesse, — ele respondeu bruscamente — você não teria se sentado sozinha, apesar das pequenas maquinações de Pauline com as distribuições dos assentos.

Ela ficou surpresa pela raiva em seu tom.

— Oh!

— Você me faz sentir um idiota às vezes, Kasie, — ele disse, irritado. — Eu não gosto disso.

— Eu fiquei bem, — ela assegurou nervosamente. — Zeke cuidou de mim.

Aquilo o irritou novamente.

— Você está sendo paga para cuidar das minhas filhas, não para tirar férias com algum refugiado de uma sala de imprensa, — ressaltou, sua voz gelada.

Kasie enrijeceu.

— Eu não tinha me esquecido disso, Sr. Callister, — ela acrescentou, deliberadamente, consciente de que as meninas tinham parado de brincar e estavam olhando para os adultos com inquietação crescente. Ela se virou. — Vamos lá, bebês, — disse com um sorriso forçado. — Vamos colocar nossas roupas de banho, depois vamos brincar na praia!

— Todas vocês fiquem fora da água, — Gil disse brevemente. — E as quero de volta bem aqui antes de eu sair com Pauline.

— Sim, senhor, — Kasie disse, só porque sabia que isso o deixava com raiva.

Gil disse algo em voz baixa e fechou a porta de seu próprio quarto atrás de si. Kasie tinha o pressentimento de que esta viagem não seria muito boa.

Ela e as meninas brincaram na areia perto do mar. No exterior do hotel, Kasie comprou os baldes de plástico e pás em uma das lojas da galeria. Elas estavam alegremente jogando areia umas nas outras, enquanto, ao seu redor, outros adoradores do sol deitavam nas espreguiçadeiras da praia cobertas por toalhas ou se esbaldavam na água. O hotel ficava perto do porto, também, e elas viram um enorme navio branco no oceano. Era um lugar fantástico para se visitar.

Kasie, que só tinha visto sempre a pior parte dos países estrangeiros, estava igual a uma criança enquanto olhava com fascínio para as filas de outros hotéis de luxo na praia, bem como veleiros e navios de cruzeiro no porto. Nassau era o mais brilhante, o mais bonito lugar que já vira. A areia era como açúcar debaixo dos seus pés, mas quente o suficiente para chamuscá-los, e a cor da água era



quase demasiado vívida para acreditar. Sorrindo, absorveu o calor do sol com os olhos fechados.

Mas já era hora de voltar para o quarto. Odiava ter que dizer isso as meninas, que imploravam para ficar na praia.

— Não podemos, bebês, — disse com suavidade. — Seu pai disse que temos de estar no quarto quando ele sair. Tem uma televisão, — acrescentou. — É bem capaz deles terem desenhos.

Elas ainda pareciam desapontadas.

— Você poderia ler uma história pra gente, — Bess disse.

Kasie sorriu e a abraçou.

— Sim, poderia. E vou. Vamos lá, agora, limpar os baldes e as pás, e ir embora.

— Ah, tudo bem, Kasie, mas é muito triste termos de partir, — respondeu Bess.

— Não quero ir. — Jenny amuou.

Kasie a apanhou e beijou sua bochecha cheia de areia.

— Vamos sair de manhã cedo, e procurar conchas na praia!

Os olhos de Jenny brilharam. Ela adorava conchas.

— De verdade, Kasie?

— Honesta e verdadeira.

— Iuuppii! — Bess gritou. — Vou pegar o balde de Jenny, também. Podemos pedir peixe para o jantar?

— Qualquer coisa que quiserem, — Kasie disse a ela enquanto colocava Jenny no chão e ajustava o fecho da alça de seu maiô que tinha se soltado.

Acima delas, na janela de seu quarto, Gil assistia a cena, sem ser notado. Ele suspirou com irritação, enquanto observava as meninas responderem assim, de todo o coração, a Kasie. Elas a amavam. Como reagiriam se ela decidisse partir? Kasie era muito jovem, muito jovem para pensar em ser babá a vida toda. Pauline disse que Kasie fora bastante inflexível sobre enviar as meninas para o colégio interno, mas era difícil de acreditar, observando-a com elas. Kasie era carinhosa com elas, como Darlene havia sido.

Gil enterrou as mãos com força nos bolsos da sua calça. Doía lembrar o quão feliz eles dois haviam sido, especialmente após o nascimento de sua segunda filhinha. Na família Callister, as meninas eram especiais, porque não houvera uma menina na linhagem para mais de cem anos. Gil amava ter filhas. Um filho teria sido bom, ele supunha, mas não teria trocado nenhuma de suas pequenas joias lá embaixo por nada nesse mundo.

O feriu se lembrar de como fora frio com Kasie antes e depois da viagem de avião. Não sabia que a família dela havia morrido num acidente de avião. Só podia imaginar o quão difícil foi para ela subir a bordo com as lembranças. E ele estivera sentado com Pauline, falando sobre shows da Broadway. Pauline falara que Kasie queria se sentar sozinha, por isso ele não tinha protestado.

Depois, claro, havia aquele belo estranho que a confortara no voo para protegê-la de sentir medo. *Ele* poderia ter feito aquilo. Poderia ter segurado a mão dela apertado na sua e fechar os olhos dela com beijos enquanto sussurrava para ela...

Ele gemeu alto e desviou-se da janela. Ela estava penetrando não somente em sua vida e na vida de suas filhas, mas em seu coração também. Não tinha sido capaz de sequer pensar em Pauline de qualquer forma romântica desde que Kasie adentrara em sua sala para a entrevista de emprego.



Até então, tinha achado a deslumbrante loira uma companhia maravilhosa. Agora, Pauline era quase algo secundário. Gil não conseguia imaginar o porquê. Kasie não era realmente bonita. Contudo, possuía uma figura agradável, uma boca digna de ser beijada e aqueles olhos primorosamente ternos...

Ele ergueu o telefone e ligou para a extensão de Pauline.

— Você já está pronta pra sair? — perguntou.

— Querido, ainda não terminei minha maquiagem. Você disse cinco e meia, — ela o lembrou.

— São cinco e meia, — ele murmurou.

— Me dê mais dez minutos, — disse. — Vou fazer você me notar esta noite, meu amor, — provocou. — Estou vestindo algo muito picante!

— Tudo bem, — Gil respondeu, sem se impressionar. — Te vejo em dez minutos.

Ele desligou em meio ao fraco suspiro de irritação dela. Não se importava se Pauline usasse selos postais, isso não conseguiria curá-lo da fome por Kasie que o estava atormentando.

Ouviu a porta da suíte se abrir e o som de suas filhas, rindo. Estranho com que frequência riam nestes dias, quando haviam sido tão melancólicas e caladas antes. Kasie extraía o melhor das pessoas. Bem, não dele mesmo, teve que admitir. Ela extraía o pior dele, Deus sabia o porquê.

Gil saiu para a grande sala de estar, onde elas estavam.

— Papai, você está bonito! — Bess disse, correndo para ele, que a pegou e beijou calorosamente. — Ele não está lindo, Kasie? —, perguntou.

— Sim, — Kasie disse, olhando pra ele. Gil estava muito atraente de smoking, pensou miseravelmente, e Pauline provavelmente pareceria uma estrela de Nova York, no que quer que estivesse usando. Pauline era como um doce francês, enquanto Kasie era mais como uma rosquinha seca. O pensamento a divertiu, e sorriu.

— Bess, pegue o menu da mesa e leve para o seu quarto. Você e Jenny decidem o que querem comer, — Gil lhes disse.

— Sim, papai, — Bess disse de uma vez, pegando o menu e a mão da sua irmã enquanto saíam do quarto.

— Não deixe elas se encherem de doces, — advertiu a Kasie. Seus olhos claros se estreitaram em seu corpo, na discreta peça única de banho azul que estava usando com sandálias e uma saída de praia transparente em tons de azul. Seu cabelo caía ao redor de seus ombros. Ela parecia boa o bastante para se comer.

— Não deixarei, — prometeu, se movendo desajeitadamente em direção ao banheiro com a toalha que estivera tomando banho de sol.

— Da próxima vez, pegue uma toalha do guardador lá na praia, — Gil disse depois que ela colocou a toalha no banheiro. — Eles as mantêm lá para o uso na praia.

Kasie corou.

— Desculpe. Eu não sabia.

Gil se moveu em direção a ela. Sem salto alto, Kasie era ainda menor do que o habitual. Ele baixou o olhar sobre ela, com os olhos estreitos e tempestuosos. As curvas de seus lindos seios se revelavam no traje e pensou por um insano momento em se curvar e colocar a boca bem naquela suave pele rosada.



— Sr. Callister, — ela começou, o nome quase a sufocando quando a proximidade dele começava a ter o efeito usual sobre os joelhos trêmulos.

Sua mão magra se moveu para a garganta de Kasie e a tocou levemente, acariciando até os ombros nus e depois de volta à sua clavícula.

— Você está com areia na pele, — observou.

— Tivemos um probleminha fazendo um castelo de areia, então as meninas me cobriram em vez disso, — ela disse com um riso despreocupado.

A mão de Gil estava achatada na carne quente e ele olhou dentro dos enormes, suaves olhos dela, aguardando uma reação. O pulso se fez visível em sua garganta. O sangue dele começou a correr quente e turbulento em suas veias. Seus dedos se espalharam, deliberadamente, de forma que o toque se tornou íntimo.

Kasie não estava protestando. Não se moveu um centímetro. Não parecia nem mesmo estar respirando enquanto erguia o olhar para dentro dos olhos claros, brilhantes dele e esperava, fascinada, pelo o que quer que viesse em seguida.

Sem dizer uma palavra, Gil deslizou os dedos sob a alça que sustentava o corpete dela. Eles se moveram lentamente para dentro do traje e traçaram deliciosos contornos na suave e nua carne, que nunca fora exposta ao sol ou aos olhos de um homem. Observou os lábios dela se separarem, seus olhos se dilataram com fascínio e curiosidade.

Sua mão se deteve quando percebeu que o estava fazendo. As meninas estavam no quarto ao lado, pelo amor de Deus! Será que estava perdendo o juízo?

Gil deu um puxão com a mão como se tivesse sido queimado e sua expressão se tornou gelada.

— É melhor trocar de roupa, — disse entre os dentes.

Kasie não se mexeu. Seus olhos estavam arregalados, curiosos, apreensivos. Não entendia as ações dele ou sua óbvia raiva.

Mas ele estava desconfiado dela. Não confiava nela, e não gostou de sua resposta incontrolada a ela. Kasie poderia ser qualquer uma, com qualquer motivo em mente. Se vestia como uma mulher reprimida, mas não resistia a nada físico que fazia com ela. Gil começou a se perguntar se ela o estava bajulando com casamento em mente — ou pelo menos um caso sexual financeiramente benéfico. Sabia que ela não era rica. Ele era. Isso o colocava em desvantagem quando tentava decifrar seus motivos. Sabia como algumas mulheres podiam ser traiçoeiras, e fora enganado uma vez nos últimos meses por uma mulher pronta para o que pudesse conseguir dele. Ela fora gentil com as meninas também, e bancou a inocente com Gil, seduzindo-o até que acabaram no quarto dela. Claro, ela dissera então que teriam que se casar uma vez que tivessem ficado íntimos...

Gil a deixou antes da relação ser consumada, e não a procurara outra vez. Não que a mulher tivesse desistido facilmente. Ela o perseguiu até que ele arrumou um advogado e um mandato, e foi nesse ponto que ela desistira da perseguição.

Agora Gil estava se recordando dessa experiência ruim e sobrepondo a imagem daquela mulher sobre o rosto de aparência inocente de Kasie. Ele não sabia nada sobre ela. Não poderia correr o risco de acreditar no que pensava que via em sua personalidade. Ela poderia estar jogando com ele como um otário, muito facilmente.

— Você não oculta nada, não é? — ele perguntou sociavelmente, sem demonstrar que fora



afetado por ela. — Você é assim o tempo todo dentro do quarto? — acrescentou suavemente, para que as meninas não pudessem ouvir.

Kasie deu um longo suspiro.

— Eu não saberia, — disse com voz rouca, dolorosamente consciente de que acabara de bancar uma completa tola. — Vou me vestir.

— Poderia também, ao que me compete, — disse agradavelmente. — Você é agradável aos olhos, Kasie, mas no escuro a aparência não importa muito.

Kasie o encarou, confusa, como se não conseguisse acreditar que estivesse ouvindo um comentário tão descarado dele.

Gil deslizou as mãos nos bolsos e a estudou arrogantemente da cabeça aos pés.

— Você precisaria ser mais bonita, — continuou, — e com maiores... qualidades, — disse com um estudo deliberado dos empertigados seios dela. — Sou exigente em relação às minhas amantes ultimamente. Precisa ser uma mulher especial.

— O que, graças a Deus, eu não sou! — ela falou com a voz sufocada, ruborizada. — Não saio dormindo por aí.

— Claro que não, — Gil concordou.

Kasie se afastou dele com uma sensação de mal estar no estômago. Amara o seu toque. Havia sido sua primeira experiência da paixão, e fora extraordinário, porque era Gil a tocá-la. Mas ele pensou que estava se oferecendo, e não a quis. Ela deveria estar contente. Não era uma libertina. Mas foi um insulto deliberado, e se perguntou o que teria feito para fazê-lo querer machucá-la.

A reação dela o deixou ainda mais irritado, mas Gil não deixou transparecer.

— Desistindo tão facilmente? — ele zombou.

Kasie se manteve de costas para que ele não visse seu rosto.

— Nós tivemos essa conversa uma vez, — ressaltou. — Eu sei que não quer se casar outra vez, e lhe disse que não saio dormindo por aí. Tudo bem?

— Se eu te pegar na cama com aquele escritor sem vergonha, vou demiti-la na mesma hora! — ele acrescentou, violentamente.

Kasie se virou então e o encarou, com os olhos molhados.

— O que há com você? —, ela perguntou.

— Um repentino despertar da razão, — disse enigmaticamente. — Você toma conta das meninas. Esse é seu trabalho.

— Nunca pensei que envolvesse nada mais, — ela disse.

— E não envolve, — ele concordou. — Os benefícios adicionais não incluem o chefe.

— Grande benefício adicional! — ela zombou, recuperando sua compostura. — Um rancheiro convencido, dominador e arrogante que acha que está na lista de Natal de toda mulher!

Gil ergueu uma sobrancelha sobre os olhos com cínica sofisticação brilhando neles.

— Não procure por mim debaixo de sua árvore de Natal, — caçoou.

— Não se preocupe, não vou procurar. — Kasie se virou e continuou andando antes que ele pudesse dizer qualquer coisa pior. De todos os homens convencidos na face da terra!

Gil a observou partir com uma mistura de emoções, a mais forte delas era desejo. Kasie o fazia doer completamente de desejo. Consultou o relógio. Os dez minutos de Pauline haviam passado, e



queria escapar daquele apartamento. Deu boa noite às meninas e saiu sem outra palavra à Kasie.

Quando voltou, às duas da manhã, fez uma pausa longa o suficiente para abrir a porta de Kasie e olhar lá dentro.

Ela estava usando outra daquelas camisolas de algodão conservadoras, com os cobertores jogados para fora. Jenny estava enrolada contra um ombro e Bess estava enrolada no outro. Todas as três estavam dormindo.

Gil rangeu os dentes só de olhar para a imagem que faziam juntas. Suas filhas e Kasie. Pareciam mais como mãe e filhas. O pensamento o machucou. Fechou a porta se sentindo um idiota e voltou para seu próprio quarto. Apesar do vestido sedutor de Pauline e sua conversa animada, ficara mal-humorado a noite toda.

Pauline havia notado, e sabia o motivo. Ela iria, disse a si mesma, se livrar da concorrência. Precisaria apenas do conjunto certo de circunstâncias.

O destino as providenciou apenas dois dias depois. Kasie e Gil mal estavam se falando agora. Ela o evitava, e ele fazia o mesmo com ela. Se as meninas haviam notado, mantiveram seus pensamentos para elas mesmas. Impulsivamente Kasie telefonou para Zeke em seu hotel e perguntou se gostaria de vir almoçar com ela no hotel, já que não poderia deixar as meninas.

Ele concordou com lisonjeira rapidez, e apareceu exatamente na hora em que Kasie estava secando as meninas.

— Com certeza você não vai levá-las pra almoçar com vocês? — Pauline perguntou, rindo para Zeke, que a atraiu imediatamente. — Eu cuido delas enquanto vocês comem.

— Por favor, não podemos ficar e brincar na piscina? — Bess perguntou a Kasie. — A srta. Raines toma conta da gente, ela disse.

— Por favor, — Jenny acrescentou com um olhar triste.

— Você vai ficar bem aqui dentro, não vai? — Pauline perguntou com astúcia. — Vão em frente e desfrutem do almoço. Eu não vou a lugar nenhum.

Por um instante, Kasie se lembrou que Gil não confiava em Pauline com as meninas. Mas era só por alguns minutos e como Pauline dissera, eles ficariam logo ali, dentro do restaurante ali perto que dava para a piscina.

— Bem, está certo então, se você realmente não se importar, — disse a Pauline. — Obrigada.

— O prazer é todo meu. Agora divirtam-se, — Pauline disse. — E não se preocupe. Gil não vai voltar por pelo menos meia hora. Ele está no banco.

Kasie se preocupava com isso mesmo enquanto ela e Zeke comiam uma deliciosa salada de frutos do mar. Eles estavam sentados numa janela com vista para a piscina, mas uma fila de cercas vivas e hibiscos obscureciam a vista de forma que apenas o extremo fim da piscina podia ser visto da mesa deles.

— Pare de se preocupar, — Zeke lhe disse com um sorriso. — Honestamente, você age como se fossem suas próprias filhas. Você é apenas a governanta.

— Elas são minha responsabilidade, — ressaltou. — Se alguma coisa acontecesse com elas...

— Sua amiga irá olhá-las. Agora pare de discutir e me deixe te contar sobre este novo hotel e cassino que estão abrindo na Ilha Paraíso.



— Tudo bem, — ela cedeu, sorrindo. — Vou parar de me preocupar.

Lá fora na piscina, Pauline notara que Kasie e seu companheiro não conseguiam enxergar além das cercas vivas. Ela sorriu friamente enquanto olhava para as meninas. Jenny estava sentada na escada da piscina para crianças, brincando com uma de suas bonecas na água.

Perto de Pauline, Bess estava olhando para a piscina onde a água tinha cerca de dois metros de profundidade — de longe muito fundo pra ela nadar.

— Queria saber mergulhar, — ela disse a Pauline.

— Mas é fácil, — Pauline lhe disse, fazendo planos de imediato. — Apenas estenda seus braços pra frente assim, — ela demonstrou — e pule lá dentro. De verdade, é simples.

— Tem certeza? — Bess perguntou, excitada que um adulto pudesse realmente ensiná-la a mergulhar!

— Claro! Eu estou bem aqui. Quão perigoso isso pode ser? Vá em frente. Você consegue fazer isso.

Claro que conseguia, Bess pensou, rindo com prazer. Colocou os braços na posição que Pauline tinha demonstrado e mudou de posição para mergulhar lá dentro. Não havia ninguém ao redor da piscina para reparar se fizesse algo errado. Mostraria a seu pai quando ele voltasse. Ele não ficaria surpreso?

Ela se moveu outra vez, exatamente quando Pauline se virava repentinamente. Sua perna acidentalmente prendeu uma das de Bess. Pauline caiu e Bess também, mas a cabeça de Bess bateu no pavimento quando ela caiu. O impulso a manteve em movimento, e ela rolou para dentro da piscina, inconsciente.

— Oh, droga! — Pauline gemeu. Se levantou e olhou para a piscina, consciente de que Jenny estava gritando. — Cale a boca! — ela disse a criança. — Vou ter de arranjar alguém...

Mas no exato momento em que falava, Gil vinha virando a esquina do hotel, alheio ao que tinha acabado de acontecer.

— Papai! — Jenny gritou. — Bess caiu na piscina!

Gil nem mesmo quebrou o passo. Saiu correndo e mergulhou no segundo em que esteve perto o suficiente. Foi até o fundo, pegou sua filhinha e nadou de volta a superfície com toda a velocidade que conseguiu reunir. Sem fôlego, tossiu enquanto levantava Bess para os ladrilhos da piscina e saía. Ele se virou sobre a criança e esfregou as costas dela, consciente de que ela ainda estava respirando por algum milagre. Ela tossiu e água começou a irromper de sua boca, e então a jorrar para fora dela, enquanto Bess recuperava a consciência.

— Chame uma ambulância, — ele gritou para Pauline.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus! — ela murmurou, roendo as unhas.

— Chame uma maldita ambulância! — Gil se enfureceu.

Um dos rapazes que ficava na piscina viu o que estava acontecendo e disse a Gil que tinha telefonado de dentro do hotel.

— Onde está Kasie? — Gil perguntou a Pauline com os olhos cheios de ódio enquanto Jenny se jogava contra ele para ser confortada. Bess ainda estava cuspiendo água.

Lá estava ela. A oportunidade. Pauline respirou rapidamente.

— Aquele homem apareceu e a levou para almoçar. Você sabe, o homem que Kasie conheceu



no avião. Ela me implorou para olhar as meninas pra que eles tivessem tempo de conversar.

Gil não disse nada, mas seus olhos eram muito expressivos.

— Onde ela está?

— Eu realmente não sei, — Pauline mentiu, com os olhos arregalados. — Ela não disse onde estavam indo. Estava agarrada nele como hera e, obviamente, muito ansiosa para ficar sozinha com ele, — acrescentou. — Não posso dizer que a culpa, ele é muito bonito.

— Bess poderia ter morrido.

— Mas eu estava bem aqui. Eu nunca as deixei, — Pauline o assegurou. — As meninas significam tudo pra mim. Aqui, deixe-me ficar Jenny. Vou cuidar dela enquanto você consegue alguém para ver a Bess.

— Quero Kasie, — Jenny choramingou.

— Ei, ei, querida, — Pauline disse amavelmente, beijando a bochechinha rechonchuda. — Pauline está aqui.

— Maldita Kasie! — Gil esbravejou, horrorizado com o que poderia ter acontecido. Kasie sabia que ele não confiava em Pauline para cuidar das meninas. Por que Kasie havia sido tão irresponsável? Seria para se vingar pelo que ele tinha dito na noite em que chegaram a Nassau?

Quando a ambulância chegou, Kasie e Zeke largaram sua sobremesa pela metade e correram porta a fora. Zeke teve que parar para pagar a conta, mas Kasie, apreensiva e inquieta sem saber exatamente o porquê, dobrou a esquina do prédio a tempo de ver a pequena Bess sendo colocada na ambulância.

— Bess! O que aconteceu? — Kasie perguntou, chorando.

— Aparentemente ela bateu a cabeça na piscina e quase se afogou, enquanto você estava longe se divertindo com seu namorado, — Gil disse furiosamente. A expressão em seu rosto podia ter recuado uma multidão. — Você tem uma passagem para casa. Use-a hoje. Volte para o rancho e comece a fazer as malas. Quero você fora da minha casa quando eu voltar. Vou mandar sua indenização junto e pode agradecer a sua estrela da sorte por eu não prestar queixa!

— Mas, mas, Pauline estava olhando elas... — Kasie começou, horrorizada pelo rosto pálido de Bess e pelos grandes olhos trágicos encarando-a da ambulância.

— Era seu trabalho cuidar delas, — Gil disparou contra ela. — É o que você foi paga para fazer. Ela poderia ter morrido, maldita seja!

Kasie ficou completamente branca.

— Sinto muito, — falou com a voz sufocada, horrorizada.

— Tarde demais, — ele replicou, indo para a ambulância. — Você me ouviu, Kasie, — acrescentou friamente. — Vá embora. Pauline, cuide de Jenny até eu voltar.

— Claro, querido, — ela falou de forma amorosa.

— E a deixe longe da piscina!

— Vou levá-la para o meu quarto e ler pra ela. Espero que você fique bem, Bess, querida, — acrescentou.

Kasie ficou parada como uma pequena estátua, doente, sozinha e assustada enquanto a ambulância era fechada e saía correndo, suas luzes reluzindo agourentamente.

Pauline se virou e deu a Kasie uma avaliação superior.



— Parece que você está sem emprego, srta. Mayfield.

Kasie estava com o coração doente demais para reagir. Não havia coração nela para uma luta. Ver Bess deitada ali, tão pálida e frágil, foi muito doloroso. Mesmo Jenny parecia não gostar mais dela. Ela enterrou o rosto contra Pauline e a agarrou.

Pauline se virou e carregou a criança de volta à espreguiçadeira para pegar a chave de seu quarto. Nada mau, ela pensou, para um trabalho matinal. Uma importante rival contabilizada e fora do caminho.

Zeke encontrou Kasie na piscina.

— O que aconteceu? — perguntou, enxugando uma lágrima perdida que derramava pela bochecha de Kasie.

— Bess quase se afogou, — ela disse com voz rouca. — Pauline prometeu cuidar dela. Como que ela bateu com a cabeça?

— Eu não colocaria muita fé no que diz essa mulher, — ele disse a Kasie sombriamente. — Algumas pessoas não toleram rivais.

— Eu não sou uma rival, — ela respondeu. — Nunca fui.

Havendo notado a expressão no rosto do chefe dela no aeroporto quando dissera adeus a Kasie, Zeke poderia ter contestado aquilo. Conhecia o ciúme quando o via. O homem estava olhando pra ele como se quisesse colocar uma estaca no seu coração.

— Ele me demitiu, — continuou Kasie aturdida. — Ele me demitiu, sem sequer me deixar explicar.

— Confie em mim, depois do que quer que ela disse a ele, não teria adiantado nada. Vá para casa e deixe as coisas esfriarem, — acrescentou. — A maioria dos homens recupera a razão quando o transtorno inicial passa.

— Você sabe muito sobre as pessoas, — Kasie observou enquanto se encaminhavam até o quarto dela.

— Eu sou repórter. Vem com o trabalho. Vou com você até o aeroporto e te ajudo a trocar a passagem, — ele acrescentou de cara fechada. — Não que eu queira. Estava ansioso para conhecê-la. Agora vamos ser como dois navios que cruzaram a noite.

— É, seremos. Você acredita em destino? — perguntou entorpecidamente.

— Sim. A maioria das coisas acontece por uma razão. Apenas siga o fluxo. — Ele sorriu. — E não se esqueça de me dar o endereço de sua casa! Não ficarei fora do país para sempre.

Capítulo 8

Não demorou muito para Kasie fazer as malas. Não se permitiu pensar sobre o que estava à frente porque choraria, e não tinha tempo para lágrimas. Vestiu um elegante terninho cinza para viajar, pegou a mala e a bolsa para colocá-las perto da porta. Mas parou tempo o suficiente para encontrar o número de telefone do hospital e verificar como Bess estava. A enfermeira-chefe do andar, uma vez que a relação de Kasie com a menina ficou clara, disse-lhe que a criança estava sentada na cama pedindo sorvete. Kasie agradeceu e desligou. Ela se perguntou se a informação teria



sido tão acessível se tivesse mencionado que acabara de ser demitida.

Kasie foi para a sala de estar com o coração pesado em seu peito. Olhou ao redor para se certificar de que não tinha esquecido nada e entrou no corredor com sua pequena bagagem de mão de rodinhas e um livro de bolso. Foi o momento mais doloroso de sua vida recente. Pensou em nunca mais ver as meninas e Gil de novo, em ter Gil a odiá-la. Lágrimas arderam em seus olhos, e as enxugou impaciente, com um lenço de papel.

Quando passou pelo quarto de Pauline, hesitou. Queria dizer adeus à pequena Jenny. Mas, pensando bem, seguiu em frente para o elevador, decidindo que só pioraria as coisas. Além disso, Pauline provavelmente ainda estava no hospital com Gil. Queria saber o que realmente aconteceu na piscina. Nunca deveria ter deixado as meninas com Pauline, apesar das garantias da outra mulher que iria tomar conta delas. Gil havia dito vezes o suficiente que *ela* era responsável pelas meninas, não Pauline. Deveria ter escutado.

Lá embaixo, Zeke estava esperando por ela. Ele colocou sua pequena bagagem no carro pequeno que alugara no aeroporto e a levou ao aeroporto para pegar seu voo.

No hospital, Bess estava exigindo sorvete. Gil a abraçou bem pertinho, mais assustado do que queria admitir sobre a facilidade com que poderia tê-la perdido para sempre.

— Eu estou bem, papai, — ela lhe garantiu com um sorriso.

— A sua cabeça dói? — ele perguntou, tocando o curativo que o médico havia colocado sobre o corte que havia levado ponto.

— Só um pouco. Mas um sorvete a faria se sentir melhor, — acrescentou, esperançosa.

— Vou ver o que posso fazer, — prometeu, com um sorriso cansado.

A enfermeira entrou, fazendo um sinal para Pauline e Jenny entrarem atrás dela.

— Achei que poderia ajudar deixar a irmã vê-la, — ela disse a Gil presunçosamente.

— Oi, Bess, — Jenny disse, esgueirando-se para a cama. — Você está bem?

— Estou bem, — Bess a assegurou. — Mas foi realmente assustador. — Ela fixou os olhos em Pauline. — A culpa foi sua. Você me fez tropeçar.

— Bess! — Gil alertou sua filha, enquanto pensava na expressão estranha de Pauline.

— Eu não fiz você tropeçar! — Pauline revidou.

— Fez sim, — Bess argumentou. — Eu não ia mergulhar, e você me fez tropeçar pra eu cair lá dentro.

— Ela obviamente está delirando, — Pauline disse, tensa.

— Você bem disse a Kasie que ficaria com a gente, — ela continuou com raiva. — E ela nos disse para não ir nadar, mas você me mostrou como mergulhar e me disse para mergulhar na piscina. E quando não mergulhei, você me fez tropeçar!

Pauline estava ruborizada. Gil estava com uma expressão vagamente assassina.

— Ela bateu a cabeça, você sabe, — ela gaguejou. — Eu estava dizendo a ela como mergulhar, não disse pra ela realmente fazê-lo!

— Você me fez tropeçar e eu me machuquei! — Bess afirmou.

Pauline se afastou de Gil.

— O que é que eu sei sobre crianças? — ela perguntou, impaciente. — Ela disse que queria aprender a nadar. Mostrei-lhe uma posição de mergulho. Mas aí escorreguei no molhado e caí contra



ela. Foi um acidente. Nunca quis machucá-la. Você deve saber que eu não iria deliberadamente ferir uma criança! — ela acrescentou ferozmente.

Gil ainda estava em silêncio, enquanto o medo por Bess começava a se desvanecer e sua razão voltava para ele.

Pauline agarrou sua bolsa.

— Estava apenas tentando fazer um favor a Kasie, — ela murmurou. — Aquele repórter queria levá-la pra almoçar e eu disse a ela pra ir em frente, que eu olharia as crianças. Além do mais, ela estava exatamente no restaurante ao lado da piscina!

Gil sentiu seu estômago tombar. Então Kasie não tinha abandonado as crianças. Pauline tinha dito a ela para ir, e ela estivera bem ali dentro. Ele demitira Kasie, pensando que era culpa dela!

— Eu imagino que o repórter foi para casa com ela, — Pauline continuou deliberadamente. — Eles pareciam muito íntimos quando ele veio buscá-la. Além disso, governantas são como gramas no chão. Não será difícil substituí-la.

— Ou você, — ele disse friamente.

Ela pareceu chocada.

— Você não pode estar querendo dizer que está me demitindo?

— Estou te demitindo, Pauline — Gil disse, se sentindo um completo idiota. Kasie tinha ido embora e era tanto culpa de Pauline como sua. Sabia que ela não gostava de Kasie. — Preciso de uma secretária em tempo integral. Já discutimos isto antes.

Ela começou a discutir, mas era óbvio que não adiantaria nada. Poderia ainda ser capaz de salvar alguma coisa da relação deles, mesmo assim, se não fizesse uma cena.

— Tudo bem, — disse pesadamente. — Mas podemos muito bem aproveitar as férias, já que estamos aqui.

O rosto dele se tornou rígido. Pensou em Kasie voltando para Montana, fazendo as malas, partindo. Por um instante entrou em pânico, pensando que ela poderia ir tão longe que nunca mais a encontraria.

Em seguida, lembrou-se da tia dela em Billings. Certamente ela não seria tão difícil de ser localizada. Ele daria alguns dias, deixaria Kasie superar a raiva que devia estar sentindo agora. Talvez ela sentisse falta das meninas e conseguiria convencê-la a voltar. Deus sabia que ela não sentiria falta dele, pensou amargamente. Ele provavelmente causara mais dano do que conseguiria compensá-la. Mas quando voltassem, iria tentar. Julgar mal a Kasie parecia ser o seu passatempo favorito ultimamente, pensou miseravelmente.

— Sim, — disse a Pauline lentamente. — Suponho que poderíamos muito bem ficar.

Pauline mal ousara esperar tanto tempo com ele. Ela iria tentar, realmente tentar, cuidar das meninas e fazê-las gostar dela.

— Bess, posso ir e perguntar se eles têm sorvete de chocolate? —, ela perguntou, tentando fazer amizade. — Eu realmente sinto muito por tê-la derrubado acidentalmente na piscina.

— Eu quero Kasie, — Bess murmurou.

— Kasie foi pra casa, — Gil disse abruptamente, não acrescentando que a tinha demitido.

— Pra casa? — Bess ficou amuada. — Mas por quê?

— Porque eu disse a ela para ir, — ele disse em poucas palavras. — E é o suficiente sobre Kasie.



Nós vamos nos divertir... Ah, pelo amor de Deus, não comece a berrar!

Agora não era apenas Bess chorando, era Jenny, também. Pauline suspirou pesadamente.

— Bem, nós vamos nos divertir muito, não vamos? — ela disse para ninguém em particular.

Mama Luke nunca questionou ou fez perguntas embaraçosas. Segurou Kasie enquanto ela chorava, a mandou desfazer as malas, preparou chocolate quente e sopa de galinha. Aquela sempre fora a refeição favorita de Kasie quando estava chateada.

Kasie sentou em frente a ela na pequena mesa da cozinha que tinha uma toalha alegremente estampada, decorada com rosas cor de rosa e sorveu sua sopa com uma colher.

— Você não tem que dizer uma palavra, — Mama Luke lhe disse suavemente, e sorriu. Ela tinha os olhos como de sua irmã, a mãe de Kasie: castanhos escuros e suaves. Tinha cabelos escuros também, que mantinha curtos. Suas mãos ao redor da caneca eram finas e enrugadas agora, e retorcidas com a artrite, mas eram amorosas, ajudando aos outros. Kasie sempre invejara sua tia pela sua capacidade de dar amor incondicionalmente.

— Fui uma verdadeira idiota, — Kasie observou enquanto comia sua sopa. — Eu nunca deveria ter deixado Pauline cuidar das meninas. Ela não é maliciosa de verdade, mas é irremediavelmente irresponsável.

— Você não teve um amigo homem em minha memória recente, — Mama Luke comentou. — Tenho certeza que estava lisonjeada por ter um belo rapaz querendo levá-la para almoçar.

— Eu estava. Mas isso não significa que deveria ter deixado Pauline me persuadir a deixar as meninas com ela. Bess poderia muito facilmente ter se afogado, e teria sido minha culpa, — ela acrescentou miseravelmente.

— Dê um tempo, — a mulher mais velha disse com suavidade. — Primeiro, vamos cuidar de você. Depois pode me ajudar com o jardim, — acrescentou com um sorriso.

Apesar de seu sofrimento, Kasie riu.

— Entendo. Você está feliz por me ter de volta, porque eu trabalho de graça.

Mama Luke riu também. Era uma piada constante o jeito que ela persuadia até mesmo os visitantes ocasionais a remover as ervas daninhas do jardim. Prescrevia isso como a melhor cura para a depressão, tristeza e ansiedade. Ela estava certa. Isso fazia muito para restaurar o bom humor.

Nos dias que se seguiram Kasie trabalhava muito no jardim. Pensava em Gil e no modo faminto que a beijara. Pensava nas meninas e sentia terrivelmente a falta delas. Realmente tinha esperado que Gil telefonasse pra ela. Ele sabia que tinha uma tia em Billings e não lhe teria levado muito esforço para localizá-la. De fato, colocara o número do telefone de Mama Luke em seu formulário de emprego em caso de emergência.

O pensamento a deprimiu ainda mais. Gil sabia onde estaria, mas aparentemente ainda estava zangado com ela. Sabe-se Deus o que Pauline tinha dito no hospital sobre como o acidente acontecera. Ela provavelmente havia colocado toda a culpa em Kasie. Talvez as meninas a culpassem também, por deixá-las com Pauline, de quem não gostavam. Nunca se sentira tão sozinha. Pensou em Kantor e a tristeza cresceu ainda mais.

Mama Luke saiu para o jardim e a apanhou nesse estado.

— Pare com isso, — ela repreendeu suavemente. — Este é o coração de Deus, — ressaltou. — É



a própria criação, plantar as sementes e observar as pequenas coisas crescerem. Isso deveria animá-la.

— Sinto falta de Bess e Jenny, — Kasie disse calmamente, inclinando-se em sua enxada. Estava suja da cabeça aos pés, tendo se prostrado na terra para retirar as teimosas ervas daninhas. Tinha um traço disso em seu queixo, o qual Mama Luke limpou com um dos lencinhos que sempre carregava no bolso.

— Tenho certeza de que elas sentem sua falta também, — a mulher mais velha assegurou. — Não se preocupe então. Tudo vai se endireitar. Às vezes, só temos que pensar em nós mesmos como folhas descendo um rio. É fácil esquecer que Deus está conduzindo.

— Talvez Ele não se importe com motoristas no banco de trás, — Kasie disse com um sorriso. Mama Luke riu.

— Você é incorrigível. Quase terminado? Fiz chocolate quente e frango com sopa de arroz.

— Comida reconfortante. — Kasie sorriu.

— Absolutamente. Pare e coma alguma coisa.

Kasie olhou para a capina que ainda tinha que ser feita com um longo suspiro.

— Oh, bem, talvez o carteiro tenha algumas frustrações para colocar pra fora. Ele é maior do que eu. Aposto que trabalha bem com a enxada.

— Vou tentar descobrir, — ela assegurou. — Vá indo se lavar.

A sopa estava boa e Kasie estava faminta por causa do trabalho. Ela se sentia melhor. Mas ainda odiava o jeito que havia deixado o rancho Callister. Provavelmente, todo mundo a culpava pelo acidente de Bess. Especialmente a única pessoa que ela temia.

— Acho que Gil me odeia.

A dor naquelas palavras fez Mama Luke estender uma mão suave para cobrir a de sua sobrinha na mesa.

— Tenho certeza que não, — ela contradisse. — Ele ficou chateado e assustado por Bess. Todos nós dizemos coisas que não devíamos quando nossas emoções estão fora de controle. Ele vai pedir desculpas. Imagino que vá lhe oferecer o seu emprego de volta também.

Kasie se remexeu na cadeira.

— Já passou uma semana, — ela disse. — Se ele fosse me contratar de volta, teria entrado em contato. Suponho que ele ainda acredita em Pauline e acha que fez a melhor coisa ao me despedir.

— Você realmente acha isso? — Sua tia franziu os lábios quando seus aguçados ouvidos captaram o som de um carro estacionando na entrada. — Termine seu chocolate quente, querida. Vou ver quem que está parando de carro lá na frente.

Por apenas alguns segundos Kasie teve esperanças que fosse Gil, vindo para dar de volta o seu emprego. Mas para isso seria preciso um milagre. Sua vida havia mudado tudo outra vez. Apenas teria que aceitar e conseguir um novo emprego. Algo iria surgir em algum lugar, com certeza.

Ela ouviu vozes na sala. Uma delas era profunda e lenta, e tremeu de emoção quando percebeu que não estava sonhando. Kasie se levantou e entrou na sala. E lá estava ele.

Gil parou de falar no meio da frase e apenas olhou para Kasie. Ela estava usando calça jeans velha e uma camiseta desbotada, com os cabelos ao redor dos ombros. Ele sentira falta dela mais do que pensara poder sentir de qualquer outro alguém. Seu coração se encheu apenas com a visão dela.



— Acredito que vocês, uh, se conheçam, — Mama Luke disse maliciosamente.

— Sim, nos conhecemos, — Kasie disse. Ela se lembrou da fúria nos olhos claros dele quando a acusou de causar o acidente de Bess, da fúria quando a demitiu. Era muito doloroso passar por isso novamente, e Gil não parecia que tinha vindo fazer qualquer pedido de desculpas. Ela se virou miseravelmente. — Se me desculparem, tenho que me limpar, — falou por cima do ombro.

— Kasie...! — Gil chamou zangado.

Ela continuou descendo o corredor até seu quarto, fechou e trancou a porta. A dor era simplesmente demais. Não conseguia suportar a condenação nos olhos dele.

Gil murmurou baixinho.

— Bem, chega de sonhar acordado, — ele disse quase para si mesmo.

— Venha comigo e tome um chocolate quente, Sr. Callister, — Mama Luke disse com um sorriso gentil. — Acho que você e eu temos muito o que conversar.

Ele a seguiu até a cozinha pequena e brilhante com suas tonalidades brancas e amarelas. Ela apontou para uma cadeira na mesa enquanto derramava o chocolate ainda quente em uma caneca e oferecia a ele.

— Eu sou Irmã Luke, — ela se apresentou, notando o súbito sobressalto dele. — Sim, isso mesmo, sou uma freira. Minha ordem não usa hábito. Trabalho com um programa de extensão de saúde nesta comunidade.

Gil bebericou o chocolate, sentindo que mais revelações estavam por vir, e que não iria gostar delas.

Mama Luke bebeu seu próprio chocolate. Ele estava obviamente esperando que ela falasse novamente. Gil a estudava silenciosamente, seus olhos azuis preocupados e levemente decepcionado com a recepção de Kasie.

— Kasie ainda está de luto, — disse a Gil. — Não se deu tempo o suficiente antes de começar a trabalhar de novo. Tentei dizer a ela, mas os jovens são tão determinados estes dias.

Ele paralisou com a palavra.

— Luto?

— Sim. — Seus olhos escuros estavam calmos e suaves quando encontraram os dele. — O irmão gêmeo dela, Kantor, e sua esposa e filha morreram há três meses.

Gil prendeu a respiração.

— Num acidente de avião, — ele disse, lembrando o que Kasie havia dito.

— Acidente de avião? — Seus olhos se arregalaram. — Bem, suponho que poderia chamá-lo assim, numa maneira de falar. O avião deles foi abatido.

— O quê? — ele explodiu.

Mama Luke franziu a testa.

— Você não sabe nada sobre Kasie?

— Não. Não sei. Nenhuma única coisa!

Ela soltou um assvio.

— Acho que explica parte do problema. Talvez se soubesse sobre seu passado... — Ela se recostou na cadeira. — Seus pais eram missionários enviados para a África. Enquanto estavam trabalhando lá, um levante rebelde ocorreu e eles foram mortos. — Ela acenou com a cabeça ante o



olhar de terror dele. — Eu já tinha feito os meus votos aquela altura, e era a única família que restara a Kasie e Kantor. Providenciei para que fossem enviados pra mim, e os matriculei na escola onde eu lecionava e vivia naquela época. No Arizona, — acrescentou. — Kantor não queria nada mais do que voar em aviões. Estudou voo enquanto estava na escola e mais tarde fez uma parceria com um amigo da faculdade. Começaram um serviço de fretamento de pequeno porte. Apareceu uma oportunidade na África de um serviço de correio, então decidiu ir pra lá e configurar uma segunda sede para a empresa. Enquanto estava lá, se casou e teve uma garotinha, Sandy. Ela e Lise, esposa de Kantor, vieram e ficaram com Kasie e eu enquanto Kasie frequentava a escola de secretariado. Kantor não queria com ele naquele momento, porque havia algum problema político. Tudo se acalmou, então ele veio e se reuniu com sua família. Kantor queria levar todo mundo pra casa na África.

Ela fez uma careta.

— Kasie não queria que ele voltasse. Disse que era arriscado demais, especialmente para Lise e Sandy. Ela adorava Sandy... — hesitou e respirou fundo, porque a lembrança era dolorosa. — Kantor lhe disse para cuidar da sua própria vida, e todos eles se foram. Naquela mesma semana, um grupo de guerrilheiros atacou a cidade onde ele tinha o seu negócio. Kantor colocou Lise e Sandy no avião e estava voando para uma cidade vizinha, quando dispararam um foguete contra eles. Todos eles morreram instantaneamente.

— Meu Deus! — ele disse com voz rouca.

— Para Kasie foi ainda mais difícil porque eles haviam discutido. Levou semanas para que fosse capaz de falar sobre isso sem desmoronar. Ela tinha se formado na escola de secretárias e eu insisti para que fosse trabalhar, não por causa do dinheiro, mas porque ela estava matando ficar sentada pensando em Kantor.

Gil envolveu as duas mãos em volta da caneca de chocolate e olhou para o líquido espumoso.

— Sabia que havia alguma coisa, — ele disse calmamente. — Mas Kasie nunca falava sobre nada pessoal.

— Ela raramente fala, exceto comigo. — Mama Luke o estudou. — Ela disse que sua esposa morreu num acidente de equitação e que você tem duas lindas garotinhas.

— Elas me odeiam, — Gil falou com naturalidade. — Eu despedi Kasie. — Ele deu de ombros e sorriu. — John, meu irmão, não está nem falando comigo.

— Eles vão superar isso.

— Eles até podem. Eu não. — não conseguiria enfrentar os olhos dela. — Pensei que eu poderia persuadi-la a voltar. Suponho que seja uma causa perdida?

— Ela está magoada por você tê-la julgado mal, — explicou. — Kasie ama crianças. Jamais lhe ocorreria deixá-las em qualquer perigo.

— Eu sei disso. Sabia disso naquela hora também, mas estava fora de mim com medo. Acho que me revoltei com ela e a ataquei violentamente. Não sei muito sobre famílias, — acrescentou, sentindo segurança com essa estranha. Gil olhou para ela. — Meu irmão e eu nunca fomos parte de uma. Nossos pais tinham uma governanta pra nós até termos idade suficiente para sermos enviados para a escola. Posso me lembrar de meses se passando sem vê-los ou termos notícias deles. Mesmo agora, — acrescentou com rigidez, — eles só entram em contato conosco quando pensam em algum novo modo de podermos ajudá-los a ganhar dinheiro.



Mama Luke deslizou a mão enrugada sobre a dele.

— Sinto muito, — ela disse suavemente. Removeu sua mão e empurrou um prato de biscoitos para ele. — Comida reconfortante, — disse com um sorriso alegre — Se delicie.

— Obrigado. — Ele deu uma mordida num delicioso biscoito de limão.

— Kasie diz que você ama muito suas filhas, e que nunca as deixa com pessoas que não confie. Ela está se odiando porque as deixou, contra o seu melhor julgamento. Kasie se culpa pelo acidente.

Gil suspirou.

— Não foi culpa dela. Não de verdade. — Seus olhos brilharam. — Ela queria almoçar com um homem que conheceu no avião. Um jovem, de boa aparência, — acrescentou amargamente. — Pauline admitiu que causou o acidente, mas eu estava furioso porque Kasie estava transtornada em voar e eu não soube disso até que fosse tarde demais. Ela estava sentada sozinha. — Seu rosto endureceu. — Se eu soubesse do que acabou de me contar, nós teríamos ido de barco. Nunca a teria submetido a uma viagem de avião. Mas Kasie mantém segredos. Ela não fala sobre si mesma.

— Nem você, eu acho, — ela respondeu.

Gil deu de ombros e apanhou outro biscoito.

— Ela parece esgotada, — observou.

— Eu a fiz trabalhar no meu jardim, — explicou. — É uma boa terapia.

Ele sorriu.

— Eu trabalho com gado como terapia. Meu irmão e eu temos um grande rancho aqui em Montana. Não o trocaríamos por nada.

— Eu gosto de animais. — Mama Luke tomou um gole de chocolate.

Gil também. Ele olhou para ela sobre a caneca.

— Kasie mencionou que recebeu seu nome por causa do mercenário K.C. Kantor.

Ela ergueu uma sobrancelha divertidamente.

— Está correto. Não tenho certeza do quanto ela lhe contou, mas quando Jackie, sua mãe, estava grávida dela, houve um ataque da guerrilha na missão. Bob, meu cunhado, estava afastado com um grupo de trabalhadores construindo um celeiro para uma família vizinha. Eles tinham ajudado um soldado mercenário ferido a se esconder da guerrilha que fazia parte de um grupo rebelde que queria derrubar o governo. Ele estava bem o suficiente para se locomover até lá, e levou Jackie para fora da missão, através da selva para onde Bob estava. Kasie e Kantor nasceram apenas um dia depois. E é por isso que ela foi nomeada em homenagem a K.C. Kantor.

— Ambos foram nomeados em homenagem a ele, — Gil percebeu. — Surpreendente. O que tenho ouvido sobre Kantor ao longo dos anos não inclui um espírito generoso ou altruísmo.

— Isso pode ser verdade. Mas ele paga suas dívidas. Ainda gosta de cuidar de Kasie, — acrescentou com uma suave risada. — Ela não deixará que ele o faça. É tão independente quanto minha irmã costumava ser.

Perturbava-o de alguma forma que Kasie fosse estimada por um outro homem que poderia lhe dar qualquer coisa que quisesse.

— Ele deve ser bem mais velho que ela, — ele murmurou distraidamente.

— K.C. não tem esse tipo de sentimentos por ela, — disse calmamente, e havia dor em seus olhos macios. — Ele perdeu a oportunidade de ter uma vida familiar e filhos. Acho que está



arrependido disso agora. Tentou convencê-la a ir e ficar com ele no México até superar a perda de seu irmão gêmeo, mas Kasie não quis ir.

— Uma de suas outras referências pessoais era um padre católico.

Ela concordou.

— Padre Vicente, em Tucson, Arizona. Ele era o padre de nossa pequena paróquia. — Ela suspirou. — Kasie não tem ido à missa desde que seu irmão morreu. Estou tão preocupada com ela.

— Kasie mencionou levar as meninas para a igreja com ela, — Gil disse após um minuto. — Se eu conseguir fazê-la voltar a trabalhar para mim, esse pode ser o catalisador para ajudá-la a se curar.

— Poderia, — concordou.

Gil pegou outro biscoito e mordiscou.

— Estes estão muito bons.

— Meu único talento na cozinha, — Mama Luke disse. — Eu sei fazer biscoitos. Fora isso, vivo de quentinhas e da bondade de amigos que sabem cozinhar.

Ele tomou um gole de chocolate e pensou.

— Como posso convencê-la a voltar comigo? — ele perguntou depois de um minuto.

— Diga a ela que as meninas estão chorando até dormir à noite, — sugeriu delicadamente. — Ela sente falta de Sandy ainda mais do que de seu irmão gêmeo. Ela e a menina eram muito chegadas.

— Ela é chegada às minhas filhas, — ele comentou com um sorriso recordativo. — Se houver uma tempestade ou elas ficarem assustados durante a noite, sempre posso encontrá-las enroscadas nos braços de Kasie. — Sua voz parecia capturar as palavras. Ele desviou os olhos em direção ao corredor. — A luz se apagou em minha casa quando ela a deixou.

Mama Luke se perguntou se ele ao menos percebia o que estava dizendo. Provavelmente não. Os homens pareciam não compreender coisas que as mulheres notavam imediatamente.

— Eu vou buscá-la, — ela disse, afastando sua cadeira. — Você pode sentar perto do meu laguinho de peixes e conversar com o peixinho dourado.

— Meu tio costumava ter um, — ele lembrou, ficando de pé. — Não construí um por causa das meninas. Quando elas estiverem mais velhas, gostaria de fazer um.

— Eu tive que cavá-lo sozinha, e não sou a mulher que costumava ser. Tem apenas um pouco mais de trinta centímetros de profundidade. Um de meus vizinhos me deu seu aquecedor de tanque usado quando comprou um novo. Ele mantém todos os meus quatro peixinhos dourados vivos durante todo o inverno.

Ela se dirigiu para a porta.

— Fica lá fora, logo após a porta de trás, perto do viveiro dos pássaros. Vou mandar Kasie lá fora pra você.

Gil saiu com as mãos nos bolsos, pensando no pouco que sabia sobre Kasie. Poderia ser impossível para eles recuperarem o terreno que haviam perdido, mas queria tentar. Sua vida estava completamente vazia sem Kasie nela.

Mama Luke bateu suavemente na porta de Kasie e esperou até que a abriu. Kasie olhou para ela com ar culpado.

— Eu fui rude. Sinto muito, — disse para mulher mais velha.



— Eu não vim fazer uma cena, — Mama Luke disse. Tocou o cabelo despenteado de Kasie delicadamente. — Quero que saia e fale com o Sr. Callister. Ele se sente mal em relação às coisas que disse para você. Ele quer que volte a trabalhar para ele.

Kasie deu a sua tia um olhar beligerante.

— Nos sonhos dele, — murmurou.

— As garotinhas sentem muito a sua falta, — ela disse.

Kasie fez uma careta.

— Sinto falta delas também.

— Vá lá fora e enfrente seu problema de frente, — Mama Luke a persuadiu. — Ele é um homem sensato, e levou alguns choques hoje. Dê-lhe uma chance de compensar você. Ele é agradável, — acrescentou. — Eu gosto dele.

— Você gosta de todo mundo, Mama Luke, — Kasie disse suavemente.

— Ele está lá fora no laguinho dos peixinhos dourados. E não o empurre lá dentro, — acrescentou com um sorrisinho perverso.

Kasie deu um riso contido.

— Tudo bem.

Ela deu um longo suspiro e entrou no corredor. Mas suas mãos tremiam quando abriu a porta de trás e caminhou para fora. Não havia percebido o quanto sentiria falta de Gil Callister até estar fora de sua vida. Agora tinha que decidir se arriscava voltar ou não. Esta não seria uma decisão fácil.

Capítulo 9

Gil estava sentado no pequeno banco de madeira que dava vista para o laguinho de peixes oval rodeado de pedras, os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto perscrutava pensativamente as águas cristalinas onde as vitórias régias floresciam em profusão de rosa e amarelo. Ele parecia cansado, Kasie pensou, observando-o secretamente. Talvez ele tivesse se mantido afastado devido aos negócios e não por estar de férias com Pauline, no final das contas.

Gil olhou para cima quando ouviu seus passos. Ele ficou de pé. Estava elegante mesmo naquela camisa pólo amarela e calça folgada bege, ela pensou. Não era nada bonito, mas seu rosto era masculino e tinha uma boca que ela adorava beijar. Kasie desviou os olhos até que fosse capaz de controlar o súbito impulso de correr para ele. *Aquilo não iria chocá-lo?*, pensou com tristeza.

Ele parecia cauteloso, e não estava sorrindo. A estudou por um longo tempo, como se tivesse esquecido como ela era e quisesse absorver cada detalhe seu.

— Como as meninas estão? — Kasie perguntou calmamente. — E Bess, está bem?

— Bess está ótima, — respondeu. — Ela me contou tudo. — Gil fez uma careta. — Até mesmo Pauline admitiu que havia lhe dito para ir almoçar com o sei-lá-o-nome-dele, que olharia as meninas. Ela disse que escorregou e tropeçou em Bess. Imagino que esta seja a verdade. Ela nunca foi lá uma grande mentirosa, independentemente de suas falhas, — ele disse, sua voz vazia, sem expressão. — Me disseram que você ligou para o hospital pra se certificar que Bess estava bem.

— Fiquei preocupada, — ela disse, apreensiva.



Ele brincou com a chave no seu bolso, fazendo-a tilintar.

— Bess queria você no hospital. Quando lhe disse que você tinha ido para casa, ela e Jenny começaram a chorar. — A lembrança fez seu rosto enrijecer. — Por tudo o que é mais sagrado, eu sinto muito ter culpado você.

Ela nunca quis acreditar tanto em algo como naquele pedido de desculpas. Mas ainda era inquietante que ele a tivesse acusado sem provas, que tivesse assumido que o acidente de Bess fora culpa dela. Kasie teve vontade de voltar para dentro de casa. Mas isso não resolveria o problema. Tinha que tentar e esquecer. Gil estava ali e havia pedido desculpas. Eles tinham que seguir dali. — Tudo bem, — disse depois de um minuto, seus olhos no peixe em vez dele. — Eu entendo. Você não pode evitar o fato de não gostar de mim.

— Não... gostar de você? — ele perguntou. A declaração o surpreendeu.

Kasie brincou com a bainha da sua camisa.

— Em primeiro lugar, você nunca quis, de fato, me contratar —, ela continuou. — Você olhou pra mim como se me odiasse no minuto em que me viu.

Os olhos de Gil estavam pensativos.

— Eu fiz isso? — Ele não queria seguir essa linha de conversação. Era muito novo, muito perturbador, depois de ter se dado conta de como se sentia em relação a ela. — Por que você chama sua tia de Mama Luke? — perguntou para desviá-la do assunto.

— Porque quando eu tinha cinco anos, não conseguia falar Irmã Mary Luke Bernadette, — respondeu. — Ela se tornou Mama Luke a partir de então.

Gil estremeceu.

— É uma idade muito jovem para perder ambos os pais.

— É por isso que eu sei como Bess e Jenny se sentem, — ela lhe disse.

O ar que ele expeliu foi audível.

— Eu fiz uma confusão dos diabos disso tudo, não fiz, Kasie? — ele perguntou melancolicamente. — Saltei para o pior tipo de conclusões.

Kasie se moveu desajeitadamente para o outro lado do laguinho e envolveu os braços ao redor do corpo.

— Eu não estava pensando direito. Sabia que você não confiava em Pauline para cuidar das meninas, mas me deixei ser convencida a deixá-las com ela. Você estava certo. Bess poderia ter se afogado e teria sido culpa minha.

— Enfie a faca mais fundo, não seja tímida! — ele disse por entre os dentes. Seus olhos azuis brilhavam. — Deus sabe que mereço isso.

Os olhos de Kasie encontraram os dele, arregalados, com curiosidade.

— Eu não entendo.

Provavelmente não entendia.

— Não importa. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — Eu despedi Pauline.

— Mas...!

— Não foi completamente por causa do que aconteceu em Nassau. Preciso de alguém em tempo integral, — ele a interrompeu. — Ela só queria o trabalho, em primeiro lugar, para que pudesse ficar perto de mim.



A brisa soprou os cabelos dela para sua boca. Ela empurrou-os para trás da orelha. — Isso deve ter sido lisonjeiro.

— Foi, a princípio, — Gil concordou, — Conheço Pauline há um longo tempo e sua atenção foi lisonjeira. No entanto, independentemente da forma como Bess caiu na água, Pauline não fez um movimento para resgatá-la. Não consigo superar isso.

Kasie entendia. Ela teria caído na piscina um segundo depois de Bess cair, a despeito do fato de não saber nadar.

Os penetrantes olhos azuis de Gil capturaram os dela.

— Sim, eu sei. Você teria pulado logo atrás dela, — ele disse suavemente, como se tivesse lido o pensamento em sua mente. — Mesmo se tivesse que ser resgatada também, — acrescentou delicadamente.

— As pessoas reagem de forma diferente em situações desesperadas, — ela disse.

— Verdade, reagem. — Seus olhos se estreitaram. — Quero que volte. Assim como as meninas. Vou fazer o que for preciso. Um pedido de desculpas, um aumento de salário, férias pagas para o Taiti...

Ela deu de ombros.

— Não me importaria de voltar, — disse. — Eu sinto falta das meninas, terrivelmente. Mas...

— Mas, o quê?

Kasie encontrou o olhar firme dele.

— Você não confia em mim, — ela disse simplesmente, e seus olhos estavam tristes. — No começo pensei que eu estava tentando chegar a você através das meninas, e depois pensei que eu as queria fora do caminho. Em Nassau, pensei que eu as deixei sozinhas por motivos egoístas, pra poder ir a um encontro no almoço. — Ela sorriu tristemente. — Você tem uma má opinião sobre mim como governanta. E se eu atrapalhar novamente? Talvez fosse melhor se simplesmente deixássemos as coisas de jeito que estão.

O comentário o atravessou como chumbo quente. Ele não havia confiado em Kasie porque era muito misteriosa em relação ao seu passado. Agora que sabia a verdade sobre ela, sabia da tragédia que sofrera em sua jovem vida, falta de confiança já não seria mais um problema. Mas como diria isso a ela? E pior, como compensaria as acusações que fizera? Talvez pudesse contar a ela a verdade.

— A última governanta das meninas era quase boa demais pra ser verdade, — começou. — Ela encantou as meninas, e a mim, até que acreditássemos em tudo o que contava. Era tudo encenação. Ela tinha casamento em mente, e pra falar a verdade, me ameaçou com minhas próprias filhas. Disse que estavam tão apegadas a ela que se não me casasse com ela, iria embora e elas me odiariam.

Kasie piscou.

— Isso soa como se ela fosse um pouco desequilibrada.

Gil acenou com a cabeça, seus olhos frios devido à amargura lembrada.

— Sim, era desequilibrada. Ela partiu no meio da noite, e na manhã seguinte as meninas estavam satisfeitas por ela ter ido embora.

Ele balançou a cabeça.

— Ela era instável e eu havia deixado as crianças nas mãos dela. Foi uma mancha tão grande no meu julgamento que eu não confiava mais nele. Especialmente quando você apareceu, com seu



passado misterioso e seus segredos. Pensei que estava brincando comigo porque eu era rico.

Doía o fato de ele ter pensado tão pouco dela.

— Entendo.

— Entende? Espero que sim, — ele respondeu, com um sorriso. — Porque se eu voltar pra Medicine Ridge sem você, não daria dois centavos pelo meu pescoço. John está furioso comigo. Ele tem companhia. A Srta. Parsons me olha com raiva constantemente. A Sra. Charters não me serve nada que não esteja queimado. As meninas são as piores, no entanto, — ele refletiu. — Elas me ignoram completamente. Me sinto como o ogro daquela história que você lê pra elas na hora de dormir.

— Pobre ogro! — ela disse tranquilamente.

Gil começou a sorrir. Amava a suavidade de sua voz quando ela falava. Pela primeira vez desde a sua chegada estava começando a achar que tinha uma chance.

— Sentindo pena de mim? — ele perguntou suavemente. — Bom. Se eu usar sua consciência, talvez você sinta pena o suficiente para voltar pra casa comigo.

Kasie franziu a testa.

— O que Mama Luke te contou? —, ela perguntou de repente.

— Coisas que você deveria ter me contado, — ele respondeu, seu tom ligeiramente ácido. — Ela me contou tudo, na verdade, exceto por que você não gosta da água.

Kasie olhou para dentro do laguinho, assistindo ociosamente o pequeno peixinho dourado nadar para dentro e para fora da vegetação.

— Quando eu tinha cinco anos, pouco antes de meus pais serem... mortos, — disse, enjoadada com a memória, — uma de minhas amigas na missão na África foi arrastada no rio. Eu a vi se afogar.

— Você teve um monte de tragédia em sua jovem vida, — Gil disse suavemente. Ele se moveu um passo mais perto dela, e outro, parando quando estava perto o suficiente para levantar uma mão magra e alisar os dedos na suave bochecha dela. — Eu tive minha própria quota dela. Que tal se esquecermos do que passou nessas últimas semanas e começarmos de novo. Você consegue?

Os olhos dela estavam perturbados.

— Eu não sei se isso é sábio, — ela disse depois de um minuto. — Permitir que as meninas se apeguem a mim de novo, quero dizer.

Seus dedos traçaram sua boca larga, macia.

— É tarde demais para impedir que isso aconteça. Elas sentem sua falta terrivelmente. Eu também, — acrescentou surpreendentemente. Ele inclinou o queixo de Kasie para cima e se inclinou, roçando seus lábios com ternura sobre a sua boca. Suas sobrancelhas se uniram com o prazer que lhe transmitiu o contato — Quando penso em você, penso em borboletas e arco-íris, — Gil sussurrou contra sua boca. — Eu odiava o mundo até que veio trabalhar para John. Você trouxe a luz com você. Me fez rir. Você me fez acreditar em milagres. Não me deixe, Kasie.

Ele estava dizendo algo, mais do que palavras. Ela recuou e procurou os olhos estreitos e brilhantes dele.

— *Deixar...* você? — Kasie questionou o termo que ele usou para se expressar.

— Você não tem nenhum ego mesmo, não é? — ele perguntou sombriamente. — É inconcebível que eu a queira de volta, tanto quanto minhas filhas querem?



Seu coração deu um salto. Kasie sentira a falta dele além do que poderia suportar. Mas se voltasse, conseguiria ser apenas uma empregada de novo? Lembrou-se do rígido calor da boca de Gil em sua paixão e da sensação dos seus braços segurando-a como um caloroso tesouro. Ela hesitou.

— Eu não seduzo virgens, — ele sussurrou maliciosamente. — Se isso me faz ganhar pontos.

Ela corou.

— Eu não estava pensando nisso!

Gil sorriu.

— Sim, você estava e esta é a principal razão de eu não seduzi-la.

— Muito obrigada.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Poderia parecer um pouco mais agradecida, — disse a ela. — Manter minhas mãos longe de você ultimamente tem sido um estudo a nível mundial sobre autocontrole.

Seus olhos se arregalaram.

— Sério?

Ela era irreal. Ele adorava aquilo nela. Amava o jeito que Kasie corava quando a provocava, a forma como ela fazia o seu coração inchar quando sorria. Ele havia se sentido sozinho sem ela.

— Mas prometo manter minha distância, — acrescentou delicadamente. — Se você apenas voltar.

Kasie mordeu o lábio inferior, aflita. Realmente precisava do emprego. Amava as meninas. Era louca por Gil. Mas havia tantas complicações...

— Pare de pesar os riscos, — ele murmurou. — Diga sim.

— Eu ainda acho que...

— Não ache, — ele sussurrou, colocando um longo indicador sobre seus lábios. — Não discuta. Não olhe à frente. Estamos indo para casa e você lerá para as meninas dormirem todas as noites. Elas sentem falta das histórias delas.

— Você não lê pra elas? —, perguntou, curiosa por uma determinada nota em sua voz.

— Claro, mas elas estão cansadas de *Ovos Verdes e Presunto*¹⁰.

— Elas têm um monte de outros livros, além de *Dr. Seuss*, — começou.

Gil olhou fixamente para ela.

— Elas esconderam todos os outros livros, incluindo *Ovos Verdes e Presunto*, mas pelo menos me lembro a maior parte dessa história. Então elas ouvem essa história todas as noites. Duas semanas disso e eu não consigo nem sequer mais olhar para o presunto na mercearia sem ter ânsia de vômito...

Kasie estava rindo estrondosamente.

— Isto não é engraçado, — ressaltou.

— Oh, sim, é, — ela disse, e riu um pouco mais.

Ele adorou o som. O fazia se lembrar de sinos ao vento. Seu coração doía por ela.

— Volte pra casa antes que eu fique enjoado de ovos também.

— Tudo bem, — ela disse. — Acho que prefiro voltar. Não posso viver aqui com Mama Luke

¹⁰ **Ovos Verdes e Presunto:** No original "*Green Eggs and Ham*", é um livro best-seller aclamado pela crítica, escrito



para sempre.

— Ela é uma figura, — ele comentou com um sorriso. — Uma senhora direta e honesta com um grande coração. Eu gosto dela.

— Ela deve gostar de você também, ou não teria ameaçado mandar você quebrar a porta do meu quarto.

Gil franziu os lábios.

— É bom ter uma aliada com conexões divinas.

— Ela tem, nunca duvide disse, — disse a ele, rindo. — Só vou jogar algumas coisas na minha mala.

Gil a observou partir com alegria disparando em suas veias como fogos de artifício. Ela iria voltar. Ele a convencera.

Agora tudo o que tinha a fazer era fazê-la enxergá-lo como algo mais do que um chefe intolerante e crítico. Isso não iria ser a tarefa mais fácil que já havia enfrentado.

Kasie deu um beijo de adeus em Mama Luke e esperou enquanto ela abraçava Gil impulsivamente.

— Cuide de Kasie, — sua tia lhe disse.

Ele acenou a cabeça lentamente.

— Desta vez eu farei o melhor para isso.

Mama Luke sorriu.

Eles entraram em seu Jaguar preto e foram embora, com Kasie inclinada para fora da janela e acenando até que sua tia estivesse fora de vista.

Gil assistiu os olhos de Kasie se fecharem quando ela se recostou no respaldo de couro.

— Com sono?

— Sim, — ela murmurou. — Não tenho dormido bem desde que voltei de Nassau.

— Nem eu, Kasie, — ele disse.

Sua cabeça se virou e ela olhou para ele calmamente. Isso a fez vibrar toda. Gil era realmente um homem impressionante, com toda uma força galgaz e autoridade. Nunca se sentira tão segura com alguém como se sentia com ele.

Gil sentiu seus olhos sobre ele; quente, suaves olhos cinzentos que lhe deram prazer quando se encontrou com eles. Kasie era diferente de qualquer pessoa que tinha conhecido.

— Pauline terminou de digitar os registros do rebanho no computador antes de ir embora? —, ela perguntou, repentinamente se lembrando da tarefa que havia sido deixada quando fora para Nassau.

— Ela não deu as caras desde que voltamos pra casa, — disse evasivamente. — Acho que está visitando uma tia em Vermont.

Kasie traçou uma linha pelo cinto de segurança que se estendia através de seu torso.

— Pensei que você fosse se casar com ela.

Ele fazia uma boa ideia de onde ela tinha ouvido essa mentira sem fundamento.

— Nunca nesta vida, — murmurou. — Pauline não é uma mulher doméstica.



— Ela é louca por você.

— As meninas não gostam dela.

Kasie apertou os lábios.

— Eu percebi.

Ele riu, olhando pra ela quando pararam no sinal vermelho.

— Além disso, depois que elas descobriram que eu tinha despedido você, fizeram da vida da Pauline um inferno. A última travessura delas foi deixar um presente agradável em seu bolso.

— Oh, meu Deus!

— Era uma cobra não venenosa, — ele disse de maneira tranquilizadora. — Mas Pauline decidiu que estaria numa situação melhor não visitando quando as meninas estivessem por perto. E já que elas estavam sempre por perto...

Kasie balançou a cabeça.

— Pequenas terroristas, — ela disse, mas em um tom suave com carinho.

— Olha quem está falando, — ele disse com um olhar penetrante.

— Eu nunca coloquei cobras na bolsa de ninguém, — ressaltou. — Bem, ainda não, de qualquer maneira.

Gil lhe deu um olhar divertido.

— Não deixe as meninas corromperem você.

Ela sorriu, se lembrando de como se divertia quando estava com as meninas. A deixou feliz que elas a quisessem de volta. Exceto por sua tia, estava sozinha no mundo. Sentia falta de fazer parte de uma família completa, principalmente nos feriados como o Natal.

A luz mudou e ele acelerou em direção ao tráfego. A conversa foi escassa o resto do caminho para casa, porque Kasie adormeceu. A falta de descanso finalmente a apanhou.

Ela foi acordada com uma sacudida por uma mão firme em seu ombro.

— Acorde. Estamos em casa, — Gil disse, com um sorriso.

Ela procurou pelos olhos azuis dele distraída por um momento, antes de registrar as palavras.

— Oh! — Soltou o cinto de segurança e saiu junto com ele.

As meninas estavam sentadas no degrau da escada quando a porta se abriu e Kasie entrou com Gil.

— Kasie! — Bess gritou, e se levantou para correr e se atirar nos braços estendidos de Kasie.

— Bess! — Kasie a abraçou pertinho, sentindo lágrimas picarem seus olhos. Ela era tão parecida com Sandy.

Jenny seguiu o exemplo e Kasie terminou com os dois braços cheios de garotinhas chorando. Ela as levou para a escada e sentou-se, abraçando as duas junto a si. Seu rosto estava molhado, mas não se importou. Adorava essas lindinhas, de longe muito mais do que havia percebido. Ela as segurou, embalou e beijou as bochechinhas molhadas até que os soluços se acalmaram.

— Você não deve *nunca* nos deixar outra vez, Kasie, — Bess soluçou. — Eu e Jenny estávamos sempre tão tristes.

— Sim, estávamos, — Jenny murmurou.

— Oh, eu senti falta de vocês! — Kasie disse fervorosamente enquanto cavoucava em seu bolso procurando por um lençinho e enxugava os olhos molhados.



— Nós sentimos sua falta também, — Bess disse, escondendo o rosto no ombro de Kasie enquanto Jenny se agarrava ao seu pescoço.

Gil as observava com o coração na garganta. Ela pareciam como se pertencessem umas as outras. Pareciam uma família. Ele queria tomar todas as três em seus braços e abraçá-las tão apertado que nunca iriam escapar.

Enquanto estava debatendo isso, John veio descendo o corredor e viu Kasie. Ele sorriu de orelha a orelha.

— Você está de volta! Que maravilha! Agora talvez a Sra. Charters vá cozinhar algo que conseguiremos comer outra vez!

— Isso não é uma boa maneira de dizer olá, — Kasie repreendeu com um sorriso.

— Claro que é! Qual é a vantagem de um homem sem seu estômago? — John perguntou. Ele se aproximou de Kasie e das meninas e se inclinou para beijar a bochecha molhada de Kasie. — Bem-vinda de volta! Tem sido como um estádio de beisebol em janeiro¹¹. Ninguém sorria.

— Estou feliz por estar de volta, — Kasie disse. — Mas e sobre todos aqueles registros do rebanho que precisam ser colocados no computador? — ela perguntou, percebendo que Gil nunca lhe respondera quando o questionou sobre eles.

— Ah, esses. Acontece que a própria Srta. Parsons se revelou um gênio da computação, — ele disse para o deleite de Kasie. — Ela tem tudo listado, incluindo a origem das linhagens. E se lembra daquele site que você sugeriu? Está instalado e funcionando. Nós já estamos recebendo trezentos acessos por dia, junto com um monte de perguntas de pecuaristas em todo o país!

— Estou tão feliz, — Kasie disse com sinceridade.

— Nós também. Os negócios estão crescendo. Mas as meninas têm andado tristes. — Ele olhou para seu irmão mais velho significativamente. — Nós sentimos sua falta.

— É bom estar de volta, — Kasie disse.

— Será que em algum momento vamos almoçar? — John perguntou em seguida. — Estou morrendo de fome. Ovos e bacon queimados esta manhã não fizeram muita coisa para abrir meu apetite não.

— Nem o meu, também, — Gil concordou. — Vá dizer a Sra. Charters que Kasie está de volta e que vai almoçar com a gente, — sugeriu. — Isso poderia nos arranjar algo comível, mesmo que simplesmente estejam frios.

— Bem pensado, — John disse, sorrindo enquanto saía para a cozinha.

— Os nossos ovos não estavam queimado, — Bess salientou.

— A Sra. Charters não estava brava com você, querida, — Gil lhe disse. — Vocês duas precisam correr lá pra cima e lavar as mãos e o rosto antes de comermos.

— Tudo bem, se Kasie vier também, — Bess concordou.

Kasie riu quando as meninas agarraram sua mão e a persuadiram a subir.

— Pelo visto terei que ser cuidadosamente observada de agora em diante, pra que eu não corra para a fronteira, — murmurou a Gil.

¹¹ **Tem sido como um estádio de beisebol em janeiro:** É inverno em Janeiro nos EUA, o que deixa os campos e estádios de beisebol cobertos de neve, impossibilitando assim o jogo que é muito popular lá. Daí a comparação de ninguém estar feliz ante tal acontecimento.



— Está correto. Boas meninas, — Gil disse, sorrindo. — Mantenham-na com vocês pra que ela não tenha uma chance de escapar.

— Nós não vamos deixá-la ir, papai, — Bess prometeu.

Elas a puxaram pela escada acima, e Kasie foi sem nem uma discussão, esperando no quartos delas enquanto lavavam as mãos e rostos.

— Papai ficou realmente louco quando voltamos para casa, — Bess disse a Kasie. — O tio Johnny também. Disse a papai que ele deveria ir buscá-la e trazê-la para casa, mas papai disse que você poderia não querer, porque ele tinha sido mal com você. Ele tirou seus brinquedos, Kasie, e a colocou de castigo?

— Céus, não! — ela disse imediatamente.

— Então por que você foi embora? — a criança insistiu. — Foi por causa de que a Pauline disse que você nos deixou sozinha? Contamos a verdade pro papai, e Pauline foi embora. Nós não gostamos dela. Ela é má com a gente quando o papai não está olhando. Ele não vai se casar com Pauline, vai Kasie?

— Eu não acho que vá, — ela disse com cuidado.

— Eu e Jenny gostaríamos que ele se casasse com você, — Bess disse melancolicamente. — Você é muito divertida pra se brincar, Kasie.

Kasie não ousou dizer nada sobre casamento.

— Não se pode decidir coisas como esta, querida, — ela disse a Bess. — As pessoas não costumam se casar, a menos que se apaixonem.

— Oh!

A criança parecia ter ficado com o coração partido. Kasie se ajoelhou e pegou Bess delicadamente pela cintura.

— O que você quer fazer depois de almoçar? —, ela perguntou, mudando de assunto.

— Podemos nadar na piscina?

Ela havia se esquecido que a família tinha uma piscina.

— Eu suponho que sim, — disse, franzindo a testa. — Mas é muito cedo após seu acidente, Bess. Tem certeza de que quer?

— Papai e eu fomos nadar no dia seguinte que voltamos para casa, — Bess disse com naturalidade. — Papai disse que eu não deveria ter medo da água depois que caí, por isso está me dando aulas de natação. Gosto de nadar, agora!

Então, algo bom saíra do acidente. Isso era tranquilizador.

— Vamos descer e comer alguma coisa. Depois teremos que esperar um pouquinho.

— Eu sei. Podemos colher flores enquanto esperamos, não podemos? Tem algumas rosas amarelas lindas numa cerca viva atrás da piscina, — Bess lhe disse.

— Eu amo rosas, — Kasie disse, sorrindo. — Mas talvez fosse melhor não colher nenhuma, até que alguém nos diga que está tudo bem.

— Ok, Kasie.

Elas desceram e Kasie ajudou a Sra. Charters a arrumar a mesa. Ela estava acolhedora e alegre em ter Kasie de volta. John conversava facilmente com Kasie e as crianças. Gil não. Ele pegou sua comida e ficou pensativo. Observava Kasie, mas secretamente. Ela se perguntava o que estava



acontecendo em sua mente para fazê-lo tão infeliz.

Gil olhou para cima e encontrou os olhos perscrutadores de Kasie, e ela sentiu seu estômago tombar como se estivesse numa montanha russa. Suas mãos tremiam. Ela as colocou no colo para escondê-las, mas seu coração batia de modo selvagem e seu nervosismo era visível. Especialmente para o homem com o sorriso arrogante, que de repente pareceu que lhe abriu o apetite.

Capítulo 10

Nos poucos dias que se seguiram, Gil parecia prestar atenção a cada movimento que Kasie fazia. Ele era cordial com ela, mas havia uma diferença notável na forma como a tratava desde o seu regresso. Ele era distante e quieto, mesmo quando a família se reunia na hora das refeições, e parecia desconfortável perto de Kasie. Ela percebeu sua reticência e entendeu que isso significava que estava arrependido pela forma como a tratara antes. Ele não a tocou naqueles dias, nem parecia inclinado a incluí-la quando levava as meninas ao cinema e ao parque infantil, mesmo embora lhe perguntasse se queria vir junto. Mas Kasie sempre recusava, para o desespero das meninas. Usou a desculpa de dar-lhes algum tempo a sós com seu pai. Gil sabia que não era a verdade. Isso tornava as coisas piores.

John viajou quinta-feira para uma conferência que Gil tinha sido convidado a comparecer, e Gil ficou em casa. Kasie notou que ele parecia surpreendentemente vigilante e estava sempre por perto do rancho, mesmo quando não estava perto da casa. Ele não explicou o porquê. Kasie teria amado achar que era porque estava interessado nela, mas sabia que aquele não era o motivo. Havia mais distância entre eles agora do que jamais houvera antes.

A Sra. Charters mencionou que houve uma inquietação entre os cowboys por causa de uma ameaça que fora feita. Kasie tentou perguntar a Gil sobre isso. Ele simplesmente ignorou a pergunta e se afastou.

Ele estava ausente no café uma manhã de segunda-feira. As meninas foram dormir tarde, portanto Kasie entrou na sala de jantar e encontrou apenas John à mesa.

— Puxe uma cadeira e tome o café da manhã, — ele convidou com um sorriso. — Tenho que transportar os touros hoje, então vou comer uma segunda e terceira vez. Tenho que manter minha força.

— Se continuar comendo desse jeito, poderia carregar os touros e economizar gasolina, — disse maliciosamente. — Pensei que tivesse que ir à Phoenix mostrar um touro esta semana?

John desviou os olhos.

— Eu pensei que poderia adiar isso por algumas semanas. — Tomou um gole de café e estudou Kasie tranquilamente. — Há um novo filme em exibição no cinema do centro da cidade. Não gostaria de arrumar as meninas e ir comigo assisti-lo?

Seus olhos brilharam.

— Eu adoraria, — ela disse no mesmo instante.

Ele sorriu.

— Tudo bem. Vamos amanhã à noite. Eu, uh, reparei que você não gosta de ir ao cinema com



meu irmão, mesmo com as meninas indo junto.

— Só achei que ele gostaria de algum tempo sozinho com elas, — Kasie explicou. — Afinal, sou apenas a governanta.

John serviu-se de mais café antes de responder.

— Isso é um monte de besteira, Kasie.

Ela respirou profundamente.

— Ele me deixa desconfortável, — disse. — Sempre tenho a sensação de que ele está aguardando o momento certo, esperando que eu cometa um outro erro ou faça algo estúpido.

John deu uma risada.

— Gil não está à espreita esperando para fazer uma emboscada pra você, — disse suavemente. — Ele foi sincero quando pediu desculpas, você sabe. Estava arrependido por tê-la julgado mal. Acredite em mim, é uma coisa rara pra ele cometer um erro como esse. Mas ele tem levado alguns duros golpes de mulheres nos últimos anos.

— Me senti muito mal sobre o que aconteceu, — Kasie disse com uma melancólica tristeza em seus olhos. — Eu deveria ter me lembrado que Gil nunca confiou em Pauline para cuidar das meninas. Conheci este homem no avião e ele me convidou pra almoçar. Gostei dele. Ele evitou que eu ficasse com medo a caminho de Nassau.

O rosto de John ficou sombrio, e ela percebeu que Gil devia ter contado a ele sobre seu passado.

— Sinto muito por seu irmão e sua família, — John disse, confirmando suas suspeitas. — Gil e eu não temos realmente sido parte de uma família desde que nosso tio morreu.

— Vocês nunca vão ver seus pais? —, ela perguntou com curiosidade

— Houve uma época em que eles ofereceram uma bandeira branca, mas você conhece o Gil, — disse sombriamente. — Ele é devagar para superar as coisas, e se recusou a falar com eles. Talvez eles realmente nos negligenciassem, mas nunca pensei que fosse mal-intencionado. Eles tiveram filhos antes de estarem prontos para tê-los. Muitas pessoas são pais irresponsáveis. Não se pode guardar rancor para sempre. — John franziu a testa. — Pensando bem, talvez Gil possa.

Kasie sorriu e estendeu a mão sobre a mesa para colocá-la sobre a dele.

— Talvez um dia vocês possam tentar novamente. Seria bom para as meninas terem avós.

— Os únicos que nos restaram são os nossos pais. Os de Darlene morreram há anos. — Ele pegou a mão dela na sua e a segurou firmemente. — Você faz as coisas mais difíceis soarem simples. Eu gosto de mim mesmo quando você está por perto, Kasie.

Ela riu suavemente.

— Gosto de você também, — ela disse.

— Nunca acreditei que tivesse qualquer coisa a ver com Bess se machucar, — John disse melancolicamente. — Qualquer um conseguiria ver o quanto você se preocupa com as meninas.

— Obrigada. É bom saber que pelo menos uma pessoa adulta em sua família acreditava que eu era inocente, — ela disse, não consciente do homem com o rosto pálido furioso de pé no corredor com uma braçada de rosas de cor rosa claro. — Doeueu terrivelmente que Gil pensasse que eu sequer colocaria as meninas em risco de qualquer forma, muito menos por negligenciá-las. Mas não foi a primeira vez que ele me acusou de segundas intenções. Eu deveria estar acostumada com isso a essa



altura. Acho que ele está arrependido por ter me recontratado, sabe, — acrescentou, infeliz, agarrando a mão dele. — Ele olha através de mim, quando não está me olhando com raiva.

— Gil tem levado alguns duros golpes das mulheres, — John repetiu, soltando sua mão. — apenas lhe dê um tempo para se adaptar a estar errado. Ele raramente está. — Ele pegou uma garfada cheia de ovos. — Se serve de consolo, ele gritou por aqui por duas semanas como o pesadelo de todo homem antes de ir atrás de você. Queria que você tivesse tempo suficiente para superar a raiva e deixá-lo explicar o seu comportamento. Gil teria ido mais cedo, ele disse, mas não tinha certeza se conseguiria entrar pela porta da frente.

Kasie se lembrou de seus sentimentos dilacerados quando chegou à casa da sua tia.

— Teria sido difícil — ela concordou. — Ele era a última pessoa na face da terra que eu queria ver assim que voltei de Nassau.

Passos ecoaram lá fora no corredor e uma porta bateu. Kasie franziu a testa.

— Pelo visto parece que Gil vai dispensar o café da manhã de novo esta manhã, — John comentou quando terminou os ovos. — Ele não tem tido muito apetite estes dias.

— Só vou checar e me certificar de que não são as meninas, — Kasie disse.

— Faz como quiser, mas conheço esses passos. Ele só anda assim quando está chateado. Deus ajude a qualquer cowboy que ele encontrar no seu caminho.

Kasie não respondeu. Caminhou para o corredor e ali, na mesa do corredor, estava uma braçada de rosas cor de rosa com o orvalho ainda apegado às sedosas pétalas perfumadas. Levou alguns segundos para perceber que Gil devia ter ouvido cada palavra que ela dissera. Kasie gemeu interiormente enquanto recolhia as rosas. Bem, esse era, provavelmente, o fim de qualquer trégua, pensou. Gil pensaria que ela não conseguira perdoá-lo, o que iria torná-lo ainda mais irritado. A menos que estivesse enganada, iria ser um inferno viver com ele de agora em diante.

Kasie levou as rosas para a cozinha e encontrou um vaso para elas, o qual encheu de água antes de arrumar as flores nele. Com um suspiro, as levou para o seu quarto no andar de cima e as colocou sobre a cômoda. Elas eram lindas. Kasie não podia imaginar o que dera em Gil Callister para sair e colher-lhe um buquê. Mas o gesto a tocou profundamente.

Como era se de esperar, quando Gil entrou cedo para o jantar, estava empoeirado e de mau humor. Precisava fazer a barba. Olhou de cara feia pra todo mundo, especialmente para Kasie.

— Você não vai se limpar o primeiro? — John perguntou, horrorizado, quando se sentou em seu lugar à mesa.

— Pra quê? — murmurou. — Tenho que sair direto lá pra fora outra vez. — Ele pegou sua xícara de café que a Sra. Charters tinha acabado de preencher e colocou creme nela.

— Há algo errado? — John perguntou então, preocupado.

— Temos uma cerca caída. — Seus olhos se encontraram com os de seu irmão. — Não foi rompida. Foi cortada.

John encarou o homem mais velho.

— Outra? Com essa, são duas em menos de dez dias.

— Eu sei. Não posso provar, mas sei que foi Fred Sims.

John assentiu lentamente.

— Isso faz sentido. Um dos cowboys que era amigo dele disse que Sims não tem conseguido



encontrar outro emprego desde que o demitiu.

Os olhos azuis claro de Gil brilharam.

— Aquele maldito cão poderia ter mordido meus bebês, — ele disse. — De jeito nenhum que ele iria mantê-lo aqui depois que aquele animal as perseguiu na varanda.

— Cãozinho mal, — Jenny concordou.

Bess assentiu.

— Ficamos com medo, papai.

— *Sims* ficará com medo se pegá-lo dentro de um quilômetro da minha propriedade, — Gil acrescentou.

— Não fique de vigia, — John alertou seu irmão mais velho. — Chame o xerife. Deixe-o lidar com isso. É isso que ele é pago para fazer.

— Ele não pode estar em toda parte, — Gil respondeu, os olhos estreitos. — Quero todos os cowboys armados, pelo menos com espingardas. Não vou correr nenhum risco. Se ele é descarado o bastante para cortar as cercas e atirar no rebanho, é capaz de coisa pior.

Kasie sentiu seu coração parar. Então era por isso que Gil havia estado por perto do rancho tanto assim recentemente. Aquele homem, *Sims*, tinha ameaçado se vingar. Aparentemente estava matando o gado, bem como cortando as cercas para deixá-los escapar. Imaginou Gil no final de uma arma e se sentiu completamente doente.

— Vou me certificar que todos estejam alerta e preparados para o perigo, — John concordou. — Mas fique fora disso. Você é a única pessoa por aqui que *Sims* adoraria dar um tiro.

— Ele estaria com sorte se conseguisse disparar um tiro, — Gil respondeu imperturbável. Terminou sua refeição e limpou a boca. — Tenho que voltar lá pra fora. Não terminamos de colocar o arame, e não vai demorar muito até escurecer.

— Tudo bem. Vou ligar pro veterinário para falar sobre aquelas carcaças que encontramos. Quero que ele procure por ferimentos à bala.

— Boa ideia.

Gil terminou o último gole de seu café num lúgubre silêncio que pareceu se espalhar para o restante da família. As meninas, sentindo a raiva escondida nos adultos à sua volta, se desculparam e subiram para brincar no seu quarto enquanto a Sra. Charters limpava os pratos. John foi dar um telefonema.

Gil se levantou sem olhar para Kasie e começou a caminhar para a porta da frente. Kasie o alcançou na varanda. Estava quase escuro. O céu estava vermelho ardente, e rosa e amarelo onde o sol estava se pondo.

— Obrigada, — ela falou sem pensar.

Ele parou e se virou.

— Pelo quê?

Seu chapéu estava puxado para baixo sobre os olhos, e Kasie não conseguia ver sua expressão, mas tinha certeza que ele estava emburrado.

Ela foi para perto dele, parando a uma distância de meio braço.

— Pelas rosas, — disse hesitante. — Elas são lindas.

Gil não se mexeu. Simplesmente ficou parado lá, sombrio, silencioso.



— Como você sabe que eram pra você? — ele perguntou com a voz arrastada. — E como sabe que *eu* as trouxe?

Kasie corou, ficando escarlate. Ela não sabia ao certo, mas havia presumido.

Gil desviou os olhos, murmurando baixinho.

— Por nada, — disse laconicamente.

— Aquele homem, Sims, — ela continuou, preocupada. — No dia em que o demitiu, John disse que ele tinha um temperamento ruim e que carregava uma espingarda carregada por todo lugar com ele. Você... você tenha cuidado, tá?

Kasie ouviu a suave liberação de ar. Ele se aproximou um passo, suas mãos magras erguendo o rosto oval dela para o seu. Ela podia ver o brilho suave dos olhos azuis dele na fraca luz vindo das janelas.

— O que te importa se eu levar um tiro? — ele perguntou com voz rouca. — Eu sou a pessoa que te mandou fazer as malas, sem sequer lhe dar a oportunidade de explicar o que aconteceu em Nassau.

— Pauline não gosta de mim, — ela disse. — E você confiava nela. Eu era apenas uma estranha.

— Não mais, Kasie, — disse bruscamente.

— Quero dizer, você não sabia nada a meu respeito, — ela persistiu. Procurou os olhos dele, sentindo golpes de eletricidade fluindo dentro dela com o delicioso contato. — Fiquei chateada e me comportei mal quando você foi à casa de Mama Luke. Mas no fundo, não te culpei por não confiar em mim.

As mãos magras de Gil apertaram seu rosto.

— Não fiz nada além de atormentá-la desde o primeiro dia que veio para cá, — ele disse, transtornado. — Não queria você na minha vida, Kasie, — sussurrou enquanto se inclinava em direção a ela. — Ainda não quero. Mas um homem só consegue aguentar até certo ponto...!

Sua boca capturou a dela esfomeadamente. Seus braços a arrebatarem contra ele, de forma que nem uma polegada de espaço os separava. Por longos e dolorosamente doces segundos, eles se abraçaram na suave escuridão.

Ele finalmente se afastou de Kasie e simplesmente ficou olhando para ela num silêncio tenso, quente. Suas mãos eram firmes ao redor dos braços dela, e Kasie flutuava em direção a ele, impotente.

Ela sentiu seus joelhos trêmulos, como se tivessem geléia neles em vez de ossos e cartilagens.

— Olha, eu sou muito antiquada, — começou num tom sufocado.

— Eu quase nunca faço amor com mulheres no chão em frente à varanda.

Ela o encarou nebulosamente, lentamente tomando consciência de que Gil estava sorrindo e as palavras eram afetuosas e provocantes.

A minúscula gargalhada saiu dos lábios inchados dela, embora o beijo a tivesse aturdido.

— Assim é melhor, — ele disse. Seus olhos se estreitaram. — Como você se sente em relação ao meu irmão?

A mente dela se recusava a funcionar.

— Como eu o quê?

— Se sente em relação a John, — ele persistiu com frieza. — Quando te perguntei por que



queria este emprego, disse que era porque John era uma gracinha. Sei que você tinha uma queda por ele. Como se sente agora?

Kasie estava desorientada para saber o que dizer.

— Eu gosto... dele, — ela falou sem pensar. — Ele tem sido gentil comigo.

— Mais gentil do que eu, com toda maldita certeza. — ele concordou de imediato. — E John acreditou que você era inocente quando eu não acreditei.

Ela franziu a testa.

— Você explicou o porquê.

Suas mãos se apertaram nos braços dela e seus lábios se retesaram.

— John é mais jovem do que eu, solteiro, rico e fácil de lidar, — Gil disse asperamente. — Talvez ele seja a melhor coisa que já aconteceu a você.

Os olhos de Kasie se arregalaram.

— Obrigada. Eu sempre quis um homem grande e forte para planejar o meu futuro por mim.

Ele a soltou abruptamente, irritado.

— Você mesmo disse. Eu sou uma geração mais velha que você, com uma família pronta na bagagem.

Ela não conseguia entender nada do que Gil estava dizendo. Sua mente estava girando quando ergueu os olhos pra ele.

— Talvez você seja o que ele precisa também, — ele acrescentou friamente. — Alguém jovem, otimista e inteligente.

— Você vai comprar o anel, também?

Gil se virou.

— Isso não é engraçado.

— Eu não quero me casar com seu irmão. Obrigada, de qualquer forma.

Ele continuou andando.

Kasie correu atrás dele.

— Aquele tal de Sims tem uma arma, — ela gritou. — Não se atreva a sair lá e levar um tiro!

Ele parou no degrau de cima e olhou pra trás para Kasie como se tivesse dúvidas sobre a sanidade dela.

— John sairá comigo, assim que ele terminar seus telefonemas

— Ótimo! — exclamou irritada. — Agora posso me preocupar com ambos a noite toda!

— Se preocupe com as minhas filhas, — ele disse sem rodeios. — Essa é sua responsabilidade aqui. Você trabalha para mim, lembra?

— Eu me lembro! — respondeu irritada. — Você se lembra?

— Fique em casa com as meninas até que eu diga o contrário. Não quero nenhuma de vocês na varanda ou no quintal até que resolvamos isso, de uma maneira ou de outra.

Gil realmente achava que havia perigo. Ela o ouviu em cada palavra.

— Não vou deixar nada acontecer com Bess e Jenny. Prometo.

Ele olhou para ela.

— Você sabe atirar?

Ela balançou a cabeça.



— Mas sei como discar 911.

— Tudo bem. Mantenha um dos telefones sem fio a mão, só por precaução.

Kasie deu um outro passo em direção a ele, envolvendo os braços apertados em volta de seu próprio corpo.

— Você tem celular?

Gil indicou o invólucro em seu cinto. Foi quando ela percebeu uma velha Colt .45 presa em seu quadril, sob a camisa de brim que ele estava usando aberta sobre a camiseta preta.

Kasie prendeu o fôlego. Até aquele minuto, quando viu a arma, era uma possibilidade. Mas armas eram violentas, caóticas, assustadoras. Ela mordeu o lábio inferior, angustiada.

— Eu vou chegar tarde. Certifique-se de trancar as portas antes de ir lá em cima. John e eu temos as chaves.

— Trancarei, — prometeu. — Tenha cuidado.

Ele ignorou a ordem discreta. Deu uma longa e última olhada nela e desceu os degraus em direção a sua caminhonete que estava estacionada ali por perto.

Kasie ficou no topo das escadas até ele dirigir para longe, olhando atrás dele, preocupada. Queria chamá-lo de volta, implorar para que ficasse do lado de dentro onde estaria a salvo de qualquer retaliação por parte de Sims. Mas não podia. Gil não era o tipo de homem que fugia dos problemas. Não adiantaria nada incomodá-lo. Ele faria o que precisava fazer, quer isso a agradasse ou não.

Ela arrumou as meninas para deitarem e as colocou na cama. Leu um livro do Dr. Seuss que não tinham ouvido ainda. Quando ficaram sonolentas, puxou as cobertas sobre elas e foi na ponta dos pés até a porta, parando para desligar a luz quando saía para o corredor.

Kasie deixou a porta entreaberta e continuou descendo o corredor em direção ao seu quarto. Se arrumou para ir deitar e se enroscou no travesseiro com uma cópia desgastada de *“Histórias”*¹², de Tácito.

— Eu me pergunto se você alguma vez imaginou que as pessoas no futuro ainda leriam as palavras que escreveu quase dois mil anos atrás, — ela murmurou enquanto folheava a obra. — E nada muda, na verdade, muda?, exceto as roupas e as coisas cotidianas. As pessoas são as mesmas.

Seu coração não estava no livro. Ela o pôs de lado e apagou as luzes, pensando em como teria sido há dois mil anos ver seu marido vestir sua armadura e marchar para uma guerra em algum país estrangeiro atrás de um dos generais romanos. Isso a fez pensar em Gil e mordeu o lábio enquanto deitava na escuridão, esperando por um som que iria lhe dizer que ele ainda estava bem.

Eram duas horas da manhã quando Kasie ouviu uma caminhonete estacionar lá fora na parte de baixo dos degraus da frente. Ela arrancou os lençóis e correu para a janela, espiando pela cortina rendilhada bem a tempo de ver Gil e John saírem cansados da caminhonete. John tinha uma espingarda com a culatra aberta sob um braço. Ele liderou o caminho para a casa, com Gil logo atrás.

Pelo menos, graças a Deus, ambos ainda estavam vivos, ela pensou. Voltou para a cama e puxou as cobertas até o queixo. Aliviada, dormiu.

¹² **Histórias** (em latim: *Historiae*) é um livro do historiador romano Tácito por volta do ano 100–110, que cobre o Ano dos Quatro Imperadores após a queda de Nero, a subida de Vespasiano, e o governo da Dinastia Flaviana (69–96) até a morte de Domiciano.



Kasie tinha esquecido o convite de John para ir ao cinema, mas ele não esquecera. E John estava estranho, como se estivesse ponderando algo malicioso, enquanto a esperava descer as escadas com as meninas.

Kasie estava vestindo um lindo terninho de seda verde-escuro com sandálias de tiras e seu cabelo ao redor dos ombros. Ela sorriu para as meninas em seus conjuntos de saia. Elas pareciam uma família, e John ficou tocado. Foi adiante para cumprimentá-las, fazendo uma pausa para beijar a bochecha de Kasie calorosamente.

Gil, que estava trabalhando no escritório, veio pelo corredor bem a tempo de ver seu irmão beijando Kasie.

Seus olhos estilhaçaram com uma inesperada e indefesa raiva. Seus punhos cerraram ao seu lado. Kasie não saía de casa com ele, mas aqui estava ela toda emperiquitada e toda ansiosa para saltar num carro com seu irmão.

John olhou para ele com cautela e escondeu um sorriso.

— Estamos indo ao cinema! Quer vir?

— Não, — Gil disse abruptamente. Evitava olhar para Kasie. — Tenho mais duas horas de trabalho para terminar no escritório.

— Vamos, peça a Srta. Parsons para fazer isso e venha conosco, — John insistiu.

— Eu dei o dia de folga a Srta. Parsons. Ela está visitando uma amiga.

— Deixe isso esperar até amanhã, então.

— Sem chance. Vão em frente e se divirtam, mas não fique muito acomodado. Preste atenção a sua volta, — disse laconicamente, e voltou para o escritório. Ele fechou a porta firmemente atrás de si.

John, por alguma pecaminosa razão, estava esfregando as mãos com absoluto regozijo. Kasie lhe lançou um olhar interrogativo, que ele ignorou enquanto as conduzia para fora, para a noite.

O filme era um para o público em geral, sobre um cantor famoso. John realmente não gostou dele, mas Kasie e as meninas sim. Elas comeram pipoca e riram com as cenas engraçadas, e lamentaram quando a heroína foi menosprezada pelo herói e jogada para fora de seu lar.

— Isso parece familiar, não é? — John murmurou demasiadamente.

— Ela deveria atingi-lo com um pedaço de tijolo, — Kasie murmurou.

— Com uma cabeça tão dura, não sei se isso adiantaria alguma coisa, — ele disse, e Kasie pensou por um minuto que não parecia que John estivesse se referindo ao filme. — Mas eu tenho uma ideia muito melhor, de qualquer forma. Espere e veja.

Ela ponderou sobre a enigmática observação durante todo o filme. Eles foram para casa, jantaram e assistiram televisão, mas não foi até que as meninas fossem para a cama e a porta do escritório se abrisse que Kasie começou a perceber o que John estava tramando. Porque ele esperou até que seu irmão tivesse uma visão desobstruída dos dois, ao pé da escada. E então se inclinou e beijou Kasie. Apaixonadamente.

Kasie estava chocada. Gil estava furioso. John piscou para Kasie antes de se virar para seu irmão.

— Oh, aí está você, — disse a Gil, com um sorriso. — O filme foi ótimo. Te conto tudo amanhã.



Durma bem, Kasie, — ele acrescentou, despenteando o cabelo na têmpora dela.

— Você também, — ela falou com a voz sufocada. Mal conseguia controlar as palavras. John nunca a tocara antes, e ela sabia que não fora por uma paixão fora de propósito ou por um desejo violento que ele a beijara. John obviamente fizera isso para irritar seu irmão mais velho. E estava funcionando! Gil parecia com vontade de morder alguém.

Ele se aproximou de Kasie quando John estava fora de vista lá em cima nos degraus, arrancando um lenço branco como a neve. Ele a segurou pela nuca e limpou o batom borrado dela.

— Você não irá se casar com meu irmão, — ele disse entre os dentes.

— O que disse?

— Eu disse, você não irá se casar com John, — ele repetiu asperamente. — Você é uma funcionária aqui, e isso é tudo. Não vou deixar meu irmão se tornar o seu vale refeição!

Ela arfou de verdade.

— De todas as coisas infundadas, irracionais e insultantes do mundo para se dizer a uma mulher, esta realmente leva o troféu! — ela se enfureceu.

— Eu ainda nem comecei, — ele disse um pouco fora si. Jogou o lenço em cima da mesa do corredor e a puxou brutalmente para seus braços. — Nunca quis bater tanto num homem em toda minha vida, — ele rangeu enquanto sua boca descia sobre a dela.

Kasie não conseguia respirar. Ele não parecia notar, ou se importar. Sua boca era quente, áspera, insistente. Ela se agarrou a frente da camisa dele e deixou as sensações a lavarem completamente como o fogo. Gil a estava insultando. Não devia deixá-lo. Devia fazê-lo parar. Era injusto que a sua boca fosse tão doce, tão magistral, tão ardente. Ela gemeu enquanto as sensações se amontoavam umas nas outras e deixavam seus joelhos trêmulos sob ela.

Gil a trouxe para mais perto e a ergueu contra ele, devorando sua boca com a dele. Kasie sentiu o corpo inteiro começar a tremer com a força do desejo que ele estava lhe ensinando a sentir. Nunca em sua vida conhecera tal prazer, mas mesmo a força faminta do beijo ainda não era suficiente para aliviar a dor nela.

Seus braços subiram e envolveram o pescoço dele e ela se segurava como se pudesse morrer se o soltasse. Gil gemia roucamente enquanto seu corpo começava a endurecer. Ele a queria. Queria deitá-la no tapete persa, fazer amor apaixonadamente com ela. Queria...

Ele arrastou sua boca da dela e desceu o olhar para Kasie com acusação e raiva violenta.

— Estou louco, — ele rosnou. — Você não deveria gostar disso.

— Tudo bem, — ela murmurou, tentando persuadir a boca de Gil a descer de volta para a dela. Kasie não tinha vontade, nem orgulho, nem razão naquele momento. Apenas queria que o prazer continuasse. — Volte aqui. Vou fingir que odeio isso.

— Kasie...

Ela encontrou a boca de Gil e gemeu roucamente enquanto ele saciava sua própria fome e a esmagava contra a extensão de seu corpo alto e em forma. Foi o beijo mais glorioso de toda sua vida. Se apenas nunca acabasse...

Mas acabou, cedo demais, e ele disparou para longe dela como se tivesse provado veneno. Seus olhos brilhavam.

— Se alguma vez deixar John te beijar de novo, vou jogar vocês dois pela janela!



Ela abriu a boca para falar, mas antes que conseguisse organizar as palavras a campainha da porta da frente tocou.

Era um dos cowboys. Mais duas cabeças de gado foram baleadas e o atirador ainda estava próximo a cabine. Um dos cowboys o tinha imobilizado com um tiro de espingarda e precisava de reforços. Gil levou precisamente cinco minutos para chamar John, carregar sua Winchester e sair pela porta. Mal teve tempo de advertir a Kasie sobre se aventurar lá fora até que a situação estivesse sob controle. Ela nem sequer teve uma chance de pedir a ele para ter cuidado. Subiu as escadas, assim ficaria perto das meninas, mas sabia que esta seria uma noite que não pregaria o olho.

Capítulo 11

Kasie ficou acordada pelo resto da noite. Quando amanheceu, ainda não tinha ouvido Gil entrar na casa. E uma vez pensara ter ouvido um tiro ser disparado. Lembrar de como Sims devia ser perigoso a deixou ainda mais desconfortável. E se Gil tivesse sido baleado? Como ela viveria? Não poderia suportar a ideia de um mundo sem Gil nele.

Ela se levantou e se vestiu no mesmo instante em que a Sra. Charters entrava na cozinha para começar o café da manhã. John e Gil não estavam em lugar algum à vista.

— Eles não entraram mesmo? — Kasie perguntou a Sra. Charters.

— Ainda não, — a mulher mais velha disse, e parecia preocupada. — Tinha carros de polícia e carros de xerife em tudo quanto é lugar mais ou menos duas horas atrás, — acrescentou. — Eu os vi da minha casa.

— Pensei ter ouvido um tiro, mas não vi nada, — Kasie disse, e então realmente ficou preocupada.

— Você não poderia tê-los visto, eles estavam a três quilômetros mais abaixo da estrada. Mas tenho certeza que ficaríamos sabendo se alguma coisa tivesse acontecido a Gil ou John.

— Oh, espero que sim, — Kasie disse fervorosamente.

— Vou fazer café, — ela disse. — Pode tomar um pouco em alguns minutos.

— Obrigada, Sra. Charters. Vou ir sentar na frente da varanda.

— Faça isso, querida.

O rancho era mais bonito de manhã cedo, Kasie pensou, quando rompeu o amanhecer no horizonte e o gado e os cavalos começaram a se mover pelo pasto. Adorava essa parte do dia, mas agora era um tormento sentar, ficar se questionando e não ser capaz de fazer nada. Será que tinham encontrado Sims? Ele estava sob custódia ou à solta? E o mais assustador de todos era a lembrança do único tiro. Será que Gil fora ferido?

Ela roeu as unhas em seu nervosismo, um hábito adquirido na infância. Não parecia haver um veículo no mundo. A rodovia estava perto o suficiente para que o som dos veículos em movimento pudesse ser ouvido muito fracamente, mas a esta hora havia muito pouco tráfego. De fato, não havia nenhum.

Ela se levantou do balanço da varanda e começou a andar inquieta. E se Gil tivesse sido baleado? Certamente alguém teria telefonado. John teria, ela tinha certeza. Mas e se o ferimento



fosse grave, tão grave que ele não poderia sair do lado de seu irmão nem por tempo suficiente para fazer um telefonema? E se...!

O som de uma caminhonete descendo a longa estrada do rancho prendeu sua atenção. Kasie correu para o topo das escadas e ficou com o coração batendo como louco. Era uma das caminhonetes do rancho. Ela a reconheceu. Dois homens estavam na cabine. Eles vinham numa veemente pressa. Seria John e um dos ajudantes, vindo lhe dizer que Gil estava machucado, ferido, morrendo?

A poeira subiu quando o motorista parou bruscamente na frente da casa. Ambas as portas se abriram. Kasie pensou que iria desmaiar. John saiu do lado do passageiro, inteiro, ileso e sorrindo. Gil saiu do outro lado, empoeirado e esgotado, com um corte sangrando ao lado de sua boca. Mas ele estava inteiro, não fora ferido, não levava um tiro, não...

— Gil! — Ela gritou o nome dele, cega, surda e muda para o resto do mundo enquanto saía de seu transe congelado e descia correndo os degraus, pulando completamente o último e disparando direto para os braços dele.

— Kasie... — Ele não conseguia falar de jeito nenhum, porque ela o estava beijando, cegamente, com fervor, como se ele acabasse de voltar dos mortos.

Gil parou de tentar falar. Ele a beijou de volta, seus braços a envolveram tão pertinho que os pés dela ficaram pendurados, balançando no ar enquanto ele respondia à dolorosa fome da boca de Kasie.

Ela estava tremendo quando ele levantou a cabeça. Os olhos de Gil estavam brilhando com sentimento enquanto procurava os olhos dela e via cada única emoção de Kasie. Ela o amava. Não podia ter-lhe dito isso mais claramente se tivesse gritasse.

John apenas deu uma risada.

— Eu vou tomar café enquanto vocês dois... conversam, — murmurou secamente, contornando-os sem olhar para trás.

Nenhum deles ouviu ou o viu sair. Eles se olhavam com dolorosa ternura, tocando rostos, lábios, ponta dos dedos.

— Eu estou bem, — ele sussurrou, beijando-a novamente. — Sims atirou em nós, mas errou. Foi preciso dois agentes do xerife, os cães de caça e uns poucos ajudantes do rancho, mas o localizamos. Ele está na cadeia, cuidando de suas feridas.

Ela traçou o sangue seco em seu rosto.

— Ele bateu em você.

Gil deu de ombros.

— Eu bati nele também. — Ele sorriu de forma extravagante. — Chega de fingir que apenas trabalha para mim, Kasie, — disse com malícia deliberada em seu tom.

Ela tocou o cabelo cheio de poeira dele.

— Eu amo você, — ela disse com a voz rouca. Seus olhos procuraram o dele. — Está tudo bem?

— Isso depende, — ele refletiu, inclinando-se para beijá-la suavemente. — Nós discutimos sobre ser antiquado, lembra?

Ela corou.

— Eu não estava sugerindo...



Ele tomou o suave lábio superior dela em ambos os seus e o mordiscou.

— Este é o último lugar no mundo onde eu e você poderíamos levar um tórrido romance, — ele assinalou. — As meninas sabem tirar maçanetas se tiverem as ferramentas certas, e a Sra. Charters provavelmente tem microfones e câmeras ocultas em cada quarto. Ela sempre sabe o que quer que esteja acontecendo por aqui. — Ele levantou a cabeça e procurou os olhos dela. — Estou feliz que você ame crianças, Kasie. Eu realmente não planejo parar em Bess e Jenny. — falou suavemente.

— Sério?

— Deveríamos ter um ou dois nossos, — ele acrescentou calmamente. — Meninos são comuns na minha família, mesmo que Darlene e eu nunca fomos capazes de ter um. Se tivéssemos um filho ou dois, daria a Bess e Jenny uma chance de fazer parte de uma família grande.

Os olhos dela se tornaram sonhadores.

— Poderíamos ensinar a todos como usar o computador e a amar o gado.

Gil sorriu com ternura.

— Mas primeiro, acho que poderíamos nos casar, — ele sussurrou em seus lábios. — Assim a sua tia não terá que ficar constrangida quando disser às pessoas o que você está fazendo.

— Não iríamos querer constranger Mama Luke, — ela concordou, transbordando de alegria.

— Deus me livre! — murmurou. Ele a beijou de novo, com silenciosa paixão. — Ela pode vir para o casamento. — Ele hesitou e seus olhos escureceram. — Não tenho certeza em relação ao meu irmão. Eu poderia tê-lo esganado por beijar você!

— Eu ainda não sei por que ele fez isso, — ela disse.

Gil riu.

— Ele me disse. Queria ver se eu tinha ciúmes de você. Eu o infernizei a noite toda até Sims aparecer. John riu o caminho todo de volta para o rancho. Chega de ficar atijando as pessoas, — acrescentou com um sorriso fraco. — Vou deixá-lo ser o padrinho, eu acho, mas ele será o único homem na igreja que não chegará a beijar a noiva!

Kasie riu.

— Que família malvada eu vou ganhar quando me casar, — ela disse enquanto se erguia para beijá-lo. — E por falar em malvado, temos que convidar K.C., — acrescentou, timidamente.

Gil congelou, levantando a cabeça.

— Não sei, Kasie...

— Você vai gostar dele. De verdade, vai, — ela prometeu, sorrindo amplamente.

Ele fez uma careta.

— Acho que cada um de nós tem que ter pelo menos uma desvantagem, — murmurou. — Eu tenho um irmão lunático e seu melhor amigo é um assassino.

— Ele não é. Você vai gostar dele, — repetiu, e puxou a cabeça dele para baixo em direção à sua novamente. Ela o beijou com entusiasmo, desfrutando o calor, a sábia instrução de sua rígida boca. — Deveríamos ir e contar às bebês, — ela sussurrou contra sua boca.

— Não precisa, — ele murmurou.

— Tio John, olha! Papai está beijando Kasie!

— Está vendo? — ele acrescentou com um sorriso enquanto levantava a cabeça e indicava a porta da frente. Parados ali, sorrindo também, estavam John, Bess, Jenny, a Sra. Charters, e a Srta.



Parsons.

O casamento foi o evento social de Medicine Ridge durante o verão. Kasie usou um lindo vestido branco de renda e com um decote em forma de fechadura¹³, com um gorro Julieta¹⁴ e um longo véu. Ela se parecia, Gil lhe sussurrou quando se juntou a ele no altar, com um anjo.

Seus olhos excitados aprovaram o elegante terno cinza com colete que ele usava, que fazia seu cabelo parecer ainda mais loiro. Em cada lado deles estavam Bess e Jenny com vestidos azuis combinando, carregando cestos de rosas brancas. Próximo a eles estava John, o padrinho de seu irmão, remexendo no bolso, procurando pelas alianças de casamento pelas quais era o responsável.

Enquanto a cerimônia prosseguia, um homem alto e loiro no banco da frente assistia com melancólicos olhos estreitos e saudosos como sua afilhada se casava com o mais velho dos herdeiros Callister. Nada mal, K.C. Kantor pensou, para uma menina que mal sobrevivera a uma revolta militar, antes mesmo de nascer. Ele olhou para a mulher sentada ao seu lado, os olhos tristes e quietos, ao contemplar o que poderia ter sido se tivesse encontrado a tia de Kasie antes de seu coração levá-la a uma vida de serviço numa ordem religiosa. Eles eram os melhores dos amigos e se correspondiam. Ela seria sempre a família dele. Era a única família que tinha, ou que jamais iria ter, exceto por aquela doce jovem no altar.

— Ela não está linda? — Mama Luke sussurrou-lhe.

— Uma verdadeira visão! — ele concordou.

Ela sorriu para ele com caloroso afeto e voltou sua atenção para a cerimônia.

Quando o padre os declarou marido e mulher, Gil levantou o véu para beijar Kasie. Houve suspiros ao redor, até que uma pequena mão puxou a saia de Kasie com sofreguidão e uma vozinha foi ouvida, perguntando queixosamente:

— Já terminou, papai? Eu tenho que ir ao banheiro!

Mais tarde, rindo da pequena interrupção quando se reuniram no salão de confraternização da igreja, Gil e Kasie afagavam, cada um, uma garotinha e as alimentava com bolo.

— Foi gentil da parte de Pauline se desculpar pelo que ela fez nas Bahamas, — Kasie murmurou, lembrando do telefonema que a tinha tanto surpreendido quanto agrado um dia antes da cerimônia.

— Ela realmente não é tão ruim assim, — Gil ponderou. — Apenas irresponsável e possessiva. Mas mesmo assim não a quis no casamento, — acrescentou com um sorriso. — Só por precaução.

— Entretanto, queria que tivesse convidado seus pais, — Kasie disse a Gil suavemente.

— Eu convidei, — ele respondeu. — Eles estavam a caminho das Bahamas e não podiam perder seu tempo. — Ele sorriu. — Não se preocupe com esse assunto, Kasie. Algumas coisas não podem ser mudadas. Nós somos uma família, você, eu, as meninas e John.

— Sim, somos, — ela concordou, e se ergueu para beijá-lo. Olhou ao seu redor com curiosidade. Mama Luke interceptou o olhar e se juntou a eles.

— Ele se foi quando estávamos vindo pra cá, — ela disse a Kasie. — K.C. nunca foi sociável. Creio que ele esteja se dirigindo ao aeroporto a essa altura.

¹³ **Decote em forma de fechadura:** No original, *keyhole neckline*. Veja figura na última página.



— Foi muito bom da parte dele ter vindo.

— Foi, — ela concordou. Entregou uma pequena caixa a Kasie. — Ele me pediu para dar isto a você.

Kasie franziu a testa, fazendo uma pausa para abrir a caixa. Ela retirou um colar de ouro com uma minúscula bola de cristal pendurada nele. Dentro da bola tinha uma semente muito pequena.

— É uma semente de mostarda, — Mama Luke explicou. — É de uma citação bíblica: “Se você tiver ao menos essa quantidade de fé, como um grão de mostarda, nada é impossível”.¹⁵ É para te lembrar que milagres acontecem.

Kasie embalou o colar em sua mão e ergueu o olhar para Gil com o coração em seus olhos.

— Realmente acontecem, — ela sussurrou, e todo o amor que tinha por seu novo marido estava em seu rosto.

Na noite seguinte, Kasie e Gil estavam emaranhados em uma cama *king-size* numa casa de praia alugada em Nassau, exaustos e deliciosamente relaxados com sua primeira intimidade.

Kasie se moveu timidamente contra ele, o rosto ainda corado em consequência da melhor sensação física que já experimentara.

— Pare com isso, — ele murmurou sonolento. — Estou sem utilidade agora. Vá dormir.

Ela riu com puro deleite e se enroscou pra mais perto.

— Tudo bem. Mas não se esqueça de onde paramos.

Gil a puxou mais pertinho.

— Como se eu pudesse! — Ele se inclinou e a beijou, os olhos fechados. — Kasie, eu nunca sonhei que pudesse ser tão feliz assim de novo. — Seus olhos se abriram e olharam dentro dos dela com fervente posse. — Eu amei Darlene. Uma parte de mim sempre vai amá-la. Mas eu morreria por você, — acrescentou asperamente, seus olhos ardendo de emoção.

Desarmada, Kasie enterrou o rosto em sua garganta e estremeceu.

— Eu morreria por você, — ela falou com a voz sufocada. Se agarrou mais forte a ele. — Eu te amo!

Sua boca encontrou a dela, faminta por contato, pelo compartilhar da feroz e extraordinária necessidade. Ele a puxou sobre seu corpo relaxado e a segurou até que o tremor parasse. Seu fôlego saiu carregado no ouvido dela.

— Para sempre, Kasie, — ele sussurrou, trêmulo.

Ela sorriu.

— Para sempre.

Eles dormiram, finalmente, e quando o amanhecer se infiltrou pelas cortinas venezianas e o som do surf ficou mais alto, houve uma batida na porta.

Gil abriu os olhos, ainda sonolento. Ele olhou para Kasie, dormindo profundamente de bruços,

¹⁴ **Gorro Julieta:** No original, *Juliet cap.* Veja figura na última página.

¹⁵ **Mateus 17:20**

(...) Eu afirmo a vocês que isto é verdade: se vocês tivessem fé, mesmo que fosse do tamanho de uma semente de mostarda, poderiam dizer a este monte: “Saia daqui e vá para lá”, e ele iria. E vocês teriam poder para fazer qualquer coisa! – **Bíblia Sagrada - NTLH** (Nova Tradução Na Linguagem de Hoje)



sorrindo mesmo assim. Ele sorriu também, e jogou o lençol sobre ela antes de vestir sua bermuda e ir atender a porta.

O choque quando a abriu era evidente. Na entrada da porta estava um homem de cabelos prateados em calças folgadas informal e camisas de grife e uma mulher grisalha num elegante, mas informal, vestido de verão com uma blusa por cima. Eles estavam carregando o maior buquê de orquídeas que Gil já vira em sua vida.

O homem empurrou o buquê em direção a um hesitante Gil com um sorriso que parecia tanto hesitante quanto inseguro.

— Parabéns, — ele disse.

— De nós dois, — acrescentou a mulher.

Ambos ficaram parados lá, esperando.

Enquanto Gil procurava pelas palavras, houve um movimento por trás dele e Kasie chegou à porta usando o folgado vestido florido de algodão que comprara para a viagem, os longos cabelos castanhos desgrehados, com um largo sorriso.

— Olá! — ela exclamou, passado por Gil para abraçar a mulher e depois o homem, e ambos coraram. — Estou tão feliz que puderam vir!

Gil a encarou.

— O quê?

— Eu liguei para eles, — Kasie disse, apertando a mão grande dele na sua. — Eles disseram que gostariam de vir e almoçar com a gente, e eu lhes disse para vir hoje. Mas perdi a hora e dormi demais, — acrescentou, e corou.

— É a sua lua de mel, você deveria acordar tarde, — a mãe de Gil, Magdalene, disse suavemente. Ela olhou para o filho, nervosa. — Queríamos vir para o casamento, — ela disse. — Mas não queríamos, bem, estragar o dia de você.

— É verdade, — Jack Callister concordou com a voz áspera. — Não temos sido bons pais. No início éramos muito irresponsáveis, e depois estávamos muito envergonhados. Especialmente quando Douglas levou vocês e perdemos contato. — Ele deu de ombros. — É tarde demais para começar de novo, é claro, mas tínhamos alguma esperança de, bem, conhecer você e John. E as meninas, claro. Isto é, se você, uh, se você... — Ele deu de ombros.

Kasie apertou a mão de Gil, com força.

— Eu gostaria disso, — ele disse de forma amável.

Os semblantes deles mudaram. Eles estavam radiantes. Por alguns segundos, pareciam crianças de cabelos prateados na manhã de Natal. E Gil percebeu com choque gritante que eles eram apenas isso: crianças crescidas sem nenhuma ideia de como ser pais. Douglas Callister tinha sustentado os rapazes, e ele não tinha seu irmão Jack em bom conceito. Assim sendo, não tinha incentivado contato. Uma vez que os Callisters mais velhos não sabiam como se aproximarem de seus filhos diretamente, perderam o contato e não conseguiram encontrar um jeito de alcançá-los de maneira alguma.

Ele olhou para Kasie, e tudo isso fez sentido. Ela havia amarrado as pontas soltas. Reunira a família novamente.

Kasie apertou a mão de Gil mais uma vez, erguendo os olhos para ele com radiante deleite.



— Nós poderíamos nos vestir e encontrá-los no restaurante. Depois de colocar isso aqui na água, — acrescentou, abraçando o buquê perto do seu coração e cheirando-o. — Nunca ganhei orquídeas na minha vida, — ela disse com um sorriso. — Obrigada!

Magdalena riu nervosamente.

— Não, Kasie. Obrigada a você.

— Nós vamos nos vestir e encontrá-los em mais ou menos quinze minutos, no restaurante, — Gil conseguiu dizer.

— Genial! — Jack disse. Ele pegou a mão da mulher e ambos sorriram, parecendo dez anos mais jovens. — Vemos vocês lá!

A porta fechou e Gil olhou para Kasie com admiração.

— Pensei que eles poderiam gostar de nos visitar no rancho no mês que vem, também, — Kasie disse, — assim podem conhecer as meninas.

— Você é incrível, — ele disse. — Absolutamente incrível!

Ela tocou com os dedos o colar que K.C. lhe dera no casamento.

— Eu gosto de milagres, você não?

Gil soltou uma gargalhada. Ele a ergueu e a girou num arco, enquanto ela gritava e agarrava o seu buquê firmemente. Ele a colocou no chão com suavidade e a beijou violentamente.

— Eu te amo, — ele disse com voz rouca.

Kasie sorriu.

— Sim, e olha o que você recebe quando ama as pessoas? Você recebe todo o tipo de surpresas agradáveis. Na verdade, — ela acrescentou com um sorriso malicioso, — Eu tenho todo o tipo de surpresas em estoque pra você.

Gil respirou fundo e olhou para ela com calorosa afeição.

— Mal posso esperar.

Kasie o beijou suavemente e foi se vestir. Ela pensou na Darlene de Gil, em seus próprios pais, no irmão gêmeo que perdera e na família dele, e esperava que todos soubessem, de alguma forma, que ela e Gil estavam felizes e que tinham um futuro brilhante, com as duas garotinhas e os filhos que teriam juntos. Enquanto ia ao *closet* pegar seu vestido, seus olhos estavam cheios de sonhos. E os de Gil também.

Fim





Angus



Angus é uma raça de bovinos, destinada à produção de carne de qualidade superior, tem as suas origens no Nordeste da Escócia, onde o seu aperfeiçoamento começou há cerca de 200 anos.

Hoje o Angus está a ser criado em quase todo o mundo, nos quais destacam-se: Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Europa e Nova Zelândia.

Mini Collie (No original: "toy collie")

O cão **Pastor de Shetland**, também conhecido como **Sheltie** ou "**mini collie**" é um cão originário das Ilhas Shetland. Sua função inicial é o pastoreio de ovelhas, sendo que essa atividade era praticada por esses cães há um bom tempo na Ilha Shetland. A aparência do Pastor de Shetland é delicada. Lembram muito um Collie, mas de tamanho reduzido. O Sheltie assim com o Collie possui pelagem dupla. O pêlo de cobertura é mais longo, mais áspero e reto. O subpelo é macio, curto e denso.



Avião Piper (No original: "Piper plane")

Avião de pequeno porte, que possui vários modelos, entre eles: Piper PA-18, Piper Cherokee e Piper CUB.

Chaparreira (No original: "Chaps" ou ainda "Batwing chaps")

Calça de couro usada pelo peão ou cowboy por cima do jeans durante a montaria para proteger as pernas.



Chemisier (No original: "shirtwaist dress")

Do francês chemise, que significa camisa. Modelo de vestido abotoado na frente, imitando a camisa masculina. Tem como principal característica o corte. É um clássico da moda.

Decote em forma de fechadura: No original, *keyhole neckline*.



Gorro Julieta: No original, *Juliet cap*.

